

Boletim da Comissão Catarinense de

FOLCLORE



1999

**EDIÇÃO PATROCINADA PELO
GOVERNO DO ESTADO**

Pede-se permuta
Pidesse canje
We ask exvhanger
Sirichiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austansech
Oni petas intersangon

Comissão do Boletim:

Edição e Direção:

Doralécio Soares
Presidente

Nereu do Vale Pereira
Vice-Presidente

Endereço para correspondência:
Rua Júlio Moura, 146 - 1º andar
88020-150 - Florianópolis - SC

NOSSA CAPA

GRUPO FOLCLÓRICO VINO, AMORE E TRADIZIONE

O grupo foi fundado em 13/01/1988 por um grupo de alunos do curso de língua italiana, após participarem da 2ª Festa do Vinho. O grupo tem como objetivo resgatar, divulgar e valorizar a cultura italiana trazida pelos nossos antepassados que colonizaram o sul de Santa Catarina, mais precisamente Urussanga. Para a escolha do nome foram selecionados elementos fortemente significativos para a nossa cultura, história e à população do nosso município. Declarado de Utilidade Pública pela Lei nº 1.330, de 17/12/91. Visando manter o objetivo de autenticidade, o grupo mantém intercâmbio com associações culturais, grupos folclóricos e pesquisadores italianos para a montagem de seu repertório. Os trajes foram copiados de modelos usados no final dos anos 1800 e início dos anos 1900, usados em dias de festas.

As danças foram resgatadas de períodos bem mais anteriores. As músicas também variam conforme a região, danças e influências. O grupo tem sido citado por jornais, revistas italianas como ponto de referência para intercâmbio entre as várias associações dos dois países.

Desde a sua fundação tem se apresentado nos mais variados tipos de eventos: culturais, religiosos e filantrópicos.

Neide de Pillegrin

EDITORIAL

Aqui está a Comissão Catarinense de Folclore, com o seu Boletim nº 51, correspondente ao Ano de 1999. Órgão representativo da Comissão, destacando as atividades da mesma, no decorrer do Ano que se encerra.

Felizmente, mesmo lutando com as dificuldades inerentes do cargo que ocupamos, conseguimos com o apoio do Governador Esperidião Amin concluir mais este número, que registra a colaboração de vários membros desta Comissão. Destacamos a participação efetiva do Vice-Presidente Nereu do Vale Pereira, com o seu valioso trabalho "Sem-eira nem-beira" entre outros presentes nesta edição. Decidimos nesta edição reeditar trabalhos publicados em edições anteriores. Destacamos neste número Artesanato Rural de Santa Catarina de autoria de Walter Fernando Piazza, que por muitos anos colaborou com o Ex-Presidente desta comissão; Dr. Osvaldo Rodrigues Cabral, como Secretário executivo. Nas edições seguintes reeditaremos novos trabalhos que ilustram os nossos Boletins, procurando levar a todos que nos lêem, as valiosas colaborações neles inseridas.

Neste número publicamos importantes matérias publicadas no jornal A Notícia de Joinville, e Jornal o Estado da Capital Catarinense, matérias estas assinadas, de responsabilidades de seus autores. O Nosso Noticiário Cultural tem sido destacado com importantes comunicações que são enviadas à Comissão Catarinense, não somente no que concerne a Santa Catarina, e a outros Estados, no que se relaciona ao folclore. Registramos com prazer o recebimentos de Boletins de várias Comissões, entre elas destacamos CARRANGA, da Comissão Mineira de Folclore e Boletim da Comissão Paraense de Folclore, BULLETIN da Societé Suisse des Américanistes Schweizerische Amerikaniste-Gesellschaft, ARTE BLUMENAENSE EM DESTAQUE, São Francisco do Sul - Turismo & ARTE. COFI - Correio Filatélico. Pequena História de um Imigrante Carl Weeg e a Arquitetura Enxaimel em Pomerode, idem Amor à Natureza. ORDEM ROSA CRUZ - AMORE. Instituto Cultural ITAU-Programação Comentada. Mapa e Atrativos TURÍSTICOS - Massaranduba. Univalle - Universidade Vale do Itajaí. Balneário Camboriú - Por Terra, Céu e Mar. AGENDA CULTURAL da Prefeitura Municipal de São Paulo. PRESENÇA - Órgão Oficial do Conselho Estadual de Cultura do Piauí. FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU - Cultura e Movimento. IHGSC - Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Boletins BRINCANTES - Encarte Cultural da Prefeitura do Recife. Além de outras valiosas publicações. Pernambuco - Manifestações Folclóricas e Religiosas.

SUMÁRIO

Folclore e Turismo Cultural - Doralécio Soares	05
Adágio Popular - "Indivíduo sem eira nem beira". Nereu do Vale Pereira	09
Hermann Bruno Otto Blumenau - Theobaldo Costa Jamundá	17
Escritora Maria da Graça Coelho - Doralécio Soares	25
O Grande Circo de Juarez Machado - Doralécio Soares	27
Estórias do Boto (Malhado) - Na Baía Sol - Pedro Rocha Silva	29
II Encontro Regional de Danças Folclóricas Alemãs	33
Colônia Alemã Chega aos 170 Anos - Maurício Oliveira	35
Nosso Folclore	39
Ensaio de Promessa de Quicumbi - Mostardas - Lilian Argentina Braga Marques/Sonia Siqueira Campos	44
Documentário Musical	53
Anita-Mulher	57
Grupo Arcos Preserva Cultura Açoriana - Maurício Oliveira	64
Luta Pela Recuperação de Monumentos Históricos	67
Visão Folclore Nacional - Enéas Athanázio	69
O Visual e o Autêntico - Aleixo Leite Filho	70
Professor Dr. José Sant'Anna - Doralécio Soares	73
Cantadores Preservam o Boi-de-Mamão	74
Pesquisa desenvolvida na Capital mostra forma diferenciada de praticar tradição Açoriana - Aline Felkl	75
A Música Lírica de Hélio Rosa - Aldírio Simões	76
Músico chega aos 70 anos cercado pelos diversos e raros tipos de instrumentos	80
Festa do Divino Relembra Tradições	81
Biblioteca Abre Espaço Cultural	85
Biblioteca Professor Barreiros Filho	86
O Brasil perdeu um grande Folclórogo - José Carlos Rossato	87
Aleixo Leite Filho O "Mestre do Folclore"	88
Congresso Internacional Discute Festa do Divino	91
Grupo "Cantando Si Vá"	97
Grupo Folclórico Germânico Böhmerwald	98
Grupo Folclórico Italiano "Valsugana" - Histórico	100
Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina	101
Anexo recebe hoje Medalha do Mérito Cultural - Nilson Bastian	105
História de Santa Catarina	108
Prefeitura Municipal de Florianópolis	114
35º Festival do Folclore	115
Anita Garibaldi - Uma Heroína Brasileira	121
Festa de Nossa Senhora da Lapa	122
A Biblioteca e seus Patronos	125
XVII Feira de Artes e Tradições Populares	127
Feira dos Municípios atrai 35 mil Pessoas	132
Santa Catarina no Século XX	134
Grupo Sul	135
Folha do Oeste	138
IV Congresso Binacional de Folklore Chileno, Argentino Y para Los Países Del Mercosur	140

NOTICIÁRIO CULTURAL (páginas diversas)

1-2 - Anexo recebe Medalha Cultural do Mérito Doralécio Soares, Gilmar Knaesel - Editora Insular. Elke Hering - Fundação Cultural de Joinville. Editora SENAC lança Anita Garibaldi - Instituto Histórico, - Carlos Manoel Martins do Vale César. Editora Garapuvu.

2 - Editora de Letras Contemporâneas lança História de Santa Catarina - Blumenau 150 Anos. Fundação Cultural - IV Salão Elke Hering. Joinville 1843. O Príncipe de Joinville Cruz e Sousa, o Poeta do Desterro, Camerata de Florianópolis. Presidente da Assembléia Legislativa - Exposição: Acervo do Prof. WOLFGANG RAU. Insular: Amor à Ilha de NARA SENA. Editora Garapuvu.

- Escola Técnica Federal - Cerimônia de Abertura. Prefeitura de Florianópolis. Biblioteca Barreiros Filho. Instituto Histórico, concede Comenda a Sílvio Coelho dos Santos. OLÍMPIA - 35º Festival de Folclore. Departamento Artístico Cultural da UFSC. Cinza de Fênix de Alcides Buss. Congresso Internacional das Festas do Divino. Amigos da Associação da Biblioteca Prof. Barreiros Filho. Convite dos Artistas: Francisco Wilde e outros. Escritora Maria da Graça Coelho, lança livro. Fundação Cultural Senhor Jesus dos Passos. Biblioteca Prof. Barreiros Filho inaugura fotos dos PATRONOS: Doralécio Soares e Abelardo Souza. Enedino Batista Ribeiro é homenageado pelo Instituto Histórico e Geográfico. Biblioteca Pública do Estado lança livro de Nilson Thomé. Diário Catarinense lança livro "O Plano Surreal" de Sérgio da Costa Ramos. ANITA GARIBALDI é editado pela Editora do SENAC. Obra de Paulo MARKUN - Recife. PARINTINS, Lula Gonzaga, Ubiricy Ferreira e Sandra Sales na Comissão julgadora do Festival Boi-Bumbá. Festa de Nossa Senhora da Lapa no Ribeirão da Ilha. Instituto Histórico e Geográfico. Editora INSULAR "tão fortes quanto a vontade". Escritora Leatrice Moellmann: "O AMOR NOS NOVENTA". II Conferência Sul Americana de Estudos em Artes Populares. Prefeitura de São Gonçalo - Rio de Janeiro. XVII - Feira de Artes e Tradições Populares. Associação Cultural - Orquestra Sinfônica de Santa Catarina. Estrela GUIA - Imbituba - "Presépios e Lapinhas" SESC - São Paulo. Blumenau: Festival de Danças Folclóricas. Academia Catarinense de Letras I Bial do Livro Mercosul. NUR, livro do Escritor Salim Miguel. Jaraguá do Sul, Museu do parque Malwee. Florianópolis Editora Insular convida. Biblioteca Barreiros e Grupo de Poetas Livres convidam. Música com Tahysa Souza Sepetiba - Coquetel da Big PAN 24 horas. Florianópolis Madame Hermet. Deputado Gilmar Knaesel e Editora da UFSC convidam. BADESC: A Natividade BOTTICELLI. Feira dos Municípios atrai 35 mil. Santa Catarina no Século Vinte.

Academia Catarinense de Letras e o Grupo SUL. O Escritor José Pereira. O ESCRITOR DO ANO. Belém do Pará - Maria Brígido recebe medalha do Mérito (foto) Mensagem da Fundação Cultural de Blumenau, idem Associação Olimpense de Defesa do Folclore. Deputado Gilmar Knaesel convida para Exposição da Guerra do Contestado. - Jornal Folha do Oeste. Folclorista Alexandre Tiezerini Sindicato dos Eletricitários - Editora Papa-Livros. Instituto Histórico e Geográfico e a Academia Catarinense de Letras. Deputado Gilmar Knaesel convida - CHILE - ARGENTINA. IV Congresso Binacional de Folclore. Fpolis, BADESC - Mara SANTOS.

FOLCLORE E TURISMO CULTURAL

Doralécio Soares

Cartazes indicando CASAS E PROMOÇÕES CULTURAIS nos estados.

O Folclore no Turismo Cultural destaca-se por levar aos que visitam os estados ou pontos de interesse pessoal, que se destacam dentro da grandeza do Brasil. Esses procuram conhecimentos culturais, além de simplesmente diletantismo vazio, sem proveito. Diante disso, os responsáveis pelos setores culturais dos estados e municípios, através dos órgãos que dirigem, procuram promover o que de melhor poderão oferecer aos que visitam os estados. Em razão disso surgem os cartazes indicando essas promoções.

O título Folclore e Turismo Cultural destaca nos cartazes essas promoções, no sentido de levar antecipadamente aos que programam seus passeios com suas famílias, um lazer mais produtivo e não simplesmente passeios vazios, apenas para mudança de rotina. Por essa razão destacamos os textos de alguns cartazes, em que o turista interno e externo possa melhor programar suas férias juntamente com seus familiares.

Florianópolis, SC - março de 1999

Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos. Lema: "Com o Senhor Jesus dos Passos, rumo ao Terceiro Milênio".

Concórdia - Santa Catarina

Primeiro Acampamento Nativista Gaúcho, Concórdia, SC. FANDANGO com Leonardo e o Grupo Rodeio, Apresentações especiais de "Malambo e Chula." Concurso: Invernadas Artísticas, Gaiteiros, Trovadores, Declamações e Cantores. Promoção: Grupo Folclórico Estampa Gaúcha - Prefeitura de Concórdia e Fundação Rádio Rural.

Florianópolis, SC

III ENCONTRO REGIONAL DE FOLCLORE. 250 Anos do Povoamento Açoriano na Ilha de Santa Catarina - 1998. I ENCONTRO ESTADUAL DE FOLCLORE, 1994.

Recife - PE

CASA DA CULTURA de Pernambuco no Recife - Prédio construído

entre 1850 e 1867. Projetado pelo Engenheiro José Mamede Alves Ferráira, foi Casa de Detenção até 1973. Em 1976, após intensa reforma, foi inaugurada a CASA DA CULTURA de Pernambuco. Com linhas arquitetônicas originais preservadas, Casa da Cultura se tornou centro cultural do Estado, onde se reúnem salas de cinema, e de teatro, palco externo, biblioteca de xadrez, galeria de arte, e ainda mais noventa lojas de artesanatos genuinamente nordestinos. As lojas foram instaladas nos antigos cubículos que abrigavam os presos nos três andares do prédio, que é servido por escadas de ferro constantes das galerias. Vale a pena conferir o valor cultural dessa maravilhosa obra que destaca as artes artesanais da capital pernambucana.

Recife - PE

FESTIVAL NACIONAL DA SERESTA - "Recife Canta Amor". Pátio de São Pedro e no Recife antigo. Participe: Seresta e Amor não têm idade. Recife.

Lucena - PB

ENCONTROS DE GRUPOS FOLCLÓRICOS DO LITORAL

Promoção: Núcleo Municipal de Cultura. Baía da Tradição - Conde Rio Tinto Cabedelo, João Pessoa e Pitibu - Paraíba.

Rio de Janeiro - RJ

Fundação Nacional da Arte. CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR - CNFCP. Prêmio Silvio Romero.

São Luís - MA

Vista Geral de Barcos de Pesca - CAZUMBÁ - Máscaras e Drama do BOI-DO-MARANHÃO - SL

São João Del Rei - MG

JUBILEU DO DIVINO - 1783/1999 - ESPÍRITO SANTO - Paróquia do Senhor BOM JESUS do Matosinho. maio de 1999. São João Del Rei - Festa do Divino Espírito Santo: Minas Gerais.

Florianópolis - SC

ENCONTRO DAS NAÇÕES - Brasil Mosaico Cultural - agosto de 1998. Artesanato - Gastronomia.

Garanhuns - PE

PAIXÃO DE CRISTO - Nova Jerusalém. O maior teatro livre do mundo, interpretando a Bíblia.

Recife - PE

NOSSA HISTÓRIA - Primeiro Encontro de História do Recife. Novembro de 1999. Teatro Apolo.

Curitiba - PR

12º Congresso Nacional de Museus - IV Encontro de Museus do Paraná. Novembro de 1991.

Olinda - PE

II FESTIVAL DE FOLCLORE NORDESTINO - 1991 - Carmo - Praça do Coreto.

São Gonçalo - RJ

XVI Feira de Artes e Tradições Populares.

CIRANDA CULTURAL "UIRAPURU" - Shows, danças folclóricas, comidas típicas, artesanatos - agosto de 1999.

Minas Gerais

Semana Mineira de Folclore - agosto de 1999. Festa de Iemanjá: Missa CONGA - Dança - Música - Cavalhada Mirim - Quintas Folclóricas - Encontro Folclórico.

São Luís - MA

IMPÉRIO DO BUMBA-MEU-BOI. Mistura exuberante de religiosidade, lenda de fé e prazer, promessa e diversão. É tempo de Maranhão. A Magia do Bumba-meu-boi. "Tambor para São Benedito". Tambor para os ORIXÁS. Bumba-meu-boi, mistura de raças. Voa Maracanã. O ciclo da Festa. Tambor e Arroz-de-cuxá. São Luís - Patrimônio da Humanidade. Festa de São Marçal, o maior evento folclórico brasileiro, 30 de junho/99 em São Luís do Maranhão.

Recife - PE

A Cidade de Recife destaca-se, entre outras cidades do Brasil, pelas promoções culturais que efetua através da Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e da Fundação Cultural da cidade de Recife.

Recife - **PROJETO BRINCANTES**

Com a realização do Projeto BRINCANTES, Recife oferece à comunidade pernambucana e aos turistas uma síntese da cultura popular da região. São os maracatus, o frevo, as festas juninas, o teatro popular, “Caboclinhos”, clubes de ruas e informações culturais relevantes. É uma maneira de promover o “Turismo Cultural” com o Folclore atuando em todas as frentes. O projeto Brincantes atua em todos os sentidos. São os Maracatus, Reis do Congo de Angola, Leão Coroado e outros com seus “Batuques, Pálios”, representados pelos “Guarda-Sóis”, ricamente bordados, em seda luxuriante, ricos estandartes com os maracatus de Baque Solto, maracatu de orquestra e maracatus rurais. **FREVO** - outro detalhe cultural do Recife são os clubes de FREVO, cuja empolgação dos compositores transforma com suas geniais composições, que recaindo sobre as partituras eruditas de compositores dos séculos passados, destacam os autores de nossas músicas de frevo como verdadeiros gênios, exigindo dos músicos executores habilidades não encontradas em outras partes do mundo. Diz o autor do texto “Danças e Ritmos”: “A influência dos indígenas, africanos e europeus provocou, no nordeste, uma identidade cultural ímpar, revelada na multiplicidade de ritmos de manifestação artística que mostram a fase de um povo que, na sua luta constante por uma vida digna, deixa aflorar no cotidiano a alegria”. A música nordestina está na alma e no sangue do pernambucano que não vive sem o contagiante movimento transmitido pela música do “frevo”, cuja empolgação o leva a outros ritmos, como o coco, o baião, o xaxado e o samba que vive na massa sangüínea de todos nós. **CABOCLINHOS - A Dança Guerreira nordestina**. O poeta bailarino José Honório nos brinda com um texto, dizendo da beleza da coreografia dos Caboclinhos.

O PASTORIL. É o pastoril um dos traços marcantes da cultura popular de Pernambuco, entre o Pastoril “sagrado” dos “Presépios” religiosos e o Profano. Originário da Península Ibérica, o Pastoril, como a maioria das danças e folguedos que herdamos de nossa base étnica, integrou-se aos nossos costumes e à maneira do pensar, sentir e agir do povo brasileiro.

O Pastoril do religioso profanou-se e profissionalizou-se como

manifestação popular, entretanto é um dos motivos culturais tendente a desaparecer no próximo milênio, ou será aculturado por várias gerações.

ADÁGIO POPULAR; “Indivíduo sem eira nem beira”

Professor Nereu do Vale Pereira

“Sem eira nem beira” é um provérbio popular, de origem portuguesa, que tem por função identificar figurativamente uma pessoa dotada de pequenas posses, ou uma residência de pequeno padrão, tanto dentro de uma ótica econômico-financeira como também no intelectual ou arquitetônico.

Assim, pois, o “dito” é assacado para alguém que, não tendo poderes, posses, ou não teve aprendizagem ou capacidade de adquirir conhecimento, tenta se passar por importante, isto é, é uma pessoa semelhante a uma casa “SEM EIRA NEM BEIRA”.

Verifiquei, em vários momentos, que na Bahia (Salvador e Porto Seguro) e em Minas Gerais (Diamantina e Tiradentes) a interpretação do que seja eira e beira, partes de edificações residenciais (principalmente), vêm sendo colocadas com grave erro de referência e observação.

Para alguns guias turísticos, explicam eles aos visitantes, “beira é uma área que fica na frente e parte baixa da edificação, bem rente ao solo, e a eira, no telhado, isto é, o beiral dos telhados”.

Nada mais errôneo. “Eira” fica junto ao solo e “Beira” é o desenho de complemento superior da parede, “ao prumo da parede”, e que assim dá um artístico acabamento por baixo do beiral ou beirada do telhado.

No pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, de Sérgio Buarque de Holanda, o verbete correspondente para EIRA registra: “Lajeamento ou terreno (grifo nosso) liso e duro onde se malham, trilham, secam e limpam cereais e legumes; lugar anexo às fábricas de açúcar, no

qual se guardavam as canas antes da utilizá-las; terreno em que se junta o sal, ao lado das marinhas. “Sem eira nem beira”, sem recursos, na miséria.

“Veja-se que em nenhum momento da explicitação do verbete, o autor faz referências a um lugar elevado ou junto a telhados, porém a terrenos e pisos.

Nas casas portuguesas (e por isso também açorianas, referencial cultural para a Ilha de Santa Catarina) a eira fica localizada defronte da casa e organizada com piso de tijolos, pedras aplainadas ou lajotas de cerâmica, com inclinação para as bordas, estas elevadas para protegerem os produtos de deslizamentos para fora do piso. Perto da casa o produto, que foi colocado ao sol para secar (feijão, milho, algodão, café e outros) ou “malhar”, bater (feijão, arroz, café,) recebe atento acompanhamento contra animais agressivos e de possíveis chuvas, que quando ocorrem deve o produto ser amontoado ao centro e protegido por panos ou lonas, e isto tudo enquanto o material não estiver “seco no ponto”. A suave inclinação dos pisos para as laterais possibilita a rápida drenagem da água das chuvas. Assim a eira é um recurso técnico importante na vida rural brasileira.

A eira, como era um requinte técnico, tornava-se definidor de poder e status para o seu proprietário. Por outro lado, casa com eira era também uma casa importante.

Na Bahia, há uma variante, pois as eiras cacaeiras ficam acima do solo, num elevado, telhado de um galpão, para receberem mais sol e, em muitas delas, havia trilhos para o telheiro poder deslizar e cobrir as amêndoas de cacau que estavam a secar, em caso de chuva forte.

Buscando dicionário editado em Portugal, no caso o LELLO UNIVERSAL - Direção Geral de João Grave, Lisboa em 1963, para o verbete EIRA encontramos as mesmas raízes, a saber:

“Porção de terreno liso e duro ou laje, em que se secam, debulham e limpam cereais e legumes. Lugar, anexo às fábricas de açúcar, para guardar as canas antes de empregadas. Terreiro em que se junta o sal ao lado das marinhas. “Querer o sol na EIRA e a chuva na BEIRA”, querer todas as convivências, ainda as inconciliáveis. Não ter eira nem beira, nem ramo de figueira; ser extremamente pobre”.

Como vimos, tudo aponta para a localização e função de uma eira, para o solo, terreno, piso e lugar aberto para receber bastante insolação.

Nas duas fotos a seguir, dois belos exemplares de casas residenciais com eiras, ambas no Ribeirão da Ilha, e edificações do século XIX, com a arquitetura popular luso-açoriana.

Um outro brocardo popular português e que fez referência à eira, e com sentido pejorativo, diz: “Terra de encosto e mulher tarameleira, nunca deu casa nem ao menos eira”.



Desenho 01 - Casa mostrando uma beira com cimalha, terminada com “babados de cortinas” e “pingentes”. Esta é uma construção do Século XVIII e que se encontra em ruínas e prestes a desaparecer, se medidas urgentes não forem tomadas.

Para a BEIRA, a questão é mais complexa, pois fica sujeita a interpretações populares, diferindo-a de beira ou beirados, enquanto no lado técnico e vernacular todas estas expressões têm o mesmo significado genérico para acabamento dos telhados. Há, contudo, ponto comum. Além da determinação de sua invariável posição na construção, topo superior de paredes das casas, abaixo do beiral do telhado (beiral - terminal das telhas de goiva ou de calha, chamadas de colonial portuguesa, e por onde correm as águas das chuvas, pingando sobre tudo e todos, que talvez por isso as posturas municipais passaram a exigir das construções a eliminação dos beirais com

a montagem das platibandas), adotam uma diversificada gama de formas e desenhos com gosto artístico e estético, com denominações singulares, como por exemplo: beira ceveira, beira bordada, beira em babado de cortina, beira combinada com cimalha, beira margarida, beira estrelada, etc. (vejam-se as fotos com suas anotações).

Nos dicionários o que se diz de “Beira”?

BEIRA: Em Buarque de Holanda é:

“Borda, proximidade, orla, aba de *telhado* (grifo nosso). Beirada igual a Beiral; parte do telhado que faz saliência sobre o prumo das paredes. Sinônimo, Beirada.”

NO LELLO UNIVERSAL, se diz para BEIRA:

“Beiral ou beirado - Beira do Telhado, Fileira de telhas que forma a parte mais baixa do telhado. Beira do Telhado, a extremidade do telhado que sai do prumo da parede do edifício”.

“Chegar à beira de uma pessoa: aproximar-se dela.”

Em Maceió, nas Alagoas, há um dito popular de quanto mais volumosa e mais artística for a beira ou a cimalha de uma casa, mais tributos vai pagar seu proprietário, que, no fundo, conduz ao entendimento de dizer-se que ele é um homem com eira e beira!

Como ficou claro a “beira” é um complemento artístico identificador de elevado padrão construtivo nos prédios residenciais (não exclusivamente), e que apresenta variadas formas e desenhos. Na verdade, a melhor forma de entender e visualizar a questão é ir-se até os locais onde as casas são construídas em áreas especialmente rurais, onde elas não são geminadas e nem colocadas à beira dos passeios (pois quando urbanas deveriam ter platibandas), como é o caso do rico acervo memorial do Ribeirão da Ilha e suas raízes açorianas.

A seguir estamos apresentando algumas tomadas de casas do Ribeirão da Ilha, mostrando alguns modelos de beiras e eiras.

Finalmente, o termo beiral também se aplica, figurativamente, à linha do horizonte dado os seus contornos e nuances de cores, especialmente no pôr-do-sol, como diz essa canção de final do século XIX, cujo autor não foi possível identificar:

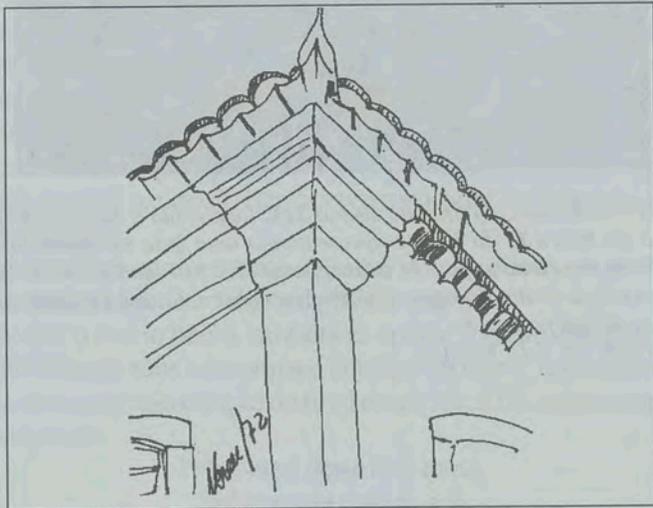
“No beiral deste horizonte,
Sob o pó de oiro do sol,
No jardim canta uma fonte,
E na fonte um rouxinol!



Foto 01 - Bela casa, do final do século XIX, localizada à beira e frente ao mar, na Costeira do Ribeirão da Ilha, e apresentando uma bela composição de "eira e beira". A beira em cimalha frisada e complementada por uma carreira de estrelas. A eira, colocada à frente da casa, está muito conservada, e é calçada com lajotas de cerâmica de barro cozido.
(Foto de Nereu do Vale Pereira)



Foto 02 - Uma grande mansão colonial do início do século XIX, tombada pelo Patrimônio Nacional, mostrando a exuberância da beira e grandiosidade da eira, bem defronte da casa. (Foto de Nereu do Vale Pereira)



Desenho 02 - Destaca dois detalhes da “beira ceveira” na lateral desta casa tombada pelo IPHAN, e o beiral que tem a cantoneira em “pombinha açoriana”.



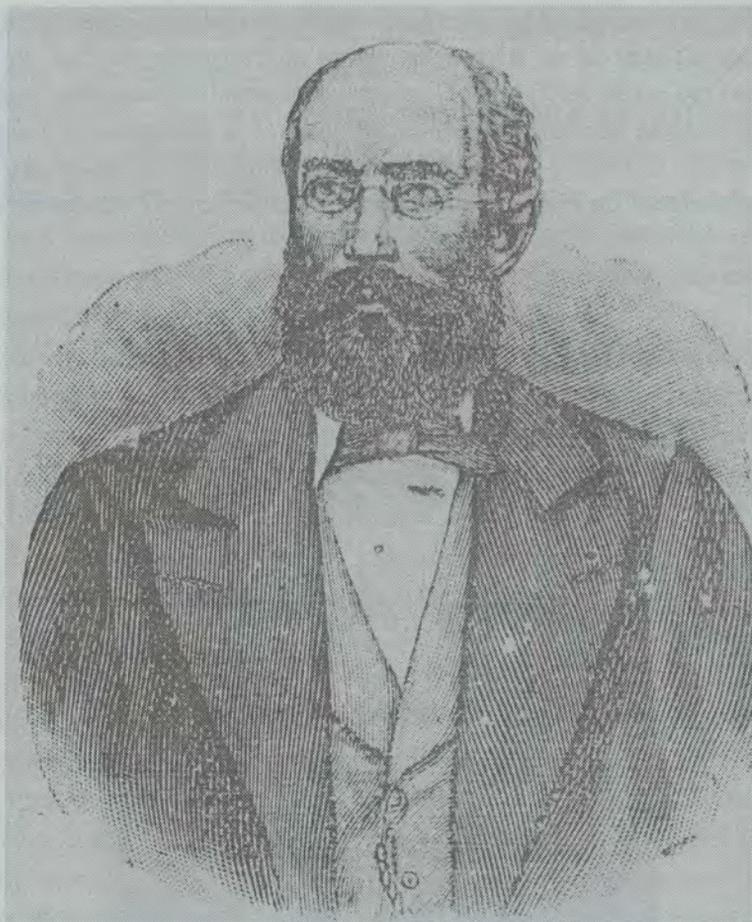
Foto 03 - Detalhe de uma beira ceveira. Trata-se de um rebordo desenhado por baixo e em sentido de arcos contrários às telhas do beiral. Talvez tenha surgido não só como adorno, mas também para dar mais resistência e apoio às largas beiradas do telhado. Como engorda o beiral, tenha sugerido a aplicação do verbo cevar, engordar, alimentar bem os animais, para denominá-la. (Foto de Nereu do Vale Pereira)



Foto 04 - Linda casa, que hoje encontra-se em ruínas, com remotíssimas possibilidades de restauração. Sua beira é do tipo cimalha complementada por margaridas, e nos cantos possui, em cada um deles, um par de anjos a sustentá-la. (Foto de Nereu do Vale Pereira - 1980)



Foto 05 - Casa rural açoriana - ECOMUSEU do Ribeirão da Ilha. Sua beira é uma tradicional cimalha e não possui eira. (Foto de Nereu do Vale Pereira)



HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU

26.12.1819 - 30.10.1899

Fala pronunciada na sessão solene conjunta, no palco das comemorações da imortalidade do dr. Blumenau, agora no transcurso da data do seu falecimento, no dia 30/10/1899. Conjuntamente presidiram as comemorações a Prefeitura de Blumenau, a Fundação Cultural de Blumenau, o Instituto Blumenau - 150 anos e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Tudo no espaço do Teatro Carlos Gomes, na tarde do dia 29 de outubro de 1999.

THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ

Prosit!
Herr doktor
Blumenau



Sou de longe porque tenho as pontas das raízes no ecossistema Beberibe-Capibaribe; sou de paralelo onde a influência do Equador é notada. O que direi sobre o alemão de Hasselfelde exclui a superficialidade.

Se o louvamento aparece, é porque ficou no ar do tempo e na geografia da floresta; ficou na química fraterna dos verdes.

Acumulo hosanas ao civilizador destas paragens porque a História me contou. Peço insuspeição para o germanofilismo acaboclado. Se o alemão de Hasselfelde monumentou-se entendemos ser Deus o responsável.

Este nome Blumenau está no ar desde 16 de março de 1848. Ficou no requerimento o produto de uma Decisão. Decisão na qual o alemão de Hasselfelde é seleta.

Sabem os competentes do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina que de germanidade tenho zero absoluto. Assenta bem trazer Deus no testemunhamento: ele inspirou o alemão de Hasselfelde na Decisão do requerimento de 1848, e agora a quem tem além de meio século no aprendizado da potencialidade do nome Blumenau.

Só entenderá o mistério do sucesso colonizador quem absorve a genialidade da Decisão que o alemão de Hasselfelde tomou para colonizar: de certo a sua vontade forte foi fecundada na fé em Deus. E assim apareceu predestinado e regido por três fases: (1) Delegado de Sociedade alemã de emigração; (2) A Sociedade por falência desaparece; (3) Assume ser colonizador. - Esta foi a Decisão genial.

Visto por este prisma se lhe entende a predestinação. A sua vontade forte foi a explosão de sua vontade líderante. Estas duas vontades fizeram a carpintaria da "KOLONIE BLUMENAU" de 1850. - A fecundação da idéia "kolonie Blumenau" acontece no ecossistema catarina: o espírito da célula metamorfoseou-se na Decisão colonizadora, a acontecência de 1850 deve ser tomada como sementeação: o gênio colonizador operava o deferimento do requerimento.

Na tela, o raciocínio explica: o alemão de Hasselfelde repeliu o regresso para a Europa; regressar seria aceitar o fracasso, seria aceitar ser humano-espólio da sociedade colonizadora falida.

Não peca nem agride solto imaginar que a ética protestante foi partícipe na Decisão, porém peca e agride quem não entende a inadimensionabilidade

da Decisão colonizadora. Aquela, exatamente, aquela que é binômica: NÃO REGRESSAR FRACASSADO e SER ASSUMIDO CIVILIZADOR.

Herr doktor Blumenau não aceitou viver sob a incompetência da Europa enfartada de problemas; a Europa que usava o canal da Emigração para livrar-se dos habitantes.

A Decisão explica a predestinação: foi convicta e nutriente; foi cerne da vontade e artéria de ações. E por que o espírito religioso regeu e superintendeu, “DEUS AJUDOU A QUEM CEDO MADRUGOU”.

As religiões foram alavancas virtuais: em outras colonizações, mesmo com alemães e neste Brasil, as práticas religiosas não mereceram destaque como, exatamente, na “Kolonie Blumenau”. Sabe-se e está documentado que o triângulo social: igreja, cemitério e escola, contou com lotes para existência e funcionamento. Toda linha colonial começava pelo triângulo religioso dos colonos ali, topograficamente, locados. Assim, não misturados católicos e luteranos, foi a eles assegurado o culto da religião.

Essa diretriz do alemão de Hasselfelde na colônia do seu nome fê-la imune ao ateuísta e ao materialista: a “KOLONIE BLUMENAU” foi deísta e cristã.

Se Herr doktor Fritz Müller nela conviveu. Entenda que o darwinista não foi um contratado por Herr doktor Blumenau: a ela chegou com a família sendo um solicitante comprador de lotes rurais. E pelos dois que comprou pagou custo elevadamente diferente para mais. E não foi locado em linha colonial de religiosos ou avizinados deles.

A presença de Herr doktor Fritz Müller na colônia de Herr doktor Blumenau foi um entendimento entre compatriotas. O sábio viveu na “Kolonie Blumenau”, porém sem convivência comunitária. A relação entre estes dois doutores alemães pode ser identificada pelo rifão caboclo: DOIS BICUDOS NÃO SE BEIJAM.

Mas no mistério do sucesso uma fragilidade deixou marca. - E a marca ficou: pelos abeiramentos das águas correntes o XOKLENG era liberto como os pássaros, as feras, os insetos e o pólen das flores. E com o Xokleng o alemão de Hasselfelde conflitou. O conflito caracterizou uma fragilidade, uma incompetência num doutor em Filosofia, e na ética da religiosidade.

A fragilidade é aguda e ressoa. Ressoa porque o alemão de Hasselfelde

é civilizado e de fé em Deus; os imigrados de sua colônia, igualmente civilizados com efetivas práticas religiosas; o Xokleng era nômade nativo na floresta. Ao civilizado cabia a invenção de UMA CONVIVÊNCIA.

O Xokleng vivia a selvageria permitida por Deus. A criatura da selva era secular quando o imigrado chegou. Quem dispunha da linguagem civilizadora era o civilizado. E o porquê não usou tal linguagem, revelou-se numa fragilidade humana e por incompetência de relacionamento. E assim fica na História, está na História e nela permanece. Nas escolas catarinenses de todos os graus: o Xokleng foi uma vítima do civilizado.

E porque Herr doktor Blumenau era o líder, sobre ele de modo virtual cai a culpa. Convenhamos com bom-senso e de cabeça fria: o peso-carga de toda culpa deve ser distribuído.

- Afinal! O presidente da província de Santa Catarina, Antero José Ferreira de Brito, mais os deputados da Assembléia Legislativa da Província, foram atuantes e foram participantes na elaboração do texto concessivo de terras onde a “Kolonie Blumenau” foi instalada (Cf. T.C.J. Um Alemão brasileiríssimo o dr. Blumenau). (1966)

E mais ainda!

O alemão de Hasselfelde dirigiu expediente às autoridades referidas a 16 de março de 1848. Nesta data já eram contados 29 anos dos alemães em São Pedro de Alcântara. Admite-se que o contato do imigrado alemão com o índio não era novidade.

Com sustentação neste raciocínio, flagra-se que as autoridades do governo provincial foram omissas sobre a existência do Xokleng aonde a “Kolonie Blumenau” seria implantada.

Dispensa-se faculdade privilegiada para concluir que, do governo da província, Herr Blumenau não recebeu instruções sobre comportamento convivencial com o nativo secular.

Um detalhe alivia a culpabilidade do alemão de Hasselfelde. Este detalhe é formado por duas parcelas: (1) A polícia provincial foi utilizada no enxotamento do Xokleng; (2) A intelectualidade e os religiosos da sociedade catarinense ignoraram o assunto.

A mancha e a marca da culpa, ambas indeléveis, no alemão de Hasselfelde, foi uma fragilidade. E foi porque sendo europeu familiarizado

com leituras sobre a imigração européia, e sendo praticante de ética protestante incidente na criatura humana, não entendeu o Xokleng como criatura humana, e aceitou o enxotamento como benefício favorável à tranquilidade do imigrado, familiarmente, loteado.

Se esta fragilidade ficou, ficaram também as potencialidades da predestinação. A fragilidade não foi pequena, porém a predestinação foi ímpar. Ela possibilitou que ultrapassasse o poder capitalista e político dos bremenses e hamburgueses financistas e negociantes da emigração; ultrapassou também o racismo do conde Gobineau, à época propagando que a “Kolonie Blumenau” era de hereges; ultrapassou todas as limitações discriminantes, inclusive as do governo da Província.

Armaram-lhe obstáculos e não conseguiram dobrar-lhe a espinha dorsal. Apregoaram que era individualista, autoritário e elitista.

Pragmático na direção da “Kolonie Blumenau”, provou que não era individualista por orientar a utilização do Associativismo como alavanca de soluções dos problemas; provou que não era autoritário, porque não convivia com assalariados num latifúndio; provou que não era elitista porque, como todos, viviam na foz do ribeirão Garcia, desfrutava vivência igual.

A “Kolonie Blumenau”, implantada nos abeiramentos dos cursos d’águas, foi imposição oficial legal do sistema de loteamento ribeirinho: assim foi em Petrópolis dos alemães, e a Nova Friburgo dos suíços (ambas na província do Rio de Janeiro). - E a orientação para que a ocupação da linha colonial fosse iniciada pelo triângulo social igreja, cemitério e escola, provocou procurar-se se foi aplicação doutrinária do socialismo cristão luterano ou de exclusividade da ética protestante.

Que Herr doktor Blumenau foi guia de gente livre, é insofismável; que a utilização do Associativismo foi uma das suas potencialidades, é insofismável; que o espírito deísta cristão alicerçou o sucesso, é insofismável. - A gente de germânica nascença transmigrou-se com a mais pura fé em Deus. E na “Kolonie Blumenau”, mesmo no desnivelamento cultural, com a mais pura fé construiu a Pátria dos filhos.

Assim, aquele líder conseqüente ficou nas páginas das colonizações alemãs no Brasil.

O fracasso da Companhia Protetora dos Emigrados Alemães fecundou a Decisão que foi o embrião deste município.

Difícil é saber se a Decisão foi fecundada pela liderança oculta na potencialidade, até então não conhecida, ou se a manifestada vontade, tão forte, **JÁ NÃO FOI A VIBRAÇÃO CELULAR DA PREDESTINAÇÃO.**

Ao construtivismo da obra o alemão de Hasselfelde deu o próprio nome: foi gesto de orgulho ou foi atrevida responsabilidade? Informa a História de 1848 para cá, mostrando o requerimento de 16 de março; e também o enviado ao Imperador a 10 de dezembro de 1850: o primeiro tem a “Kolonie Blumenau” sendo uma vontade palavreada; o segundo acusa que o processo civilizatório foi iniciado com o nome Blumenau.

Aprecie-se para saborear que o alemão de Hasselfelde não se ocultou. E não se ocultando foi diferente. Veja-se no Rio Grande do Sul de 1824 o imigrado alemão sob o topônimo: “São Leopoldo”; o alemão de Santa Catarina de 1829 sob o topônimo “São Pedro de Alcântara”; o alemão de Santa Catarina de 1850 está na “Kolonie Blumenau”.

Teria sido exibida autolatrina? Ou foi autoconfiança.

Informa a História que foi autoconfiança. E diz mais, suplementando, que foi resposta aos poderosos da emigração instalados nas cidades de Bremen e Hamburgo.

E entender se pode que, em pessoa e com o próprio nome, ofertou-se no bem-querer ao Brasil - catarina.

Único ou raro diz o seu nome que ficou aqui; raro ou único a sua fé construtiva fixou o seu nome.

Estamos na fração de terra catarina que a imortalidade do seu nome celebra.

Estamos onde o seu nome vive.

- Prosit! Herr doktor Blumenau.

Blumenau, SC, out./1999

A Compreensão total deste discurso depende da leitura da seguinte bibliografia:

CARLOS FOUQUET. O Imigrante alemão e seus descendentes no Brasil 1808 - 1824 - 1974 (1974).

CARLOS H. OBERACKER Jr. Carlos von Koseritz (1961).

JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO. (Visconde de São Leopoldo) Anais da Província de São Pedro (prefácio de Aurélio Porto) (1946).

Ainda ler História da frente pioneira de 1850 e a de 1851, a primeira de Carlos Fouquet sobre dr. Blumenau, sendo páginas do livro "CENTENÁRIO DE BLUMENAU" 1850 - de setembro - 1950; a segunda de Carlos Ficker, História de Joinville (subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca. A 2ª edição é de 1965).

TONI VIDAL JOCHEM. Epopéia de uma Imigração (1997).

JOÃO KLUG. Imigração e Luteranismo em Santa Catarina (A comunidade alemã de Desterro - Florianópolis) (1994).

OSWALDO R. CABRAL. Brusque (subsídios para a História de uma colônia nos tempos do Império) (1958).

GUILHERME AULER. A Companhia de operários 1839-1843 (subsídios para o estudo da imigração germânica no Brasil) (Recife, PE) (1959).

IN HENRIQUE RAFARRD. Alguns dias na Paulicéia (1977)

Neste livro há informação detalhada sobre a imigração e colonização de alemães para a "COLÔNIA SANTO AMARO", localizada na Província de São Paulo. - Diz Rafarrd que, imigrados alemães já instalados na Colônia Leopoldina, migraram de lá para a de Santo Amaro.

IN MARIA LUIZA RENAUX. O Papel da Mulher no Vale do Itajaí 1850-1950 (FURB. Blumenau, 1995), principalmente os capítulos compondores da primeira parte, nos quais sustentei a matéria celular da decisão de Herr doktor Blumenau rejeitar ser espólio da falência da sociedade alemã de imigração.

ESCRITORA MARIA DA GRAÇA COELHO

Doralécio Soares

A escritora Maria da Graça Coelho, de tradicional família florianopolitana, iniciou os seus estudos no Colégio Coração de Jesus, aos seis anos de idade, no Jardim de Infância. Coursou o primário, o ginásio e o normal. Fez vestibular para a Faculdade de Serviço Social da UFSC, obtendo o título de Assistente Social. Formada em Serviço Social, passou a exercer suas funções na Secretaria de Segurança Pública, primeiramente como assessora do Secretário em 1965, sendo o Secretário na época o General Paulo Gonçalves Vieira da Rosa; depois passou a atuar nas diversas delegacias da Capital. Fez especialização em “Tóxicos” e substituição na Penitenciária de Bangu no Rio de Janeiro.

Ministrou Relações Humanas na Academia de Polícia Civil de Santa Catarina para delegados, comissários, escritãs, carcereiros e agentes de Polícia.

Realizou palestra na Câmara Municipal de Joinville sobre delinquência juvenil.

Ministrou Relações Humanas no SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Tem 8 livros publicados: 1 - Serviço Social em Florianópolis e na Segurança Pública. 2 - Serviço Social na Educação. 3 - O Idoso na Capital Catarinense. 4 - A participação do Serviço Social no Grupo de Idosos. 5 - O Idoso Isolado e as Gerações. 6 - A Solidão. 7 - Colégio Coração de Jesus e as alegrias do passado. 8 - Aspectos do deficiente físico e o valor do sofrimento.

Estando concluído para futura edição: A Prefeitura Municipal de Florianópolis.

O livro 100 anos do Colégio Coração de Jesus é uma homenagem às irmãs do passado que foram suas professoras, abordando a origem do Colégio e seu trabalho com os alunos deficientes, e como era a Banda Musical composta por alunos deficientes.

Os ex-alunos na Sociedade, ressaltando os ex-alunos que realizam um trabalho de Promoção Social, ajudando a pessoa humana através das mais diversas profissões que alcançaram ao deixarem o Colégio Coração de Jesus.

Outro livro em andamento é “A opinião das autoridades sobre o Colégio Coração de Jesus e suas conclusões”, ressaltando, baseado nas suas convicções e no depoimento das autoridades, que o Colégio Coração de Jesus foi, é e continua sendo um estabelecimento que honra Santa Catarina e o Brasil pelos métodos, técnicas pedagógicas avançadas, oferecendo o que há de melhor aos seus alunos em matéria de aprendizagem.

Como se depreende, a nossa escritora Maria da Graça Coelho não parou ainda, partindo do princípio que “aquele que pára, observará que o que não parou, já está tão adiantado, que dificilmente poderá ser alcançado”. Eis porque merece a nossa admiração e o nosso respeito pelo trabalho desenvolvido como escritora e Assistente Social.

RECORDANDO O PASSADO

Em épocas passadas, isto é, em fins da década de trinta, me encantava ao ver as alunas internas do Colégio Coração de Jesus saírem nos seus passeios pelas ruas de Florianópolis, vestidas nos seus uniformes de gala: saias vermelhas plissadas com tirantes sobre as blusas brancas, passarem em fila de duas, conduzidas por uma irmã responsável pela disciplina. Entre as freiras destacavam-se a irmã Maria Tereza e a irmã Berenice entre outras. Irmãs essas que já entregaram a sua alma a Deus.

Era um verdadeiro encanto vê-las andarem pelas nossas ruas assediadas ao longe pelos possíveis namorados. Quando eu as encontrava, já ao longe me faziam sinal pedindo “serenatas”, visto que na minha juventude fui um dos seresteiros do Colégio Coração de Jesus. Muitas foram as noites que lá estivemos despertando-as com o nosso grupo de serestas nos seus dormitórios. Instantes depois de nos ouvirem, as cortinas eram afastadas em sinal de que estavam acordadas, escutando-nos. E a minha voz em dueto com o hoje advogado Seli Regis, de Tubarão, que tinha uma irmã interna, soava na noite calma e serena: “Noite alta céu risonho/ a quietude

é quase um sonho/ o luar cai sobre a mata/ qual uma chuva de prata/ de raríssimo esplendor/ só tu dormes não escuta/ o teu cantor... É noite a lua fulgura lá no céu/ deitada em meus braços descança ao léu/ Dorme, oh meu anjo lindo/ vai calma dormindo, nã ... nã ... nã ... nã./ sonhas com as noites de luz/ que minh' alma é só tua/ quem vela sou eu.

Hoje, recordando o passado, quedamo-nos diante do romantismo que rapidamente passou, e a Maria da Graça Coelho nos fez despertar com o seu livro 100 anos de História do Colégio Coração de Jesus.

O GRANDE CIRCO DE JUAREZ MACHADO

Doralécio Soares

Tive a oportunidade de assistir ao 17º Festival de Dança de Joinville no Centro de Eventos CAU HANSEN, 1999.

Foi uma noite memorável assistir a GISÉLLI, interpretada pela genial bailarina Ana Botafogo, com um corpo de bailarinos de mais 100 dançantes. Belos cenários e música ao vivo, destacando-se grandes bailarinos que conquistaram os merecidos aplausos de uma platéia que lotou totalmente o grande auditório do Centreventos CAU HANSEN, majestoso pela sua importância cultural.

O espetáculo me foi compensado com a inauguração do Painei "O Grande Circo" de autoria do artista plástico Juarez Machado na entrada do pórtico do Centreventos.

A cultura catarinense está ali registrada pela genialidade do artista catarinense que, inspirado nos circos que marcou a sua juventude, produziu um painei de figuras que foram gravadas e vividas em sua mente e corporificadas na sua alma de criança. São palhaços e artistas que integravam as troupes de circos mambembes, quando ainda jovem, integradas à sua alma de artista nato e despertada quando surgiu a oportunidade de transformá-la no majestoso Painei. São trapezistas, equilibristas, contorcionistas e os indispensáveis palhaços. Figuras humanas



cujos clichês permaneciam gravados em sua mente de artista nato. Contemplando o seu Painel, transportei-me ao meu Recife distante de quando menino, que também fui de circo. Acompanhei os palhaços pelas ruas da freguesia do poço da panela da Igreja de Nossa Senhora da Saúde e da Casa Amarela, subúrbio hoje com uma população de uma grande cidade. Do Arraial da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, e, finalmente a campina da Igrejinha de Casa Forte, onde se instalavam os circos com os seus “poleiros”, que levavam ao povo do lugar as alegrias do palhaço “Rolando”, entre outros. O palhaço montado na traseira de um cavalo em sentido contrário, gritava para a mulecada que o acompanhava, para entrarem grátis. “O raio do sol suspende a lua/ Bravo do palhaço que está na rua/ o palhaço o que é/ É ladrão de mulher/ Grita rapaziada da canela suja... Aí todos gritavam: Uê... E assim a mulecada acompanhava o palhaço Rolando nas suas andanças, garantindo o ingresso no circo.

Aí está, Juarez, a grandeza motivadora do teu Painel trouxe-me essas gratas recordações de um passado distante, vividas na contemplação da tua arte, externada no majestoso Painel, que a tua genialidade criativa apresentou o Centreventos CAU HANSEN.

ESTÓRIAS DO BOTO (MALHADO) NA BAÍA DO SOL

Pedro Rocha Silva

Na “Geografia dos Mitos Brasileiros”, Luiz da Câmara Cascudo classifica os mitos brasileiros, em Mitos Gerais, isto é, os correntes no Brasil e nos países estrangeiros, como a **Mãe-d’água**, o **Lobisomen**, a **Burra de Padre**; os Mitos Secundários ou Locais, que abrangem a grande maioria dos mitos de todos os Estados Brasileiros e, finalmente, os Mitos Primitivos, onde está incluído o **Boto**, objeto de estudo deste artigo.

Na crença dos moradores de nossa região, o mundo sobrenatural é povoado por entidades que moram nas águas do rio e seus afluentes. Essas entidades protegem os animais das águas e também os homens, sendo conhecidas com o nome genérico de “visagem” ou “bichos visagentos”. Entre elas se inclui o **boto**, um dos mais populares seres do folclore amazônico, que tanto pode proteger os viajantes como também “malinar”, especialmente com as mulheres. Suas histórias multiplicam-se por todas as localidades ribeirinhas da região. Essas histórias contadas de pai para filhos por muitos anos, já foram registradas por alguns autores como, por exemplo: José Carvalho, em “O Mulato Cearense e o Caboclo do Pará” - “Minha avó conta (dizia-me um paraense, meu empregado) que num baile em que ele estava, no Igarapé dos Currais, apareceram dois moços, bonitos e desconhecidos. Dançaram muito. Ela dançou com um deles. Beberam, também, muito. (Esta observação é o principal da história). Antes, porém, de amanhecer, desapareceram eles, sem que pessoa alguma soubesse para onde tinham ido. A casa em que dançavam ficava distante do rio; mas no meio do caminho havia um poço com pouca água. Com o dia viram que nesse poço estavam dois botos. Ora, ali nunca se tinha visto boto. Os

moradores e convidados foram buscar arpões; arpoaram os botos, puxaram-nos para a terra e os mataram. Partiram as cabeças dos mesmos, donde exalou o cheiro de pura cachaça!

Umberto Peregrino, em “Imagens do Tocantins da Amazônia”. - “O Dr. Gete Jansen me refere o caso recente de uma mulher que, levado o filho num serviço médico, quando lhe perguntaram o nome do pai, para o competente registro, respondeu com absoluta convicção: - Não tem, não senhor, é filho de boto. A mulher era casada, tinha outros filhos, cuja paternidade atribuíra pacificamente ao marido, mas aquele teimava em dar como filho de boto. - Esse é filho de boto, eu sei. - Não houve quem demovesse, o registro foi feito à sua revelia”.

Leandro Tocantins, em “O Rio Comanda a Vida” - “Aliás, a fêmea do boto, em muitos casos, é confundida com a Iara, a Mãe-d’água, de extraordinária beleza.

Em certas regiões da Amazônia, também contam estórias do boto-fêmea: dizem possuir órgãos sexuais semelhantes aos de uma mulher. E um homem que com ela tem relações sexuais morre, exausto de tanto repetir o coito. Em outras regiões ouvimos a mesma estória, mas com a Iara no lugar do boto-fêmea.

Estórias como estas são contadas, até hoje, pelos pescadores da Baía do Sol, vila pesqueira da Ilha do Mosqueiro - PA. Todavia, enquanto os autores falam de um boto genérico, as estórias que ouvimos e coletamos, naquela vila, são muito precisas em apontar qual a espécie “visagenta”.

Como sabemos, o boto é o nome de numerosos mamíferos aquáticos encontrados com frequência no litoral brasileiro. O boto é também chamado de golfinho e toninha. Das espécies brasileiras as mais conhecidas são: o boto da Baía de Guanabara, o boto Branco do Amazonas (*Steno tucuxi*). O botinho ou golfinho é considerado o mais manso. Juntamente com o boto branco, vivem exclusivamente nas águas doces do rio Amazonas e seus afluentes, possuindo um corpo que mede de 2 a 3 metros. Há ainda o boto malhado que, segundo descrição dos pescadores do mar, é vermelho, mede mais de 4 metros e é perigoso, pois costuma atacar as embarcações e comer todos os peixes das redes dos pescadores.

É justamente o boto malhado o herói das narrativas populares; o agente dos casos de “malineza” e também de sedução. Muito se fala, por exemplo, sobre as peripécias do boto malhado que gosta de mulheres novas e bonitas.

Pescadores antigos da Baía do Sol como os senhores Manoel Aurino da Silva (Seu Macário), Lázaro Eulálio da Silva (Seu Lazico), Aristáquio da Silva (Seu Maropa) e outros mais jovens como Manoel da Silva (Pacamão), Basílio Almeida da Silva (Espalha) e o Mauro Francisco da Silva (Boiosa), continuam pescando e presenciando até hoje as “paradas do **boto malhado**”.

Macário, o mais velho do grupo, hoje com 78 anos, nos contou que viu o boto malhado em uma casa à beira do rio, olhando por cima da janela do quarto onde dormiam uma meninas. Ele tentou entrar mas não conseguiu porque o pai das moças acordou e deu alarme. Então o boto correu em direção à ribanceira do rio e se jogou n’água... tibusgo!

Ele também conta sobre uma parenta sua que foi certa vez atacada pelo boto malhado. O marido dela era embarcado e eles moravam na beira da praia. Na ausência do marido, todos os dias o boto ia tentar a mulher. Um dia os vizinhos e parentes perceberam que ela estava ficando amarela (pálida) e todos ficaram com a grande dúvida se ele (o boto) “se servia” ou não, da mulher. O fato é que, quando o marido voltou de viagem, foi preciso se mudar do local para que o boto deixasse a mulher em paz.

Outras histórias interessantes dizem respeito às mulheres quando menstruadas. Consta que quando as mulheres estão assim, “ruim da coisa”, vão tomar banho na praia, o boto se aproxima e “fica buiando por perto”, levando perigo para as demais pessoas que estão tomando banho na praia.

Lazico, outro pescador antigo, contou também que, retornando de uma festa com várias mulheres, por volta das cinco horas da manhã, remando sua montaria, percebeu a presença de vários botos do lado da embarcação. Ele ficou com medo e perguntou ao rapaz que o acompanhava, o porquê da presença dos botos, o rapaz respondeu que era por causa das mulheres que vinham na embarcação.

Em outra ocasião, ele foi ao lugar chamado São João, lugarzinho distante nas ilhas próximas, onde havia uma menina que o pessoal da Vila falava que andava com o boto. “Eu não acreditei. Um dia eram duas horas da tarde, eu estava na cabeça da ponte, quando o rapaz que estava comigo

disse, olha! olha! quando eu vi, era ele (o boto). Ia correndo por cima da estiva de miriti e... tibunço n'água! Olha seu menino, era verdade, era mesmo o Boto Malhado!”

Como se pode observar, há nessas estórias uma recorrência sempre envolvendo, em relações sexuais, uma Mulher e um Animal Macho (boto malhado). Ao contrário do que registrou Leandro Tocantins, não encontramos nenhuma estória falando de relações entre um animal fêmea (o boto fêmea) e um homem. Mas há um ponto em comum cruzando a literatura anterior e as estórias por nós coletadas, qual seja: - a existência de um mundo em desordem, pois, de um lado vemos uma natureza que se humaniza, enquanto de outro, são os homens que deixam de ser seres culturais para se tornarem **Seres da Natureza**.

Nesse grande quadro de inversões, é interessante verificarmos que são as crianças os (re) ordenadores do mundo.

É que no imaginário dos pescadores consta ainda que o boto malhado persegue mulheres bonitas. O animal vai à festa onde chega geralmente vestido de terno branco e chapéu de palhinha. Ele senta-se à mesa e bebe como uma pessoa comum, escondendo, porém, os seus pés até o momento em que, de repente, “os moleques safados vão por trás e olhando os pés do boto dizem: olha, o pé de pato está aqui! O Boto então se aborrece e vai embora.

Além disso, o **boto malhado** é perigoso porque, ao lado de suas peripécias amorosas, ele também pode atacar as embarcações de pesca e destruir (comer) o produto do trabalho do homem. Perguntados sobre o que se deve fazer para afastá-los da rede de pesca, os pescadores disseram que o “alho” e o “caroço de uxi” são os meios mais utilizados para afastar o boto malhado de suas redes. Quer dizer, os mesmos recursos largamente usados para se “descarregar” ou afastar os espíritos (seres) perturbadores de um determinado ambiente.

Mas, se o boto malhado em alguns momentos é mau, outros botos são bons, pois sabemos que na região do Baixo Tocantins acredita-se que existem botos mansos que ajudam os pescadores a empurrar o peixe para dentro de seus cacuris. De onde se conclui que, o boto, seja ele o Malhado, o Tucuxi, o Branco, o Botinho, etc., extrapola uma condição de simples exemplar de

nossa fauna para se tornar um encantado e, como tal, possuindo sentimentos humanos do tipo: prazer, medo, vaidade, raiva, bondade, maldade.
Transcrito do Boletim Informativo nº 7, da Comissão Paraense de Folclore.

São Pedro de Alcântara

II ENCONTRO REGIONAL DE DANÇAS FOLCLÓRICAS ALEMÃS

Grupo Folclórico Santa Filomena - São Pedro de Alcântara

Dança: Fröhliche Kreuz

Grupo Infantil de Santa Isabel - Águas Mornas

Dança:

Grupo Folclórico Westphalia - São Martinho

Dança: Hetling Bandriter

Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Glückfluss - Rio Fortuna

Dança: Gute Laune

**Grupo Infantil de Danças Folclóricas Germânicas de Taquaras
- Rancho Queimado**

Dança: Bauernmadl

Grupo Folclórico Adulto de Santa Isabel - Águas Mornas

Dança: Ja, mit den Füßen

Grupo Folclórico Infantil Kleine Tänzer - São Bonifácio

Dança: Schwarze Pferde

Grupo de Tradições Germânicas Rote Rosen - Rio do Sul

Dança: Die Lustige Kirchweih Polka

Grupo Folclórico Adulto de Taquaras - Rancho Queimado

Dança: Krauteintreter

Grupo Folclórico Juvenil Kleine Tänzer - São Bonifácio

Dança: Bauernmadl

Grupo Folclórico Adulto de Santa Isabel - Águas Mornas

Dança: Ratzeburger Viertour

Grupo de Tradições Germânicas Rote Rosen - Rio do Sul

Dança: Der Wrifache

Grupo Folclórico Adulto de Taquaras - Rancho Queimado

Dança: Schlunz

Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Glückfluss - Rio Fortuna

Dança: Neumertanz

Grupo Infantil de Santa Isabel - Águas Mornas

Dança:

Grupo Folclórico Westphalia - São Martinho

Dança: La Bastringue

**Grupo Infantil de Danças Folclóricas Germânicas de Taquaras
- Rancho Queimado**

Dança: Heidi Bums Fallera

Grupo Infantil de Santa Isabel - Águas Mornas

Dança:

Grupo Folclórico Santa Filomena - São Pedro de Alcântara

Dança: Sieben Schritt

Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Glückfluss - Rio Fortuna

Dança: Rheinländer zu Dritt

**Grupo Infantil de Danças Folclóricas Germânicas de Taquaras
- Rancho Queimado**

Dança: Krebspolka

Grupo Folclórico Westphalia - São Martinho

Dança: Bravade

Grupo Folclórico Adulto de Taquaras - Rancho Queimado

Dança: Halber Mond

Grupo Folclórico Infantil Kleine Tänzer - São Bonifácio

Dança: Siben Schritt

Grupo de Tradições Germânicas Rote Rosen - Rio do Sul

Dança: Auf der Jodelalm

Grupo Folclórico Adulto de Santa Isabel - Águas Mornas

Dança: Sternpolka

Grupo Folclórico Westphalia - São Martinho

Dança: All American Promenade

Grupo Tradições Germânicas Rote Rosen - Rio do Sul

Dança: Koa Hiataamadl

Grupo Folclórico Juvenil Kleine Tänzer - São Bonifácio

Dança: Der Specht

Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Glückfluss - Rio Fortuna

Dança: Bravade

Grupo Folclórico Santa Filomena - São Pedro de Alcântara

Dança: Herr Shmied

DANÇAS DE INTEGRAÇÃO

All American Promenade	(Infanto-Juvenil)
Jäger Marsch	(Adulto)
Kleiner Mann in der Klemme	(Adulto)

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA - SC

COLÔNIA ALEMÃ CHEGA AOS 170 ANOS

PRIMEIRO GRUPO ESPALHOU O ESPÍRITO EMPREENDEDOR

MAURÍCIO OLIVEIRA

São Pedro de Alcântara - A primeira colônia alemã de Santa Catarina completa hoje 170 anos de fundação. Situado no Vale do Maruim, região de natureza exuberante próximo a Florianópolis, o município se mantém pacato como nos primeiros tempos. Ainda se fala alemão em muitas casas, preenchidas com móveis herdados dos antepassados.

Da colônia fundada em 1º de março de 1829, os imigrantes saíram para implantar núcleos em outras regiões catarinenses. Espalharam pelo estado o espírito empreendedor e a persistência exigidos aos que se propõem a desbravar um território desconhecido.

A comemoração desta segunda-feira ocorre no centro da cidade, com apresentação da banda da Polícia Militar e da fanfarrinha do Colégio Municipal Adalberto Tolentino de Carvalho, a partir das 9 horas. Está programada homenagem aos pioneiros e a inauguração do Obelisco da Imigração. Os festejos continuam no próximo sábado à tarde, com encontro de danças folclóricas, abertura da exposição “Do Novo ao Velho Mundo” e sessão solene da Câmara de Vereadores, quando serão lançados dois livros sobre a história do município.

Apesar da longa trajetória, São Pedro de Alcântara só virou município em 1994, ao desmembrar-se de São José. Até esse ano, não tinha autonomia político-administrativa.

Os 635 imigrantes pioneiros desceram no porto de Nossa Senhora do Desterro (hoje Florianópolis), em novembro de 1828, depois de atravessar o Atlântico em dois veleiros - Luíza e Marquês de Viana. Na maior parte eram agricultores, soldados e artesão vindos da região do rio Mosela (cidades de Hunsrück e Eifel). Quatro meses depois, fundava-se a colônia de São Pedro de Alcântara, encravada em meio à natureza selvagem de uma região ocupada apenas por índios.

A partir daí, foram sucessivas levas de imigrantes. Pesquisadores relacionaram 294 sobrenomes de famílias que teriam chegado a São Pedro de Alcântara entre 1829 e 1900. Basta verificar a lista para constatar a presença dos descendentes depois de 170 anos - Bauer, Bornhausen e Scherer, dentre outros.

A NOTÍCIA - 1º/3/99

São Pedro de Alcântara - A homenagem póstuma aos imigrantes e a inauguração do Obelisco da Imigração, na manhã de ontem, na praça João Adalgísio Philippi, área central do município, foram o ponto alto das comemorações dos 170 anos de imigração alemã ao Estado de Santa

Catarina. A festividade foi aberta às 9 horas com a apresentação da banda da Polícia Militar, com encerramento marcado pela apresentação da fanfarra do Colégio Municipal Adalberto Tolentino de Carvalho, sob a regência do maestro José Roberto Vieira.

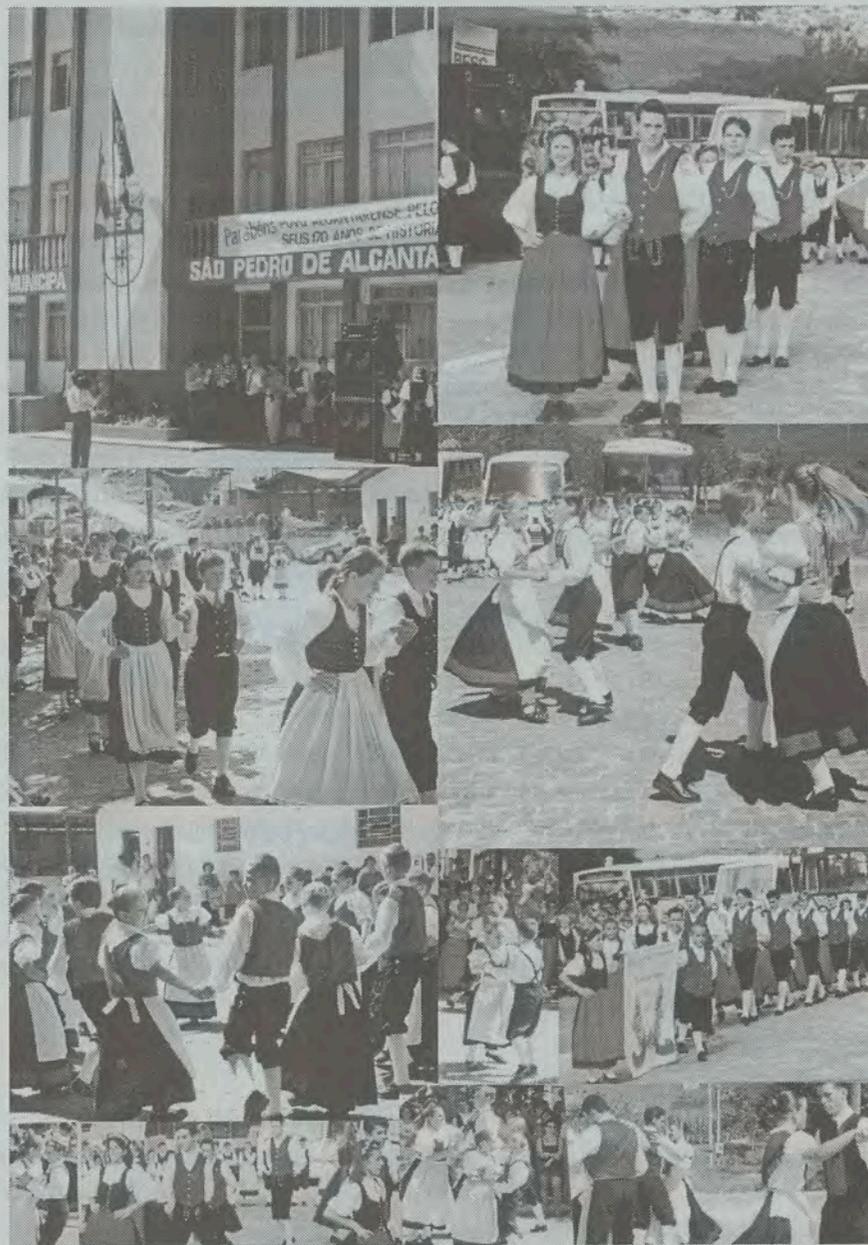
A programação terá seqüência no próximo sábado, com a realização do 2º Encontro Regional de Danças Folclóricas Alemãs, a partir das 14 horas na praça João Adalgísio Philippi; nova homenagem póstuma aos imigrantes, às 17h30min, no Obelisco da Imigração; abertura da exposição “Do Novo ao Velho Mundo”, às 18 horas, no salão paroquial; missa comunitária em homenagem aos imigrantes, às 19 horas, na igreja matriz; sessão solene da Câmara de Vereadores; e lançamento dos livros “São Pedro de Alcântara e seus Aspectos Históricos” e “São Pedro de Alcântara: 170 anos depois”. Ainda dentro das comemorações, para o dia 16, às 18h30min, está prevista a realização de sessão solene na Assembléia Legislativa, precedida de nova sessão de apresentações folclóricas.

NÚCLEOS

São Pedro de Alcântara, na Grande Florianópolis, é a mais antiga colônia alemã de Santa Catarina, fundada em 1º de março de 1829 pelo Governo Imperial. Desde aquela data muitos imigrantes partiram para outras regiões do Estado, fundando novos núcleos coloniais.

Entre as principais colônias da região estão São Pedro de Alcântara (1829), Santa Isabel (1847), Piedade (1847), Teresópolis (1860) e Angelina (1868).

A NOTÍCIA - CAPITAL - 02/3/99



NOSSO FOLCLORE

ARTESANATO RURAL EM SANTA CATARINA BOLETIM - 1962/63

Notas preliminares (*)

Por **WALTER F. PIAZZA**

O artesanato - arte mecânica ou ofício manual - é aquele trabalho realizado pelo artesão - “um pequeno patrão, que trabalha em sua casa, seja só, seja com companheiros, cujo número não pode ser superior a dez” -, e cuja arte é esclarecida desta forma, na “ENCYCLOPAEDIA OF SOCIAL SCIENCES”, vol. 7-8, pág. 684: “... as a method of making artistic goods has its chief significance when it exists in connection with simplicity of producing organization and directness of contact with the consumer”.

Mais esclarecedor é o critério de CÉSAR A. MOLESTINA, estudando a “pequena indústria” na América Latina (veja-se a Revista “Estatística”, vol. XVIII, nº 67, 1960, págs. 210 a 219), que a divide em fábrica, oficina artesanal e indústria doméstica, com características quantitativas, como pessoal ocupado, valor da produção, e equipamento de força, ou com características qualitativas, como empregados, máquinas e equipamentos, e local de produção.

Assim, para MOLESTINA, é “indústria doméstica” aquela que ocupa de 1 a 4 pessoas, com produção anual inferior a Cr\$ 50.000,00, usando ferramentas manuais e pequenas máquinas, não tendo empregados e tendo como local de produção o domicílio do proprietário.

A “oficina artesanal” apresenta, também, de 1 a 4 pessoas ocupadas

(*) Este trabalho nasceu da necessidade do estudo global do assunto, por força de solicitação do Serviço Social Rural, por seu Conselho Nacional, através de um Grupo de Estudo para Estímulo do Artesanato Rural Feminino

com a produção anual variável de Cr\$ 50 a 100.000,00, tendo um equipamento de força de 1 a 4HP, podendo ou não possuir empregados, utilizando ou não máquinas e equipamentos, e, tendo local de produção destinado principalmente à atividade manufatureira, ainda que possa servir de domicílio.

Já, a “fábrica” ou “oficina”, da “pequena indústria” - “strictu sensu” - ocupa de 5 a 9 pessoas, tendo como valor-teto anual de sua produção Cr\$ 100.000,00, com equipamento de força de 5 a 9HP, tendo empregados, máquinas e equipamentos, e um local de produção destinado, principalmente, à atividade manufatureira.

Fica-se, deste modo, sabendo o que se considera como artesanato.

Partindo-se desta conceituação dever-se-ia estabelecer a seleção e posterior agrupamento das atividades artesanais. Foi o que se fez.

Atividades artesanais

Graças ao documentário existente nos arquivos da Comissão Catarinense de Folclore e aos dados colhidos no Departamento Estadual de Estatística conseguimos obter, complementando-os, a seguir, com informações preciosas de diversas pessoas, os dados necessários.

Estabelecemos, desde logo, que as atividades artesanais, no Estado de Santa Catarina, são decorrência das exigências do homem sobre o meio e, ainda, como decorrência das culturas dos vários elementos povoadores, sejam eles lusos, da Metrópole ou das Ilhas dos Açores e da Madeira, africanos, teutos, italianos, poloneses ou de outros grupos étnicos.

E, assim, podemos apresentar como atividades artesanais no Estado de Santa Catarina: a cerâmica utilitária, a cerâmica decorativa, as pequenas indústrias de material de construção, a tecelagem manual, o artesanato de alfaias agrícolas com base na metalurgia, as manufaturas de couro, as rendas-de-bilro, os instrumentos de pesca, o artesanato de madeira, a manufatura de charutos, a fabricação do fumo em corda, o artesanato de veículos e implementos agrícolas, sejam carros-de-boi ou carroças ou, ainda, rebolos, a fabricação de açúcar-de-engenho, a fabricação de vinho-de-uva e de aguardente-de-cana, a fabricação de farinha-de-mandioca, os artesanatos

da cestaria e dos trançados, e, por fim, o artesanato da construção naval (a carpintaria de ribeira).

Cada uma dessas atividades artesanais apresenta uma distribuição geográfica complexa, não se podendo, “a priori”, estabelecer qual a área específica que pertence a esta ou aquela atividade. As áreas se interpenetram. Há atividades comuns a uma mesma população.

Pode-se, entretanto, em alguns casos, estabelecer dados precisos sobre a prática artesanal e determinado espaço geográfico.

Estudos artesanais

Como base ao estudo do artesanato em Santa Catarina, pode-se apresentar, já, alguns trabalhos.

Até o presente momento as formas artesanais estudadas foram: a cerâmica, a renda-de-bilro, o artesanato da alimentação, o artesanato de cestaria e dos trançados e o artesanato dos veículos de tração animal.

São estes os estudos sobre a cerâmica: BROGNOLI (Dinah Fernandes...) - “A Cerâmica”, Florianópolis, 1956; CABRAL (Oswaldo R. ...) - “A olaria josefense”, Açores, 1951; CABRAL (Oswaldo R. ...) - “Calungas de barro cosido”, Florianópolis, 1951; PIAZZA (Walter F. ...) - “A cerâmica popular catarinense”, Florianópolis, 1952.

Sobre a renda-de-bilro existem os seguintes trabalhos: BONATELLI (Maria José ...) - “As rendas”, Florianópolis, 1956; CASTRO (Eliana Müller ...) - “A vida social das rendeiras” (inédito); OLIVEIRA (Mariléa Cabral Pereira ...) - “As rendas” (inédito); SOARES (Doralécio ...) - “Do artesanato e sua proteção”, Florianópolis, 1957.

Sobre o artesanato da alimentação e congêneres: JAMUNDÁ (T.C. ...) - “A presença do palmito na sociedade teuto-brasileira” Florianópolis, 1951; PACHECO (Darcy ...) - “O engenho-de-farinha” (inédito); PIAZZA (Walter F. ...) - “A mandioca e a sua farinha”, Florianópolis, 1956, SILVA (Alfredo da ...) - “O alambique” (inédito).

Sobre o artesanato de cestaria e dos trançados: AREÃO (João dos Santos ...) - “Os trançados no folclore catarinense”, Florianópolis, 1953; BLASCHKE (Helga) - “O tipiti” (inédito).

Sobre o artesanato dos instrumentos de pesca: CAMINHA (Carlos Augusto ...) - "A pesca na freguesia da Lagoa", Florianópolis, 1960; FILOMENO (Antônio ...) - "Os instrumentos de pesca usados em Pântano do Sul" (inédito).

Sobre o artesanato de veículos à tração animal: CREMA (Ângelo ...) - "O Carro-de-bois" (inédito).

Estudos especiais

Entretanto, nenhum desses trabalhos citados esgota os assuntos concernentes à atividade artesanal focalizada.

Todas as atividades artesanais existentes estão a exigir estudos especiais, de maior profundidade e maior amplitude.

Desta forma, melhores estudos devem ser feitos acerca da mão-de-obra artesanal, quanto ao contingente ocupado, em relação ao sexo dos artesãos, a hierarquia existente nas diversas formas artesanais, a forma de recrutamento e a formação artesanal. Do mesmo modo o equipamento precisa ser melhor focalizado em todos os seus aspectos. E, ainda, a produção, a comercialização, o mercado consumidor e as exigências legais.

E, ao lado destes estudos especiais, aqueles relativos às relações entre o artesanato e a cultura de folk de cada uma das regiões, visando uma melhor atenção ao problema da mudança cultural, quer de atitudes, quer tecnológica, nos diversos grupos artesanais.

Sugestões de trabalho

No que tange ao amplo conhecimento da área litorânea catarinense - aquela que concentra maior número de formas e de atividades artesanais - tivemos a oportunidade, no ano de 1961, de propor à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro uma completa pesquisa que daria um total conhecimento da área.

Por outro lado, para o Serviço Social Rural, dentro das informações que lhe prestamos, em atenção ao Grupo de Estudo para Estímulo ao Artesanato Rural Feminino, que instituiu, visando um Programa de Trabalho, tendo em

mira a melhoria tecnológica da produção artesanal, e, visando, par a par, o desenvolvimento econômico e social do artesão fizemos questão de ressaltar:

“Contudo, não se poderia, desde logo, procurar introduzir modificações na cultura dominante na área. Seria, sim, através de processo educativo, que se processaria o trabalho.

“Através de um processo educativo, depois de conhecidas todas as peculiaridades da mão-de-obra, da matéria-prima, e do equipamento, através de pesquisa ampla horizontal e verticalmente realizada, poder-se-ia pensar em elevar a tecnologia da produção artesanal.

“Entretanto, desde já, podemos adiantar, no que tange à produção artesanal da “renda-de-bilros”, da necessidade de melhores (artisticamente falando) e mais duradouro (mais difíceis de estragar) modelos.

.....
“E, para ser alcançada a melhoria tecnológica das formas artesanais, através de mudanças culturais orientadas, que é, em outras palavras, Desenvolvimento de Comunidade, dever-se-á ter mira todo um Planejamento de Programa”.

Esperamos poder, pois, em futuro próximo, realizar ou ver realizados tais estudos de importância capital para o conhecimento da cultura popular catarinense!

Como testemunho de todo o nosso esforço para melhor conhecimento da cultura popular catarinense divulgamos, neste Boletim, nas páginas seguintes, uma série de trabalhos de alunos nossos.

Para o Boletim 50, 1999

Folguedo da Apresentação dos Cucumbi - Cacumbi - Ticumbi ou Baile de Congo

ENSAIO DE PROMESSA DE QUICUMBI - MOSTARDAS

Lilian Argentina Braga Marques / Sonia Siqueira Campos

Na Europa do século XIII inicia-se a confraria religiosa de Nossa Senhora do Rosário. Em Portugal, as Irmandades foram sobremodo expressivas, difundindo-se pelas colônias, principalmente na África e no Brasil pelos missionários portugueses. A partir do século XV, separam-se as confrarias de pretos e de brancos.

No Brasil, já em 1552, os negros africanos de Pernambuco reuniam-se numa confraria do Rosário, realizando procissões, exclusivamente compostas de homens de cor.

A política da Igreja apoiou as coroações de reis negros em Congadas, Quicumbis, Ticumbis, Taieiras e Moçambiques nas festas em devoção à Nossa Senhora do Rosário, a São Benedito e à Santa Efigênia.

Segundo Artur Ramos (*O negro e o folclore cristão no Brasil*. In RAM, v. XVII, 1938), no Brasil não existem autos populares típicos de origem exclusivamente negra. Aqueles, em que interveio o elemento africano em maior dose, obedecem, em última análise, à técnica do desenvolvimento dramático dos antigos peninsulares, isto é, o negro adaptou elementos que ele já encontrou no Brasil, trazidos pelos portugueses.

No caso do Quicumbi, que na África tinha uma ligação com cerimônia prepubertária, no Brasil passa a ser dança dramática do contexto dos Congos. Já registrados em 1760, na Bahia o Quicumbi, posteriormente, passa a receber outras denominações: Cucumbi (RJ), Cacumbi (SC) e (SE), Ticumbi ou Baile de Congo (ES).

No Rio Grande do Sul a presença do Quicumbi foi observada em Rio Pardo, São José do Norte, Osório, sempre ligada à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

As irmandades, funcionando como entidades de classe, serviram de instrumento social, pois, através delas, os homens de cor procuravam adquirir status.

Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o acentuado espírito religioso dos açorianos resultou na criação das confrarias e Irmandades do Orago da Igreja das povoações, outras dedicadas ao Divino Espírito Santo e a São Miguel e Almas. Também, Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Segundo registros históricos, funda-se em 1754, na freguesia de Viamão, uma Irmandade de pretos. Em 1774, em Rio Pardo, outra similar inicia o assentamento de suas regras e reuniões.

A Irmandade do Rosário de Mostardas apresenta-se com os nomes: Ensaio, Ensaio de Promessa, Ensaio de Quicumbi. Sua presença, na região, constata-se desde 1820.

O procurador geral, Orlando Cardoso Duarte, contou ter o Ensaio de Promessa de Quicumbi começado quando Nossa Senhora apareceu no mar. Os senhores de escravos foram buscá-la, porém, nada conseguiram; então, um carrasco enfeitou um pretinho, retinto, que, cantando, conduziu-a pela mão, trazendo-a para a terra. Isso formou o Ensaio.

Era cantado pelos escravos nos matos. Ao redor das fogueiras faziam promessas e entoavam seus cantos, louvando a Senhora do Rosário. Devido à falta de médicos na região, os doentes, tendo fé em Nossa Senhora, devotamente, pagavam a promessa quando ficavam curados.

Tal devoção permanece até os nossos dias. Contam-se causos curiosos de pessoas que morreram sem ter pago a promessa, e seus espíritos começaram a atentar pessoas da família, obrigando-as a resgatar o que era devido à Nossa Senhora do Rosário.

A fundação de Mostardas data de 1773. Sua povoação constituiu-se de portugueses, paulistas, lagunistas, açorianos e negros; estes últimos, em número expressivo, perfazendo 32% da população local em 1780. Seus descendentes mantêm atuantes seus grupos de Quicumbis.

Atualmente, no município de Mostardas, há três Irmandades compostas

de elementos masculinos. Nenhuma delas possui sede nem prescinde de ajuda oficial. São desvinculadas da Igreja. Entretanto, o que chegou aos atuais dançantes perdeu características. Um participante recorda terem existido outras figuras, como a parte das embaixadas: o rei é c'roado (coroadado) sentava-se à frente do grupo, numa cadeira feito trono, assistindo as evoluções. Em fila dupla os integrantes cantavam e dançavam. Um elemento feminino, a juíza-da-vara (com vestido até os pés) pedia guerra. Todos evoluíam em círculo, sempre cantando.

Neste momento, aparecia o espia que tentava entrar na roda, sendo impedido. Formava-se o diálogo entre o rei e o secretário do Estado. Aquele ordenava a prisão do espia. O Secretário retrucava ser impossível, porque o espia era endemoniado: tinha o rabo de serrote, comia carne de cobra e olho de sapo. O rei pedia que tirasse, ao menos, um pedaço da orelha do espia. A seguir, este era preso e entregue ao rei.

Com o passar do tempo, houveram novos despojamentos. As espadas e elementos de antigos combates não mais se verificam.

A antiga vestimenta compunha-se de calça branca com três listras ao comprido, de cores verde, amarela e azul; uma jaqueta azul e um casquete amarelo ou azul com medalhinhas de santo. Hoje, da indumentária original, sobrou o casquete, tipo fez, usado pelo grupo de Rincão. O grupo da localidade de Teixeira, objeto deste estudo, apresenta-se com vestimenta usual: alguns, com bombachas e botas. A maioria, de chinelo de couro ou de borracha, tipo havaiana. Os membros da Irmandade são de cor preta; na sua maioria, agricultores e devotos do Rosário. O Ensaio de Promessa de Quicumbi só acontece quando alguém paga uma promessa, feita à Nossa Senhora do Rosário. Os seus participantes não recebem remuneração alguma para realizar suas danças em homenagem à Santa.

É uma participação espontânea, de cunho tradicional. Os meninos acompanham os pais e, por volta dos dez anos, já podem integrar-se ao grupo.

Cabe ao pagador de promessa receber os componentes do Quicumbi, fazer vigília junto com eles diante do altar da Santa e oferecer, ao grupo da Irmandade, uma mesa de comida.

O folguedo consta de danças e cantos em louvor à Nossa Senhora, ritmados por tambor e reco-reco.

Os instrumentos musicais e a caixinha ficam na casa do guia e tamboreiro José Manoel Alves.

A caixinha ou cofre de feitiço caseiro é confeccionada em madeira, tendo em uma das extremidades uma parte mais alta, onde está fixado o *registro* (litogravura) da Nossa Senhora do Rosário. Mesmo fora do folguedo ela tem a função milagrosa. São feitos pedidos à Santa, batendo-se três vezes com a caixinha na testa. Alcançada a graça, coloca-se o óbulo no cofre.

O *procurador geral* é responsável pelo grupo. Além dele, destacam-se o tamboreiro, o guia e o contraguia; estes tocam reco-reco. O guia ou mestre inicia o canto. Os demais apenas repetem, ou fazem o canto responsorial relativo ao que foi anunciado pelo guia.

Nº 2, junho de 1996. Associação Brasileira de Folclore/Museu de Folclore Rossini Tavares de Lima - São Paulo

Na rua, começa o Ensaio com a saudação à casa do dono da promessa. O préstito é constituído pelo capelão (conduzindo a caixinha de Nossa Senhora do Rosário), tamboreiro, guia e contraguia e, após, os *dançantes* em fila dupla.

Visitantes e *espíantes* abrem alas na porta da casa.

O dono da promessa recebe a caixinha, leva-a até o altar improvisado na sala, e retorna com a santinha, juntamente com um familiar que conduz uma vela acesa. Posicionam-se à frente do cortejo e adentram a passos lentos.

A Irmandade continua repetindo o canto de chegada:

Guia - Oi, ora vamo

A senhora chamô, / bis

Ganaiê ticaluno,

A senhora chamô.

Ai, ora vamo,

A senhora chamô.

(documento musical nº 1)

O dono da promessa e o tamboreiro ladeiam o altar. À frente, ficam os 14 dançantes dispostos em duas filas juntamente com o mestre e o contragüia.

O mestre conclama os quicumbis a saudarem a Santa e salvam a casa:

Guia - Deus te salve, casa Santa,
Ó que linda morada / bis

Guia - Ai, olha Santa Maria no céu
Com seu rosário na mão,
Vai rezar lá pro céu.

(documento musical nº 4)

O capelão ou capelona reza o terço, acompanhado(a) pelos presentes:

Guia - Oi, nosso capelão,
Ai, viemo le buscá,
Mais tá chegando a hora
Do terço rezá

(documento musical nº 5)

A capelona segue à frente dos dançantes e se aproxima do oratório:

Guia - Ai, vamo na capela Santa
Fazê oração.
Botai joeio em terra
Ai, serem Capelão

(documento musical nº 6)

Ao término das orações, os dançantes reverenciam o altar e começam a dança, chamando o tamboreiro:

Guia - Quede o nosso tamboreiro,
Mãe de Deus?
Tamboreiro do Rosário,
Mãe de Deus?
Dançantes - Ai, chora macama,
Ai, chora, aiuê. / bis

Após cantarem várias estrofes, repetindo-as, sempre acompanhados pelo coro, os guias mudam a cantoria. O tamboreiro acelera o ritmo e a dança fica mais viva:

Guia - Que santinha é aquela
Que lá i vem na charola?* / bis
É a mãe do Rosário, Senhora
Ela vem pela glória. / bis

(documento musical nº 7)

Às vezes, fazem pequena pausa de canto e dança, a fim de trocarem o guia e o tamboreiro.

A cantoria recomeça:

Guia - O sacrário tá aberto / bis
Vamos adorare.
Lá na porta do céu,
Minha senhora / bis
Para nós entrare.

(documento musical nº 12)

À meia-noite é servido o jantar ao grupo da irmandade e convidados.

Em certos momentos da cantoria, transparecem traços de folguedo de antigamente:

Entrais, entrais no mato,
entrais
Entrais no mato entrais,
Mais pra ver o rei c' roado.

(documento musical nº 23)

O tamboreiro faz uma pausa e muda o ritmo. Há revezamento entre os dançantes. O guia puxa a cantoria:

Oi Gunga, meu santo
Óia o ganaiê, ganaiê ticaluno,
Eu vou embora.

Guia - Ai, da banda do norte
Ai, vem uma estrela / bis
É o sol, é a lua, senhora / bis
Todas três companheira.

Guia - Oi, vem a estrela D'Alva
Oi, vem rompendo o dia.
Aquele estrela se chama
Estrela da virgem Maria.

Guia - Oi, vem a estrela D'Alva
Ai, vem rompendo o dia.
Aquele estrela se chama
Da virgem Maria.

Guia - Oi, vem a estrela D'Alva
Ai, vem rompendo a aurora,
Aquele estrela se chama
Da virgem Nossa Senhora.

(documento musical nº 25)

Talvez, como reminiscência de antigo mito que teria impressionado os velhos escravos, o guia canta:

Oi, o bumba molê / bis
É o bicho do mató.

Oi, o bumba molê,
Oi, o bumba molê / bis

Ela mata o Congo,
Ela mata a fome,
Ela mata o Congo,
Ele vai embora.

(documento musical nº 27)

A dança do lenço é executada já no amanhecer. Cada bailarino amarra o seu lenço (de bolso) na ponta do lenço do companheiro. Assim, as duas filas de dançantes estarão unidas. O tamboreiro dá início ao toque; guia e contraguia participam da dança.

Guia - Segura o lenço da morena

Dançantes - Ô, ô, ô, ô, ...

Guia - Mais, o tamboreiro de aruanda

Dançantes - Ô, ô, ô, ô, ...

Guia - Mais dança até a madrugada

Dançantes - Ô, ô, ô, ô, ...

Guia - Salve o nosso dançadô

Dançantes - Ô, ô, ô, ô, ...

... (documento musical nº 28)

Ao cantar do galo, anunciando a aurora preparam-se para a despedida:

Guia - Ora, os galos tão cantando

Já será de madrugada / bis

Os galos tão cantando, morena,

Salve nossa morada. / bis

(documento musical nº 31)

Os dançantes despedem-se de todos os presentes. A seguir, forma-se o cortejo com o dono da promessa à frente, conduzindo a caixinha e acompanhado por parente que segura uma vela acesa. Atrás o grupo acompanha-os em passos lentos, já fora da casa, onde continuam cantando.

Encerra-se a visita dos Quicumbis como o pedido de bênçãos à Nossa Senhora do Rosário.

A Santa é reconduzida ao altar e todos depositam o seu óbulo na caixinha, ao mesmo tempo que batem três vezes com ela na cabeça, rogando graças. Está paga a promessa.

A exemplo dos folguedos religiosos, no Ensaio de Promessa de Mostardas verificam-se os componentes católicos: cortejo processional, capelão, terço rezado, vela, altar, santos (estátuas e registros).

A apresentação da Promessa não se liga ao calendário religioso, nem ao dia festivo da Santa. A data é determinada pelo dono da promessa.

O grupo de Ensaio agrega-se em torno de um elemento de fé, Nossa Senhora do Rosário, fortificando os laços fraternos entre os elementos de uma mesma raça, igualmente desempenhando na comunidade um papel de ligação religiosa.

* charola = andor

Endereço para correspondência com as autoras:

Rua Leopoldo Froes, 31

Cep. 90220-090

Porto Alegre - RS

DOCUMENTÁRIO MUSICAL

DOCUMENTO MUSICAL Nº 1

Canto de Chegada ou Salve a Casa

Andante M.M. = 96

GUITA
Ai, o-ra va - mo a se-nho - ra che - sou

TAMBOR
Ai, o-ra va - mo a se-nho - ra che - sou Ge-nai.
ti-ca-lu-no A se-nho - ra che-so - ou

CORO
Ai, o-ra va - mo a se-nho - ra che - sou
Ai, o-ra va - mo a se-nho - ra che - sou
Ai, o-ra va - mo a se-nho - ra che - sou Ge-nai.
ti-ca-lu-no A se-nho - ra che-so - ou.

DOCUMENTO MUSICAL Nº 4

Santa Maria do céu

Andante M.M. = 96

GUITA
Ai o-Iha San - ta Ma - ri - a do céu --

TAMBOR
Ai o-Iha San - ta Ma - ri - a do céu --

CORO
(simile)
Com seu rosa - rio na mão -- Vai re-zar no campo santo.

DOCUMENTO
MUSICAL Nº 5
Nosso capelão

Andante M.M. = 96

GUIA

Di, o nos - sa ce-pe-lão - Ai, vi - e - so le bus-cê Mais

TAMBOR

esté chagen - do a ho - ra Do ter - ço re - zá. Di, o

CORDO

ce-pe - lão Ai, vi - e - so le bus-cê Mais es -

roado

tá chagendo a ho - ra do ter - ço re - zá.

DOCUMENTO
MUSICAL Nº 6
Na capela santa

Andante M.M. = 96

GUIA

Ai, va-mo na ca - pe - la san - ta Fa - zea o - ra -

ção

Bo - tei jo - e - ião es - terra Ai, se - re - mo ca - pe -

lão. Ai, lão. Ai, lão.

CORDO

GUIA

FAZ HARMONIA

DOCUMENTO
MUSICAL Nº 7
Santinha

Andante M.M. = 100

GUIA

Que sen - ti - nha é a - que - le Que vem lá na cha -

TAMBOR

ro - o - la Que santinha é a - que - le Que vem lá na cha -

CORDO

GUIA

ro - o - la É a Mãe do Ro - sério Sinhorê Ela vem pe - la

CORDO

gló - o - ris É a Mãe do rosário Sinhorê E - la vem pe - la gló - o - ris.

DOCUMENTO
MUSICAL Nº 12
O sacrário

Andante M.M. = 96

GUIA CORO

O sacrário t'abs-er-to Vão a- do-re- a-re

GUIA

Lá na porta do céu a'nhs senhore Para nós en- tra- re.

Detailed description: This is a musical score for 'O sacrário'. It consists of two staves. The first staff is for the vocal part, starting with a treble clef and a key signature of one flat. The tempo is marked 'Andante' with a metronome marking of 96. The second staff is for the guitar, indicated by the word 'GUIA' above it. The lyrics are written below the vocal staff.

DOCUMENTO
MUSICAL Nº 23
Entrais

Andante M.M. = 92

GUIA

En - traís En-traís nesta ce-sa santa Entraís pra ver Co's

su - a "cro - a" na ce - be- çs Co's su - a "cro - a na ce -

be - e - çs. En- be - e - çs. En - traís, En-trai no meo an-

traís Entraís no me-to En- traís Mais pa- ra ver O rei "cro-

a- do" Mais pa- ra ver O rei "cro - a - do". En -

a - do".

CORO

Detailed description: This is a musical score for 'Entrais'. It consists of five staves. The first staff is for the vocal part, starting with a treble clef and a key signature of one flat. The tempo is marked 'Andante' with a metronome marking of 92. The second staff is for the guitar, indicated by the word 'GUIA' above it. The lyrics are written below the vocal staff. There are some markings above the second and third staves that appear to be 'CORO' or similar. The score ends with a final chord on the fifth staff.

DOCUMENTO
MUSICAL Nº 25
Vem a estrela

Andante M.M. = 92

GUIA

Oi, vem a Es-tre-la Dal - va Ai, vem rompen-do o di - a-a-que-

Yambor

le estre-la se cha - ma De Vir- gen Ma - ri - a. Oi, ri - a.

CORO

Detailed description: This is a musical score for 'Vem a estrela'. It consists of two staves. The first staff is for the vocal part, starting with a treble clef and a key signature of one flat. The tempo is marked 'Andante' with a metronome marking of 92. The second staff is for the guitar, indicated by the word 'GUIA' above it. The lyrics are written below the vocal staff. There is a 'CORO' marking above the second staff.

DOCUMENTO
MUSICAL Nº 27
Bumba molê

Andante M.M. = 108

GUITA

TAMBOR

Ol, o Bumba molê - lê Ol, o Bumba molê - lê f e bi-cha do
ca-raf e Bumba molê - lê Ol, o Bumba molê - lê.

E - la ma - ta a Con-guê-le ato e fava E - la ma - ta a

Campe E - la vai co-ba-ze.

DOCUMENTO
MUSICAL Nº 28
Dança do lenço

Andante M.M. = 92

TAMBOR

GUITA

Be-gu-re o lenço, mo-re-na Mais o mo-re-na do an-
do Mas dan-ça lá de sa-dru-ge-do Mais u-na

Para finalizar

mal-te não é na-de. (sai-la) Ai, ou-a pro-mes-so está

pe-ga Ai, que ve-mo nos re-ti-rá. Ai, ou-a

pro-mes-so está pe-ga.

DOCUMENTO
MUSICAL Nº 31
Os galos estão cantando

Os galos estão cantando, Já se-rá sa-dru-ge-do

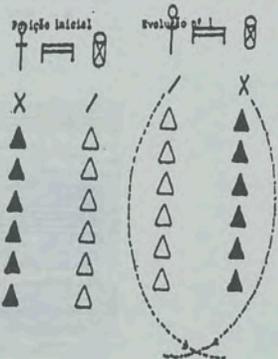
Os galos estão cantando, Já se-rá sa-dru-ge-do

Os galos estão cantando, mo-re-na. Salve a nos-sa mo-re-na.

Os galos estão cantando, mo-re-na. Salve a nos-sa mo-re-na.

Legenda:

		X contrabaixo
alt		- - - trajeto do guiz
		- - - - - trajeto do contrabaixo
dedo da promessa		Δ dançantes coluna direita
		▲ dançantes coluna esquerda
tamboreiro		
guiz		



ANITA-MULHER



Leatrice Moellmann

Voa, Anita!
a utopia é infinita.
Tu nasceste pra voar!

Tu nasceste para amar!
Tu nasceste pra lutar!

Ave César, Garibaldi!
Que a bandeira se desfralde
da Liberdade, da Igualdade
e da Humanidade!

Intrépido corsário
e matuta-menina
escrevem a trajetória
de herói e heroína!

Exilado revolucionário
traz da Itália o ideário
do emblema republicano.

(Uma trajetória de amor)

Cruzando o oceano,
no Brasil se faz pirata,
combate no Rio da
Prata,
nas refregas do Uruguai
nas ciladas de Gualeguai.

Engajado na guerrilha
da Insurreição Farroupilha,
de vitória em vitória,
chega a Santa Catarina.

Na agreste campina
pela mão ardorosa
de amazona sulina
galopa égua fogosa.

Ana Maria Ribeiro,
adolescente,
no planalto catarinense,
de *araucaria brasiliensis*,
cresce forte e valente.

Afeita às lides rurais,
com os irmãos e os pais,
vive solta e liberta.

Como aves voando,
solitárias ou em bando,
os sonhos de Aninha
adejam,
os passarinhos solfejam ...

Nos mares de Laguna,
 estranha vela se enfuna.
 Ana Maria se põe a sonhar
 vê príncipe encantado
 que a vem arrebatat
 da pasmaceira enfadonha
 de sua vida tristonha.

Gaiotas pescando, siris
 na escoada,
 botos na enseada,
 todos vão testemunhar:

Garibaldi guerreiro
 e audaz marinheiro,
 no comando
 da tropa farroupilha,
 chega para a conquista
 da terra monarquista.

Mas não conquista
 terras apenas
 o formoso italiano,
 com suas louras melenas,
 olhos azuis, perfil romano.
 Seu carisma e fama,
 as mulheres inflama.

De bordo a luneta ele assesta
 para as areias da Barra
 e vê a figura brejeira
 de Ana Maria na praia.
 Rápido ele se apresta
 para ir atrás dela.

Numa humilde casinha
 ela está à janela.

Tu devi essere mia,
 sussurra com ousadia
 ao ver-lhe sob o vestido
 o seio mal-escondido,
 o talhe voluptuoso,
 a cor escura, trigueira,
 da mulher brasileira.
 Os olhos castanhos,
 densos, dilatados, imensos,
 amêndoas das tamareiras
 do céu ...

O coração de Ana Maria
 bate num escarcéu:
 deseja-o por companheiro!
 Em suas *Memórias* mais
 tarde, narra o próprio
 Garibaldi:

*... na minha insolência
 tinha atado naquele
 momento as nossas
 existências.*

Ele a chama de Anita
 e a leva para o lanchão.
 Principia trilha infinita
 de uma ardente paixão.
 É o ato de estréia
 de comovente epopéia.

Nos parcos dezoito anos,
em heroísmo,
a catarinense se iguala
ao herói-veterano.

No tombadilho
do Rio Pardo,
brilha como dardo,
acende e apaga o rastilho,
a buliçosa Anita.
E à luta, os homens concita.

Nos intervalos fugazes
da violenta refrega
ardente ela se entrega
aos abraços tenazes
do apaixonado guerreiro.
Seu leito é o fuzil,
e o sabre, o travesseiro.

Tentando preservá-la
de fogo cruzado das balas,
Garibaldi ordena a Anita
que na câmara do brigue
se defenda e abrigue.

*Sim, vou descer
mas é para enxotar os poltrões
que lá se foram esconder.*

Do confronto entre as flotilhas
farroupilha e imperial
restaram Garibaldi,
Anita e o *Seival*.

Destruída toda a frota,
prosseguiram por terra,
entre vitória e derrota,
até as matas da serra.

No Campo das Forquilhas,
perto de Curitiba, a
Coluna Farroupilha
é desbaratada.

Anita maltrapilha, só e
desgrenhada, montaria
abatida, é feita prisioneira.
Garibaldi desaparecera.

No copado pinheiral,
como o corvo de Allan Poe,
solene, a gralha crocita:
*Nunca mais, nunca mais,
Anita!*

Destroços na macega,
Anita, meio cega
da lágrima que ofusca,
chorando sai em busca
do adorado companheiro.
O medo do achado,
o encontro derradeiro ...

Seu amor é seu valor!
No solo ensangüentado,
tétricas visões, corpos
mutilados, macabras
posições,

cavalos estirados,
homens feridos
ainda em agonia,
gritos e gemidos
na madrugada fria.
Abutres esvoaçando,
Anita procurando ...

Mas buscou de balde.
Para seu alívio,
não encontrou
o amado Garibaldi.

Se Santa Catarina
tivesse um Picasso
para gravar em aço
essa fantástica memória,
teria a sua *Guernica*
perpetuando a História.

O reencontro foi
nos campos lageanos,
onde Anita passara
seus primeiros anos.

Abrigados
em casa de amigos,
descansam e se refazem
de agruras e perigos.

No ventre amoroso de Anita
um coraçãozinho palpita.

Na passagem do ano
são vistos na missa.
O casal festeja
a boa nova na igreja.

Assim foi criada,
no folclore catarinense,
a quadrilha musicada:
*Garibaldi foi à missa
num cavalo sem espora,
o cavalo tropeçou
Garibaldi caiu fora.*

Para o Rio Grande do Sul
os levou a Revolução.
Entre combates e tréguas
percorreram muitas léguas.

Às margens da Lagoa
dos Patos, os heróis
da liberdade dependem
de caridade.

Como Maria de Nazaré,
Ana Maria não tem teto
Onde dar à luz seu filho.
O guerreiro farrapo
Não dispõe de um trapo
Para cobri-lo.

Gente hospitaleira aparece
E sua casa oferece:
Nasce o primogênito.

Orgulhoso e ufano,
O pai lhe dá o nome
De um herói italiano.

Fazia exatamente
Nove meses da batalha
Do Passo de Santa Vitória.
O menino é fruto da glória.
Doze dias depois,
Anita no puerpério,
Garibaldi ausente,
Nova emboscada.
Decidida e valente,
Quase nua, a convalescente,
Com o filho nos braços,
Salta sobre a sela
E foge desabalada,
Enfrentando a procela.

Novas escaramuças.
Retorna Garibaldi.
Com devotamento,
Amarra o filho ao pescoço
E o aquece com o alento.

Cavalgando pelas brenhas,
Por planícies e penhas,
Transpõem a mata fechada.
A longa travessia
Demora nove dias.

Trilhas inundadas,
Tropas desgovernadas,
Fome, miséria.

Farrapos sem agasalhos,
Fugas e deserções.
A revolução agoniza.
De sossego e trabalho
A família precisa.
O corsário decide
Mudar-se para o Uruguai.

Épica jornada.
Reencontra em Montevidéu
Os antigos camaradas.
Entre lutas e recessos,
O guerreiro se pacifica
E à família se dedica.
Exerce o comércio
e o magistério.

Anita é Mãe de família:
tem dois filhos e duas filhas.

Seu antigo sonho
de casar com o amado
é concretizado.

Mas o assédio feminino,
o carisma do herói,
despertam em seu coração
o ciúme que dói.

Galante e feiticeiro,
Garibaldi chega a aparar
a barba ruiva e o longo cabelo
para apaziguar seu zelo.

Ele narra em missiva:
Em crise possessiva,
ela aparecia com duas pistolas
uma para atirar contra mim
e outra contra a rival.

Na longínqua terra natal,
a revolução prospera.
Garibaldi tem saudade:
a pátria o espera,
o povo o reclama.
É hora de libertar
o solo italiano.
É preciso voltar.
Anita vai na frente
com a tarefa ingente
de preparar o regresso,
desativar o processo:
o impetuoso corsário
fora condenado
a morrer enforcado.

Retornando à Itália,
arregimenta voluntários.
lança o brado revolucionário.
É o general da unificação.

A camisa vermelha,
sua marca jacobina,
é farda garibaldina.

Grávida de alguns meses,
a valente Anita
recusa-se a fugir
de impactos e revezes.

Quer participar da
campanha
como fazia Além-mar.
Solidária e prestante,
não aceita renunciar.
Prefere morrer com o
marido a viver só para
os filhos.

Na dramática retirada
de Roma, Anita cavalariana,
travestida de homem,
e heroína republicana.

O combate contra os
austríacos é ferrenho.
Disputam com bravura
cada palmo de terreno.
Garibaldi abandona as
trincheiras para dar a Anita
a assistência de que
necessita.
A dedicação e o carinho
no último caminho são
testemunho eloqüente
do seu amor permanente.

A zona beligerante é
altamente perigosa,
e a caminhada, dolorosa.
Na busca de um abrigo
se expõem ao inimigo.

Disfarçada de indigente,
febre alta e renitente,
ela aos poucos vai morrendo.
Quando alcançam a pousada,
hirta e retesada,
já está morta
nos braços do esposo.

As páginas da História
que narram seu passamento,
são lágrimas de glória
estrelando o firmamento.

Nas plagas da Itália,
em Ravena,
fenece uma açucena
colhida no Brasil.

Enterrada às pressas
sem ofício e sem ęa,
Anita percorre morta
dolorosa via-sacra.

São sete estações
correspondentes
a sete transladações.
A inumação derradeira
consagra para o mundo
a heroína brasileira:
homenagem do governo italiano,
na Gianícola Colina,
no Panteão Romano.

Única mulher de carne e
osso a merecer esse
colosso!

Numa estátua equestre,
entronizada em pedestal,
Anita brasileira se torna
universal.

De sabre em riste, volúpia
voa veloz, vertiginosa
para o infinito.
Anita é mito!

Amante, companheira,
intrépida guerreira,
amiga fiel, caridosa
enfermeira, soldado-intendente,
guardiã de armas
e munições, carinhosa
confidente, embaixatriz
das nações, deusa da
liberdade, Anita é amor!

Humilde e analfabeta, é a
imagem concreta do mais
alto valor:
Anita é Ser Humano!

Mulher-fêmea, mulher-mãe,
mulher-heroína, recebe,
Anita, as homenagens
de Santa Catarina!

FLORIANÓPOLIS - SC

GRUPO ARCOS PRESERVA CULTURA AÇORIANA

Criado há dez anos, projeto promove resgate das tradições

MAURÍCIO OLIVEIRA

Biguaçu - O grupo Folclórico Arcos acaba de retornar de uma apresentação para centenas de pessoas no Sesc Pompéia, em São Paulo, dentro do projeto "Vira Brasil, Vira Portugal", criado para celebrar os 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil. Composto por 44 dançarinos, cantores e músicos, o grupo levou guloseimas típicas para distribuir ao público paulista durante o espetáculo. "É uma tradição nas famílias açorianas oferecer algo aos visitantes, como as melhores laranjas do quintal ou um pouco de café recém-moído. Fizemos o mesmo e vimos muita gente com



lágrimas nos olhos, até porque São Paulo também tem muitos descendentes de açorianos”, relata a coordenadora, Ana Lúcia Coutinho. A participação do grupo catarinense foi mostrada em rede nacional pela TV Cultura.

Historiadora com raízes em Biguaçu há quatro gerações, tanto por parte de pai como de mãe, Ana foi uma das criadoras do grupo há dez anos e desde então o coordena. “A idéia nasceu da constatação de que a nossa riqueza histórica não vinha sendo preservada. Isso não pode acontecer com um município que tem 250 anos e é um dos mais antigos do Estado”, considera Ana. O grupo já acumula quase mil apresentações, não só em Santa Catarina como também nos demais estados da Região Sul e Sudeste. “Também fomos convidados para o Nordeste e a Argentina, mas a falta de dinheiro inviabilizou as viagens”, lamenta a coordenadora.

Depois de dispensar cachê nos primeiros anos, o grupo passou a cobrar R\$ 400,00 por apresentação em eventos comerciais, como convenções e congressos. Nem por isso a agenda ficou vazia. Nos próximos 30 dias há compromissos em Itajaí, Governador Celso Ramos, Garopaba e Porto Belo. Em 21 de julho o grupo abre o Congresso de Agronomia que se realizará no Lagoa Iate Clube (LIC), em Florianópolis, para o qual foi contratado há um ano. Esse mesmo ritmo é mantido o ano todo, de março a dezembro. Excluindo os dois meses das férias de verão, o grupo nunca passou um mês sem pelo menos três apresentações.

Os componentes do grupo têm várias idades - de crianças a idosos - e não são apenas de Biguaçu, mas também de Florianópolis e São José. Nenhum deles é remunerado. A participação, voluntária, oferece como principal vantagem a chance de viajar. Em contrapartida, os componentes têm que dedicar boas horas ao grupo, já que, além das apresentações, há ensaios todas as sextas à noite. “Sou meio mão-de-ferro e não deixo ninguém relaxar. Mas admiro muito esses jovens que, em época de internet e várias alternativas de lazer, se interessam pela preservação da memória”, elogia a coordenadora, que transformou a própria casa em sede provisória do grupo.

RECURSOS

Tudo o que o grupo arrecada é revertido para a manutenção das vestimentas e instrumentos. A maioria dos trajes foram trazidos dos Açores, por doação do governo de lá ou comprados de artesãos indicados por grupos folclóricos locais. A outra parte foi feita em Biguaçu, reproduzindo roupas típicas do litoral catarinense. Também são doações do governo dos Açores os sapatos, que se desgastam facilmente e precisam ser substituídos com frequência, e as duas violas de 15 cordas.



Para Ana, o reconhecimento que o grupo tem obtido se deve ao cuidado em reproduzir as tradições. Depois de recolher em Biguaçu fragmentos de danças e cantorias, ela esteve três vezes nos Açores para tentar identificá-las. Encontrou versos idênticos em danças como a chamarrita e o massanico - ambas alegres, de celebração à colheita. "Essas danças eram executadas com frequência em Biguaçu, mas agora só ocorrem em festa de igreja ou em uma e outra reunião de família", descreve.

FOLCLORE

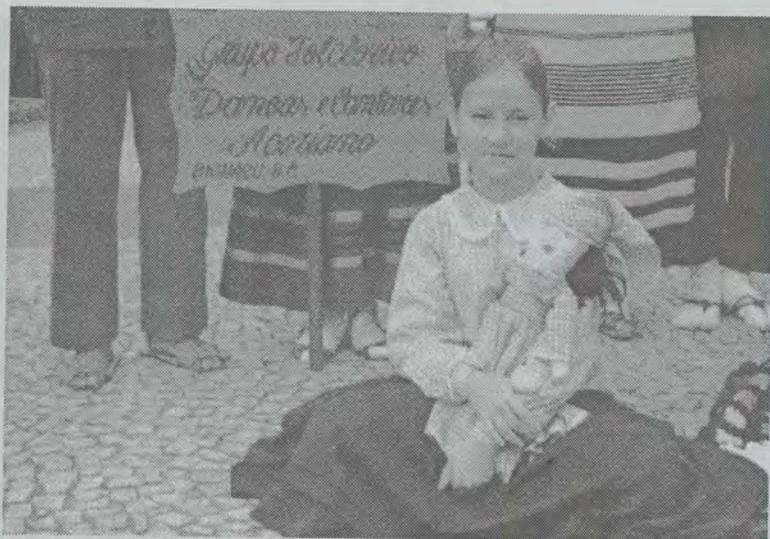
Os 250 anos de colonização açoriana em Santa Catarina tem o Grupo Arcos garantia de manutenção dos costumes dos imigrantes, com roupas, danças e gastronomia típica



TRANSCRITO AN CAPITAL 24.07.99

LUTA PELA RECUPERAÇÃO DE MONUMENTOS HISTÓRICOS

O Grupo Arcos não se preocupa apenas com o resgate da música e da dança, mas também com a preservação dos monumentos históricos de Biguaçu. Uma luta que se arrasta há pelo menos dez anos é a transformação do casarão Born, sobrado alemão com influência luso-brasileira erguido em 1891 no centro da cidade, na Casa da Cultura do município. O processo de desapropriação já está encaminhado, mas a Prefeitura alega não ter dinheiro



SHOW, Crianças também participam do Arcos, que viaja pelo Brasil fazendo apresentações

para pagar a indenização de quase R\$ 60 mil aos herdeiros da família Born. “O governo do Estado já se comprometeu em colaborar na restauração assim que a desapropriação for concluída”, diz Ana Coutinho.

Enquanto aguarda o desfecho do caso, o Arcos reúne peças históricas para o futuro acervo da Casa da Cultura, guardadas numa casa especialmente alugada para essa função. São carros-de-boi, rocas de tecer fio, balaios, colchas de crochê, pernas-de-pau e outros utensílios doados por famílias tradicionais de Biguaçu.

Foi de um monumento histórico da cidade, o aqueduto de São Miguel, que veio a inspiração para o nome do Grupo Arcos. Erguida em meados do século passado com a função de canalizar a água da cachoeira de São Miguel para engenhos próximos e às famílias da região, além de abastecer navios que atracavam na praia ali em frente, a estrutura influenciada pela arquitetura romana, inicialmente construída com madeira e depois de pedra e argamassa. O aqueduto faz parte de um conjunto tombado pelo Patrimônio Nacional, que inclui ainda oficinas líticas e a Igreja de São Miguel, construída em 1751 - tudo emoldurado pela vegetação nativa da Mata Atlântica. **(MO)**

VISÃO DO FOLCLORE NACIONAL

ENÉAS ATHANÁZIO

Com sua vasta obra, Mário Souto Maior não está construindo apenas um painel amplo do folclore nacional mas também lhe conferindo um sentido unificador, permitindo aquela visão de conjunto que antes dele seria difícil, se não impossível. Mais uma pedra dessa obra arrojada, levada a efeito com empenho e competência, acaba de ser lançada e constitui o 47º livro de sua autoria. Refiro-me ao “Dicionário de Folcloristas Brasileiros” (20-20 Comunicação e Editora - Recife - 1999), graças ao qual os estudiosos poderão encontrar, num só volume, todos, ou quase todos, os folcloristas brasileiros e se informar sobre suas posições científicas, realizações e obras. Como se pode inferir, é um trabalho de vasta pesquisa e que custou ao autor incontáveis horas de trabalho, consultas, anotações e buscas pessoais para suprir as lacunas e deficiências sem dúvida encontradas na bibliografia até então existente. É fácil imaginar a carga de leitura que se impôs para realizar a ambiciosa obra.

O livro contém cerca de 460 verbetes, cada um deles contemplando um nome, desde os mais antigos até os contemporâneos, o que não deixa de surpreender pela quantidade de brasileiros que vêm se dedicando aos estudos folclóricos. Mesmo considerando que não foram contemplados apenas os folcloristas *stricto sensu*, isto é, aqueles cuja obra predominante trata do assunto, mas também aqueles que, não sendo apenas folcloristas, deram sua contribuição, ainda assim surpreende o número deles, o que é positivo num país onde a cultura popular é tão rica e variada como a nossa. Note-se ainda, como alerta o autor, que muitos ficaram de fora por absoluta falta de elementos informativos.

Embora todo dicionário seja por natureza obra inacabada, sempre aberta para receber as mutações que ocorrem na vida real e não cessam jamais, o livro de Mário Souto Maior ficará como um marco em nossos estudos folclóricos, destinado a ser instrumentos de trabalho indispensável para os estudiosos do assunto e das ciências sociais em geral. Como aconteceu com outros livros de sua autoria, será fonte de informação geral e ponto de

partida para estudos particularizados. Como afirma o autor, o “Dicionário” vem “preencher uma lacuna, pelo simples motivo da inexistência de um similar.”

Entre os folcloristas brasileiros predominam com folga os nordestinos, cujo pendor pela pesquisa é conhecido. A região forneceu alguns dos maiores nomes de nosso folclore, como Sílvia Romero e Câmara Cascudo, entre outros. Em seguida se coloca São Paulo, não só pela quantidade mas também pela importância de figuras como Mário de Andrade, Amadeu Amaral, Alceu Maynard de Araújo, Florestan Fernandes e outros. Santa Catarina aparece com nove nomes: Alice Inês de Oliveira e Silva, Egon Schaden, Lélia Pereira da Silva Nunes, Nereu do Vale Pereira, Osvaldo Ferreira de Melo Filho, Osvaldo Rodrigues Cabral, Walter Fernando Piazza, Doralécio Soares e Theobaldo Costa Jamundá, os dois últimos pernambucanos radicados em nosso Estado há longos anos.

CARUARU - PE

O VISUAL E O AUTÊNTICO

Aleixo Leite Filho

O prazer de se enfeitar é qualidade intrínseca da natureza humana. As figuras que aparecem gravadas nas pedras das furnas, riscadas ou pintadas com resinas, não apresentam apenas os costumes da primitiva cultura, mas também o gosto pela decoração do ambiente. As flores sempre tiveram sua função de enfeite: “umas enfeitam a vida, outras enfeitam a morte”. As mais complicadas pigmentações ainda hoje aparecem no corpo dos nossos indígenas. Balangandãs, quinquilharias e amuletos, vindos de antigos povos orientais, atualmente aparecem em formas de brincos, argolas, colares, pulseiras, anéis e contas cravadas no rosto das mulheres, como emblemas de sofisticadas. Em tempos remotos, as máscaras apareciam nos ritos religiosos, nos teatros ao ar livre ou em comemorações feitas a deuses e reis.

A procura da descaracterização é bastante peculiar a quem deseje se mistificar, pelo disfarce da máscara, da fala, da indumentária ou dos gestos.

Segundo o folclorista Flávio de Aquino: “Teatro não é baseado em histórias líricas do folclore religioso japonês. Representado somente por homens, nele são usadas 120 variedades de máscaras expressando sentimentos e caracteres divididos em cinco personagens principais: o velho, o homem, a mulher, o deus ou deusa, o diabo ou o duende.”

As carrancas sempre representaram o imaginoso do mito, assim como as imagens na personificação dos ídolos e dos ícones. Mesmo sem ter a certeza da forma física do santo de sua devoção, o homem do povo transfere sua idéia para uma escultura de pedra, madeira, barro, gesso – o material mais próximo de suas mãos – da mesma maneira que idealiza a figura dos espíritos obsessores. O satanás de sobranceiras arqueadas, queixo pontudo com barbicha, dois cornos, magricelo, garras aduncas terminando por unhas longas e afiadas, olhos de fogo, dentes ameaçadores, pés de bode, a conduzir enorme espeto, em forma de garfo-tridente, para fisgar as almas; imagem que desperta terror de inferno de fogo inapagável.

Os ex-votos são manifestações do desejo informativo de partes do corpo ou objetos que possam identificar o pedido ao santo protetor.

O impressionismo das alegorias nas festas populares ou folclóricas, tem função específica no gosto do povo. É a vaidade do sentimento exposto por inúmeras maneiras de exibições, tendo como veículo a influência das tintas, o chistoso da criatividade, indo até a simples diversidade de cosméticos e a excitação pelo aroma das ervas. Um dos Magos trouxe para Jesus, recém-nascido, incenso e mirra. O perfume marca individualidade de lembranças de pessoas amadas, tão forte quanto à linha melódica.

A expressão corporal pela dança, quanto à autenticidade de determinados festejos do povo, tem sido objeto de intermináveis polêmicas, tanto em suas apresentações fúnebres quanto de contentamento. Nenhuma dela poderá se divorciar do ritmo ouvido que poderá ser lento (marcha-rancho); compassado (bolero) ou apressado (marcha-frevo).

Sempre que sou indagado sobre a autenticidade das vestes e das músicas dos festejos joaninos a se mesclarem com os carnavalescos, prefiro deixar a resposta com as futuras gerações. Estou com a opinião do professor

Raimond Cantel: “O problema de fronteiras é sempre difícil”.

Hoje em dia, nem sempre a música serve como identificadora de festejo, porquanto já se ouviu música clássica tocada para foliões no carnaval da Bahia; a profanação do maracatu no carnaval de Pernambuco; a sofisticação das “Festas de Bois”, no Norte e das “Festas do Divino,” no Sul do País. Muitas vezes, uma modificação vem ditada pela conveniência financeira e econômica, conforme a substituição do instrumental do Zabumba pelo metal, os ornamentos de papel pelo plástico, a xilogravura por artefatos de borracha, pano e zinco, e daí por diante.

De resto, a quadrilha palaciana, que nos chegou através da nobreza européia, popularizou-se, enquanto o lundu, dança africana, vinda com os escravos angolanos, elitizou-se pelos teatros e salões aristocráticos.

O REI DA ESTRADA

A diversidade cultural de David Gonçalves, autor de O Rei da Estrada e outros títulos, o coloca em destaque entre os escritores catarinenses.

O Rei da Estrada é a primeira obra do autor que me chega às mãos. Desenvolvendo as narrativas com tamanha profundidade de conhecimento na análise do texto da obra, nos certificando a crer na sua constante participação em todos os segmentos das cenas descritas, que assume uma veracidade tal que o leitor se transforma em personagem participativo no contexto da obra sem sentir o seu envolvimento.

Parto do princípio de que para se alcançar êxito numa obra, principalmente na articulada por David Gonçalves, necessário se torna uma pesquisa de profundidade, e isto não faltou no autor, que culturalmente é participativo em todos os lances de sua obra, estando presente direta e indiretamente na caminhada entre seus personagens.

** Gostaria que o autor me indicasse onde encontrar os títulos de sua autoria, registrados na última página de O Rei da Estrada.

Doralécio Soares

PROFESSOR DR. JOSÉ SANT'ANNA

Faleceu subitamente o baluarte do Festival Nacional de Folclore de Olímpia.

José Sant'Anna, este é o seu nome. Figura carismática que jamais deveria morrer. Existem pessoas que se integram à vida de uma comunidade que de forma nenhuma deveriam desaparecer, atingidos pela morte. Entre estas destacamos a de José Sant'Anna, homem que reunia uma cultura das mais elevadas na área erudita e popular, com a qualidade de reunir em torno de si elementos de destacado valor, que o serviço da comunidade sentiam prazer em serem conduzidos pela figura dinâmica de José Sant'Anna, que desaparece quando muito tinha a dar à Olímpia, deixando uma lacuna difícil de ser preenchida.

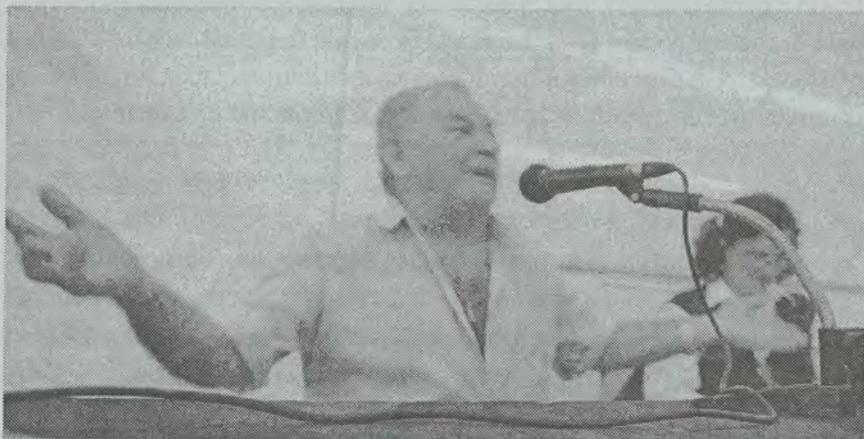
Autor de várias obras, na sua maioria ligadas à cultura do povo, em pesquisas substanciáveis na área do popular. José Sant'Anna jamais terá quem supra o espaço que deixa aberto em Olímpia. A Comissão Catarinense de Folclore, sentindo-se ferida com o desaparecimento desta brilhante figura, registra em seu Boletim o seu desaparecimento, leva a toda comunidade de Olímpia o sentimento de todos que a integram. Perde Olímpia, perde São Paulo e perde o Brasil. José Sant'Anna, figura que jamais será esquecida, pela grandeza do seu coração e pela obra que deixa no caminho de sua existência. Aos seus amigos, familiares e a toda comunidade olimpiense, os sentimentos dos que integram a Comissão Catarinense de Folclore.

Doralécio Soares

CANTADORES PRESERVAM O BOI-DE-MAMÃO



BOI-DE-MAMÃO, Festejo popular, pesquisado na pós-graduação, foi introduzido na Ilha de Santa Catarina pelos colonizadores açorianos.



EXPERIÊNCIA, Firmino, 70 anos, fala com desenvoltura sobre o tema: “Um bom cantor é igual a um bom professor numa escola boa”.

PESQUISA DESENVOLVIDA NA CAPITAL MOSTRA FORMA DIFERENCIADA DE PRATICAR TRADIÇÃO AÇORIANA

ALINE FELKL

São três senhores de aparência serena, cabeça calva e movimentos contidos. Três figuras que se transformam diante da menor chance de mostrar o talento guardado há gerações, e com lições que bem poderiam ser aproveitadas em sala de aula. “Um bom cantor é igual a um bom professor numa escola boa”, compara Seu Firmino, que faz suas sete décadas parecerem sete anos quando solta a voz e liberta a criança que cresceu nas festas de boi-de-mamão no Itacorubi, onde ainda é o líder de seu grupo. “O chamador é a mola-mestra do boi-de-mamão”, ele explica.

Compartilhar as histórias orais que só um cantador de boi-de-mamão conhece foi o que aconteceu na tarde de ontem num dos muitos auditórios da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O festejo popular foi introduzido na ilha pelos colonizadores açorianos. Mas a intenção dos dois professores que levaram três deles para uma pequena apresentação, assistida por 18 pessoas, vai bem além. “Escolhemos eles para mostrar que não há só um jeito de dançar o boi. É uma cultura diversificada”, explica o mestrando em Educação, Renaldo Manoel Gonçalves, que promoveu o evento com a professora Maristela Fantin, da pós-graduação em Educação.

A mostra fez parte do projeto de pesquisa “Cantadores do Boi”, que eles desenvolvem há mais de um ano e inclui um encontro de gerações pelas várias comunidades da ilha, onde já foram identificados cerca de 10 cantadores com mais de 60 anos. “As crianças das escolas confeccionam os bonecos enquanto os cantadores vão ensinando sobre os personagens do folclore”, diz Gonçalves. Foi também uma prévia do encontro de cantadores marcado para os dias 3 e 4 de dezembro.

Indiferente ao que motivou o projeto, e mais que satisfeito com a oportunidade de cantar, Seu Firmino consegue ainda arrumar um espaço e centra a atenção da sala na lição de vida que apresenta disfarçada de “causo”. Conta que seu dom de encantamento com o público já ajudou uma professora a aquietar estudantes levados, e ri com toda a graça que possui

da pergunta que a mestra, incrédula, lhe fez: “Isso é algum tipo de magia que o senhor tem?” Só puxei uns levadinhos da breca para o meu colo e disse que era importante estudar”, simplifica, se espalhando todo com infinitos gestos sobre a mesa.

O trio foi escolhido para representar o ofício de acordo com a frequência com que ainda o desempenha. Firmino ainda é líder do seu grupo de boi-dmamão no Itacorubi, onde canta sempre que tem festa. Já seu colega de “profissão”, Seu Zé Benta, 79, canta de vez em quando no Grupo Arréda Boi da Barra da Lagoa, e ambos têm em comum a alegria que transparece nos versos do folgado. É assim que Zé Benta vai desenrolando as histórias com a língua apressada. “Vocês estão me vendo cantar, mas eu estou fazendo 20% só do que seria a festa. Aquilo era uma maravilha, que vocês pagavam para escutar ou para ver”.

O terceiro selecionado foi o que fez o diminuto público da sala pensar que, se a manutenção da atividade dependesse apenas do “pagar”, certamente estariam desembolsando sua parte. Seu Pequeno, encolhido numa tristeza de 25 anos, cantou também, e fez bonito para os seus 77 anos “mas seu canto é uma música chorada, diferente dos outros, que cadenciam para um samba alegre”, avalia Gonçalves. Canto de lamento, de quem faz um quarto de século que não puxa um folgado porque o grupo de boi-dmamão de Ratores acabou.

TRANSCRITO. A NOTÍCIA CAPITAL - 29.10.99

A MÚSICA LÍRICA DE HÉLIO ROSA

**Maestro e historiador está na fase final do livro com
recordações de sua vida e carreira musical**

ALDÍRIO SIMÕES

Há 60 anos a música enfeiteira Hélio Teixeira da Rosa. Em 1935, aos seis anos de idade, quando estudava na Escola Alemã, se encantou ao assistir o professor “Herr” Schneider executar, ao violino, “alle Flugen.” Poderia parecer paixão à primeira vista, não fosse a convivência musical



com os dotes artísticos da mãe Olga, nativa do Saco dos Limões, batizada e coroada Imperatriz na Festa do Divino da matriz da Santíssima Trindade Detrás do Morro e, com privilegiada voz de soprano lírico, encenou Verônica em cerimônias religiosas, em São José e em Lages.

De descendência portuguesa, o pai João Teixeira da Rosa, nascido na rua da Tronqueira e proprietário da livraria Rosa, na rua Deodoro, o ensinou a não esconder suas origens, mas fez questão de instruí-lo a se assumir português das ilhas açorianas. Descartava, embora veladamente, a origem lusitana do Continente. Objeção que, possivelmente, levou a matricular o filho na Escola Alemã, com o argumento e a consciência de que o homem que fala duas línguas vale por dois. Seduzido pelos acordes do professor, convenceu a família a comprar o seu primeiro violino, da Carmém, vizinha da rua Deodoro, onde viveu boa parte de sua existência. São recordações a partir dos anos 30 que estão sendo registradas em livro, em fase final de texto.

O fascínio irresistível pela música só não é absoluto porque o também historiador (e maestro) Hélio Teixeira da Rosa se debruça sobre o estudo da cultura popular e das origens açorianas. Cumplicidade manifestada em

1948, quando participou do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina, coordenado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, que recentemente comemorou 100 anos, e do qual é atualmente tesoureiro.

Pequenos grupos musicais formados a partir de 1945, com Abelardo Blumemberg, Rodrigo Otávio de Souza e Silva, Osvaldo Mello Filho, Ivan Schmidt, Ernesto Ballstaedt, entre outros, tocando tangos e boleros que eram sucessos nos clubes Lira e Doze de Agosto, foram embriões da Orquestra Sinfônica de Florianópolis, em que o maestro Hélio Rosa teve efetiva participação.

Antes, porém, participou da Orquestra do Colégio Catarinense. Posteriormente, fundou o Coral Evangélico de Florianópolis, na igreja Luterana. Depois, já como maestro, fundou e dirigiu a Orquestra de Câmara de Florianópolis, percorrendo cidades catarinenses, estados vizinhos, com apresentação, inclusive, na Sala Cecília Meirelles, no Rio de Janeiro, sucesso que se estendeu ao Uruguai e Argentina. Teve participação relevante, também, na Associação Coral de Florianópolis, como cantor, assistente de direção do maestro Aldo Kriger e, dirigindo o grupo, quatro inesquecíveis espetáculos no Arquipélago dos Açores.

PROFESSOR

Formado em administração e professor de pedagogia de canto ofeônico, o maestro manezinho, nascido ao pé do morro do Tico-Tico, tem uma vida inteira dedicada à música. Anualmente aproveitava as férias do Banco do Brasil – do qual é aposentado – para participar de cursos com professores renomados em São Paulo. Foi o amigo de infância e também professor e historiador Osvaldo Mello Filho, que o motivou a seguir os caminhos da pesquisa, aprofundando seus estudos também à música açoriana.

O rádio, em sua época de ouro, tem capítulo à parte no invejável curriculum do conselheiro estadual de cultura e também membro, por muitos anos, da Ordem dos Músicos do Brasil/Secção de Santa Catarina. Desde a fundação da Guarujá, com suas cornetas instaladas no sobrado da Confeitaria Chiquinho.

Entretanto, ao se transferir, por determinação do Banco do Brasil, para Joaçaba, desligou-se do microfone, promessa feita à noiva, e hoje mulher,

Reinalda, mas não por muito tempo. Cyro Marques Nunes, Altair Debona Castelhã e Giulio Marino, um grupo de amigos da rádio Diário da Manhã, de Florianópolis, que visitava Joaçaba, o indicou aos irmãos Adolfo e Walter Zigelli, da emissora naquela cidade.

A paixão pelo microfone aflorou e em seu retorno à Capital voltou ao convívio do rádio, integrando o cast de radioator da Diário, comandada por Aldo Silva. Personagem do programa “Casa de Caboclo” era também o ator preferido das novelas escritas por Gustavo Neves, de absoluto sucesso na época, dividindo tramas com Alda Jacinto, entre outras atrizes de destaque. Com as radionovelas em declínio, público preferindo a novidade das novelas pela televisão, Hélio Rosa decidiu, então, dedicação exclusiva à música, ideal que persegue até hoje, sempre envolvido com livros e partituras, criando arranjos e organizando grupos de cantores para apresentação em casamentos e outros eventos.

JUVENTUDE

Confessa que não cometeu nenhum excesso em sua juventude, mas também não deixou de fazer aquilo que pessoas normais de sua época faziam, embora enrustido – revela – regulado pela rígida religião protestante. Tinha preferência pelas serestas, nem sempre bem aceitas pelo delegado Trogílio Melo, ao decretar o fim dos grupos de trovadores notívagos, afamados como farristas, beberrões e perturbadores da ordem pública.

Foi preciso muita conversa para convencer o “xerife” a entender que pelo menos o grupo de Hélio Rosa era bem comportado: “Tínhamos preferência por fazer seresta para as internas do Colégio Coração de Jesus. As freiras vinham à janela mas não deixavam que as moças saíssem da cama. No dia seguinte recebíamos bilhetinhos apaixonados, com o namoro ocorrendo nos encontros nas sessões do cine Ritz.”

A idade não é empecilho para o atribulado Hélio Rosa continuar respirando música por todos os poros, passar os jornais em revista diariamente via internet, inclusive os dos Açores, convivendo em harmonia com os três filhos Hélio Júnior, Paulo e Marcos e seis netos. Atualmente, se dedica à edição de livro sobre a sua vivência na rua Deodoro – “Rua Deodoro e sua história” – dos anos 30 e à exaustiva pesquisa para elaboração de um dicionário da música catarinense, com cerca de quatro mil verbetes.

MÚSICO CHEGA AOS 70 ANOS CERCADO PELOS DIVERSOS E RAROS TIPOS DE INSTRUMENTOS

A inspiração para reviver a rua Deodoro nasceu ao ler um poema da Dete Piazza e o livro encerra com o capítulo “Os sons da minha rua”. Resume o escritor: “Além dos sons tirados de vozes de canto e dos instrumentos musicais, do ruído do pequeno trânsito de automóveis, ônibus, carretas e carros puxados por equinos, ouviam-se, desde cedo, pela manhã, os chamamentos dos mais diversos vendedores, com seus próprios refrões característicos. O leiteiro, o padeiro, o verdureiro, o jornaleiro, os vendedores de peixes e camarões, os que vendiam balas e doces, alguns usavam apito, outros flautas, pan e matracas, para chamar a atenção dos moradores para os seus produtos. O ruído próprio do vagonete sobre os trilhos da firma Hoepcke, das máquinas da marcenaria dos Daminelli, do martelar da funilaria do Faraco e da oficina do d’ Alascio, da máquina da serraria a cortar toras e das polias que movimentavam as máquinas do Café Vesúvio, ambas do seu Chico Nappi. E transportando móveis ou pianos, os carregadores braçais cantando em ritmo binário e em tom grave, dando cadência aos seus passos, o sempre repetitivo:

Êh, êh, Maria Joana

Êh, êh, Maria Joana...”

Sobrinho de Altair Rosa, primo do escritor Adolfo Boos Júnior, e dos extrovertidos irmãos Paulo e Gastão Rosa e do apresentador de tevê Gilberto Luz, a caminho dos 70 anos, Hélio Teixeira da Rosa continua fazendo o que mais gosta: música, lustrando o piano Erard, relíquia francesa do século 18 e as violas açorianas de doze e quinze cordas, doadas pelo Governo Regional dos Açores.

Os acordes que permeiam o seu dia-a-dia fazem do maestro uma pessoa de comportamento saudável, bem-humorado e de vida singela, convivendo com pessoas simples dos morros da região da Mauro Ramos nos bares da periferia. “É onde aproveito para conversar e fazer minhas anotações. Ouvindo sempre se aprende alguma coisa.”

TRANSCRITO DE A NOTÍCIA - CAPITAL 6/7/99

FLORIANÓPOLIS - SC

FESTA DO DIVINO RELEMBRA TRADIÇÕES

No Ribeirão da Ilha, as festividades aconteceram durante toda a semana e encerraram no sábado

A comunidade do Ribeirão da Ilha, de Florianópolis, mostrou mais uma vez, durante toda a semana passada, quando aconteceu a tradicional Festa do Divino Espírito Santo, que mantém a característica de comunidade açoriana acima de tudo. A chegada do Cortejo Imperial, ontem pela manhã, vindo do Morro das Pedras, na freguesia, foi um dos pontos altos da festa.

As festividades no Ribeirão da Ilha começaram no dia 15 e durante toda a semana passada a religiosidade tomou conta dos moradores da região, principalmente os da Freguesia do Ribeirão, Alto Ribeirão e Morro das Pedras. “No sábado, participei da novena e hoje (domingo) trouxe minhas duas filhas para o cortejo”, contou Antônio Dutra, morador do Morro das Pedras.

Ontem, o cortejo com o casal imperador Vilson Antônio dos Santos e Alcilete da Silva Santos levaram novamente os símbolos do Divino para a Igreja Nossa Senhora da Lapa. No local, uma missa encerrou as festividades da manhã.

Na parte de tarde, a festa continuou pela praça, onde houve apresentação de uma dupla de cantores sertanejos. “Tenho 84 anos de Ribeirão e 29 de trabalhados na Festa do Divino. Durante todos esses anos que acompanho a festa, não mudou muito não. Apenas pequenas e provisórias coisas”, conta Pedro Martins que trabalhou vendendo os pãezinhos do Divino. “Durante o ano a pessoa faz uma promessa e, se por exemplo, melhorar da dor do braço manda fazer um pão em forma de braço e doa para a festa”, explicou ele.

No sábado à noite, na festa do Ribeirão, segundo o policial militar Édio

Marques, cerca de 500 pessoas participaram. “Praticamente toda a comunidade se envolve na festa atualmente”, conta o PM, que nasceu na localidade.

Já Getúlio Xavier, historiador de Porto Alegre e pesquisador do folclore, se encantou com a festa do Ribeirão da Ilha. Ele veio para Florianópolis, assim como outros estudiosos para participar do I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo que terminou ontem na Universidade Federal de Santa Catarina. “Nenhum outro estado mantém a tradição de culto ao Divino com essa força que Santa Catarina ainda preserva”, conta Xavier que estuda a Festa no litoral do Rio Grande do Sul.

Xavier conta que a tradição de mais de sete séculos mantém seu fascínio porque não é uma comemoração imposta. “A Festa do Divino Espírito Santo não é uma festa institucional, ela é uma manifestação do povo, e por isso possui esse poder e essa força popular”, salienta. “O litoral catarinense está atualmente reconhecendo a sua identidade e retornando as suas tradições locais, renegando, assim, os costumes impostos como as tradições gaúchas”, completa Gelci Coelho, o Peninha, historiador e diretor do Museu Universitário da UFSC.

Banda - Outro destaque da festa do Ribeirão é a banda que acompanhou os cortejos e tem, conforme seus integrantes, cerca de 100 anos de existência. “Participo há oito anos da banda, a gente se sente feliz vendo todo mundo apreciando, ainda mais que eu gosto muito da festa”, conta o músico Pedro Barcelos.

Celebração foi feita em outros locais

Além do Ribeirão da Ilha, a tradicional Festa do Divino Espírito Santo movimentou diversas regiões do litoral catarinense neste final de semana.

O Sol forte contribuiu para encantar aqueles que participaram da tradição que, entre outras localidades, teve seu encerramento também no Estreito e no centro da Capital. Nesse último local, na praça Getúlio Vargas, conhecida como Praça dos Bombeiros, a organização calcula que a festa deste ano

dobrou de tamanho. Foram aproximadamente 60 mil pessoas que participaram dos festejos, um recorde para a festa.

“Adorei, tudo muito bonito e legal”, contou, ontem de manhã, Davi Barcelos da Silva, que participou do cortejo mirim da festa do centro. Para a irmã Norma Feuser, diretora do Colégio Coração de Jesus, nos próximos anos será necessário até aumentar a estrutura porque a festa está crescendo a cada ano. Somente do Coração de Jesus, participaram da preparação da festa todos os 5 mil alunos do colégio. Na realização dos cortejos e das apresentações do coral e da banda, estiveram envolvidos cerca de mil estudantes.

Cortejo do Imperador é uma das tradições mais arraigadas na comunidade do Ribeirão da Ilha, sul da Capital

A renda da festa da praça Getúlio Vargas será revertida para a Irmandade do Divino Espírito Santo, que atende cerca de mil crianças e adolescentes carentes através de diversos programas sociais como a Casa Lar e o Lar São Vicente de Paulo. “A participação dos nossos alunos contribui para a formação deles através desse apoio que damos aos programas da Irmandade”, explica Norma. Como o público da festa neste ano dobrou, a irmã calcula que a renda da tradicional quermesse – no ano passado foi em torno de R\$ 50 mil – também dobrará.

Estreito - As festividades no Estreito, na Capital, começaram na sexta-feira e também se encerraram ontem. Segundo o “imperador” Carlos Francisco Pamplona, a festa foi um sucesso absoluto. Os organizadores calculam que aproximadamente 15 mil pessoas participaram dos três dias de festejos. Além das apresentações musicais que movimentaram todos os dias do evento, aconteceram três cortejos imperiais. No sábado houve um almoço com a corte imperial no salão paroquial do bairro. O último cortejo ocorreu ontem à noite, na Igreja Nossa Senhora de Fátima. Outro local que celebrou, nesta semana, a tradição trazida pelos açorianos para o Estado foi a paróquia de Santo Amaro da Imperatriz.

Mostra seu encanto



Comunidade do Ribeirão da Ilha participa do cortejo em ato de religiosidade

Transcrito do Jornal O ESTADO 24/05/99

FLORIANÓPOLIS - SC

BIBLIOTECA ABRE ESPAÇO CULTURAL

Auditório foi ampliado e recebe hoje músicos locais

A Capital reinaugura hoje, a partir das 21h30min, um teatro no Continente com apresentações da soprano Rute Gebler e a pianista Maria Bernardete Castelan Póvoas, músicos da Compasso Aberto e da Escola de Violinos. O auditório Abelardo Sousa, na Biblioteca Pública Municipal Professor Barreiros Filho, no Estreito, foi ampliado de 54 para 110 lugares, com camarim e entrada próprios. Amanhã, às 20 horas, o grupo Armação sobe no novo palco com a peça “História da Criação da Ilha de Santa Catarina”, de Márlcio Silveira. Trata-se de uma fábula fantástica sobre a origem da Ilha, com 40 minutos de duração, encenada pelos atores Marcelo Perna e Juli Nesi. Hoje e amanhã, a entrada é franca. A diretora da biblioteca, Marilene Filomeno Machado Ribeiro, informa ainda que a agenda do teatro está aberta a todos os grupos interessados.

O projeto de ampliação do auditório é o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (Ipuf) e custou R\$ 24.472,54, com recursos da Prefeitura. O espaço ganhou novas poltronas e uma mesa de iluminação, que até ontem ainda não havia chegado de São Paulo (SP). O espaço físico da biblioteca, que dispõe de gibiteca e sala de dança, também passou por uma reorganização, além de redimensionamento da parte elétrica. A Prefeitura presenteou o espaço cultural com um piano, antiga reivindicação da Associação de Amigos da Biblioteca Municipal (AABM).

SOLEINIDADE

O governador Esperidião Amin e a prefeita Ângela Amin são esperados para a solenidade de abertura, hoje, às 20h30min, quando serão inauguradas

placa alusiva à reforma e uma galeria das fotos dos patronos da biblioteca: Barreiros Filho, Aberlado Sousa e Doralécio Soares.

O principal homenageado desta noite é o músico, escritor, professor e desenhista florianopolitano Abelardo Sousa (1920-85). Ele é neto de José Brasilício de Sousa, autor do hino de Santa Catarina e seus descendentes dão continuidade à paixão pela música. Hoje, membros de sua família, músicos da Escola Compasso Aberto, Escola de Violinos, acompanhados pela pianista Cristina Breda, interpretam suas composições. De 1937 até o ano de sua morte, ele compôs marchas carnavalescas, valsas, canções, sambas, foxtrote, canção praieira, sambas-canção, tema para concerto, rumbas e boleros.

Como escritor, tem os seguintes títulos publicados: “Mestre-escola viaja no tempo”, “Painés”, “Um líder na rota do cronista” e uma gramática de volapuque (língua de comunicação internacional criada em 1879 pelo religioso alemão Johann Martin Schleyer). O interesse pelo volapuque também foi herança do avô.

Transcrito de A NOTÍCIA CAPITAL 25/3/99

FLORIANÓPOLIS

BIBLIOTECA PROFESSOR BARREIROS FILHO

Prof. Doralécio Soares discerrando a cobertura de sua foto, inaugurada numa dependência da Biblioteca Prof. Barreiros Filho, da qual é um dos Patronos. Na outra foto, agradecendo a homenagem que lhe é prestada, tendo a presença da Prefeita Ângela Amin e do Governador Esperidião Amin Helou.



O BRASIL PERDEU UM GRANDE FOLCLÓROGO

José Carlos Rossato

Olímpia, o Estado de São Paulo e o Brasil perderam, a 08 de janeiro de 1999, o folclorista e grande líder, José Sant'anna.

Faleceu trabalhando ao lado da pesquisadora e escritora Laura Dela Monica. Partiu sem deixar aviso prévio. Foi para o além, prematuramente, tendo ainda muito para nos dar.

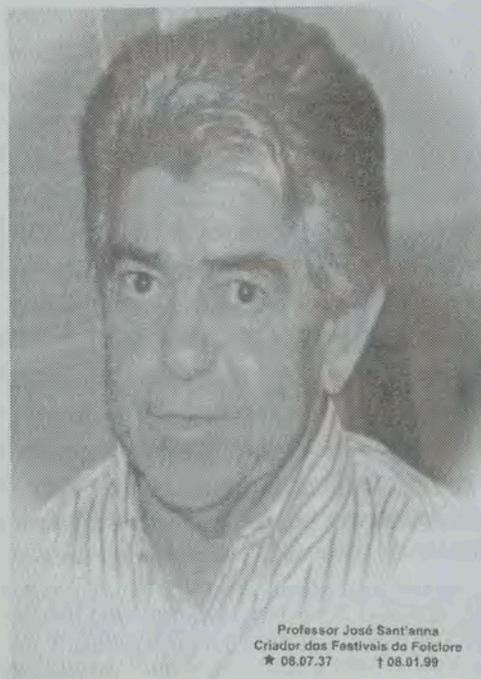
É fato que ficamos órfãos, mas superaremos com a ajuda dele, pois somos espiritualistas, e cremos que estará presente ajudando àqueles que darão continuidade a sua obra, que engrandeceu Olímpia tornando-a conhecida de todo o Brasil.

Publicou várias obras, a última em 98, com modesta apresentação: "São Pedro na Boca do Povo". Divulgou dezenas de estudos nas páginas do Anuário do Folclore de Olímpia, lançado sempre no mês de agosto.

Idealizou e criou o Festival do Folclore, o "FEFOL", realizado em Olímpia, sempre no mês de agosto, há 34 anos consecutivos. No próximo mês de agosto teremos a 35ª promoção do esperado Festival, com a participação de grupos folclóricos de várias regiões do Brasil.

Nascido a 08 de julho de 1937, viveu apenas sessenta e um anos, produzindo durante a sua existência o suficiente para marcar a sua vida através de um trabalho incansável de um homem culto e produtivo.

Registramos nestas linhas o nosso preito de gratidão, pelo muito que realizou pelo engrandecimento de Olímpia.



Professor José Sant'anna
Criador dos Festivais do Folclore
★ 08.07.37 † 08.01.99

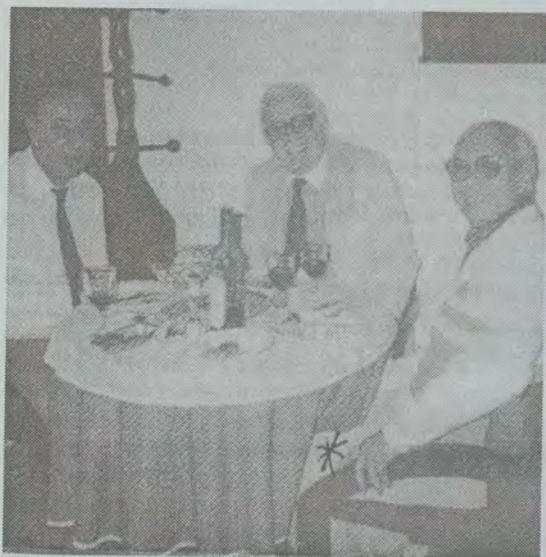
CARUARU - PE

MASSAPÊ



A cultura popular mostrada com arte

ALEIXO LEITE FILHO: O “MESTRE DO FOLCLORE”



Almoço em Lisboa, em companhia dos adidos Osmar Silva (Marinha) e João Condé (centro), Cultura

Quem entrevistar na edição em que se comemora um ano de aniversário do Jornal Vida Rural? Inicialmente foram relacionados apenas os colaboradores assíduos para, a partir daí, escolher um entre tantos. Para comemorar a data, a coluna Massapê destaca um personagem muito importante na concretização do projeto do Jornal Vida Rural.

É impossível falar sobre poesia, romance e, principalmente, sobre

folclore, sem relacionar ao nome de Aleixo Leite de Albuquerque Filho, o Prof. Aleixo. Ele dedica toda a sua vida para passar, a jovens e adultos, através de obras e palestras, a importância das raízes culturais e folclóricas de um povo.

Natural do município de Bom Conselho, mais precisamente do Distrito de Prata, Prof. Aleixo deixou cedo a cidade natal para cursar o ginásio, no Colégio Diocesano de Garanhuns.

Em 1955, ele conheceu Caruaru, quando veio trabalhar na extinta Drogaria São José, localizada na rua da Matriz, onde há pouco tempo funcionou a Drogaria Costa. “Por excesso de farras, só durei seis meses no emprego”, justifica em tom de descontração o porquê de ter ido embora de Caruaru.

Porém, em 1961 ele voltou para ficar de vez na “Terra dos Condés”. Aqui, ele se formou em Técnico de Comércio, Filosofia (História) e Curso Jurídico. Na Universidade Católica de Minas Gerais, ele cursou Pós-Graduação em História.

Questionado sobre a tendência para o folclore, Prof. Aleixo explica que recebeu influências da região sertaneja pernambucana. “Fui criado numa região muito rica em cultura popular, principalmente da poesia dos cantadores repentistas, que foi o sertão do Pajeú, mais precisamente São José do Egito e Tuparetama”, explica.

Prof. Aleixo justifica o porquê da iniciativa de ter se tornado um pesquisador do nosso folclore: “Levei toda a minha vida como professor em várias cidades e notava que havia um desinteresse total nas escolas em explorar a literatura de nossas raízes culturais, e bem assim, da difusão daquilo que a gente possuía de mais autêntico, que era a poesia popular”, frisou.

Toda essa dedicação para o folclore, de um modo geral, resultou no livro “Noções de Folclore”, o qual foi considerado por vários folcloristas brasileiros de renome, a primeira obra didática no gênero.

Muita coisa foi vivida por este “protetor da cultura popular”. Nesses 67 anos de idade, ele teve momentos que gostaria, se fosse possível, de repetilos. Como exemplo, podemos citar as excursões ao Exterior. “Ver é bem diferente de ouvir contar. Valeu-me como um mestrado todas as experiências das viagens. Dos onze países europeus e dois asiáticos, só a Portugal pude ir quatro vezes. Se não for mais possível viajar, estou muito em paz com minha velhice”, ressalta com ar de satisfação.

Como escritor, ele se orgulha de manter um bom relacionamento, como estudioso do folclore, tendo uma imensa correspondência, inclusive de consultas. Como professor, seu maior orgulho é ter um enorme círculo de amigos ex-alunos por onde passou. Mas nem tudo são flores na vida deste

“mestre do folclore”. Ele, assim como todas as pessoas dadas a escrever, tem encontrado dificuldades em publicar ou reeditar os trabalhos, por falta de interesse das instituições.

“Vida Rural é um filho legítimo do Agreste Rural, fundado e carregado, sabe Deus como, pelo nosso inesquecível José Avelino Filho, desaparecido do nosso meio, de maneira drástica e inesperada. Desejo que Vida Rural não tenha o brilho passageiro de um meteoro como teve seu pai. Isso já é tudo”. Esta é a mensagem do colaborador que orgulha o Jornal Vida Rural.

Obras publicadas:

Em poesia - Canto Bissexto, Prelúdios, Missão do amanhecer, Postais da Minha Terra, Nostalgia, Mostração do Ofício, Pedra de Toque e Recital.

Em Folclore - Louro de São José, o Rei dos Trocadilhos, Reflexões sobre verso popular, O Águia do Sertão ou Rei dos Cantadores, Cartilha do Cantador e Noções de Folclore. **Em Romance** - Um Rastro na Pedra, Mangação do Pajeú e Na Mira dos Gaviões.

Honrarias recebidas: Cavaleiro da Ordem dos Cantadores, Salvador (BH); Mérito Cultural - 1986, UBE do RJ; Cidadão Egípcio, S. José do Egito; Cidadão de Caruaru; Honorário da Academia Caruaruense de Cultura, Ciências e Letras; Honorário da Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada; 2ª Menção Honrosa – Concurso Mário de Andrade, (SP); Adscrito a Hogar de la Poesia Hí spanoamericana, Linares-Espanha.

Serviço:

Suas obras podem ser encontradas em algumas bibliotecas de faculdades ou de colégios.

Todas as edições estão plenamente esgotadas.

A Livraria Estudantil
ainda possui um saldo de dois
dos seus romances.

FLORIANÓPOLIS - SC

CONGRESSO INTERNACIONAL DISCUTE FESTAS DO DIVINO

**Tradição religiosa é marca registrada da colonização
portuguesa em vários países**



Começa hoje em Florianópolis o 1º Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo. Serão cinco dias nos quais os participantes debaterão e trocarão experiências sobre a festa, que é uma marca registrada da colonização portuguesa em todo o mundo. Representantes de Portugal (continental e dos Açores), Canadá, Estados Unidos e, é claro, Brasil, participam do Congresso.

O principal objetivo do Congresso é fazer uma comparação entre as comunidades de origem lusitana, da realidade atual com os rituais criados há mais de sete séculos.

O evento nasceu da união da UFSC com o Governo da Região Autônoma dos Açores, Fundação Catarinense de Cultura, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Consulado de Portugal e a Fundação Cultural Açorista.

Durante o Congresso, que termina no dia 23, aniversário de Florianópolis, acontecem diversas conferências, mesas-redondas e comunicações.

A temática gira em torno da Festa do Divino em si, abordando o imaginário e a simbologia que cercam a tradição. Entre os palestrantes, destacam-se Carlos Manoel do Vale César, presidente do Governo Autônomo dos Açores, e Caetano Valadão Serpa, representante da cidade de Arlington, Estados Unidos. O evento marca ainda os 250 anos de emigração açoriana ao Brasil Meridional.

“Onde tem dois açorianos no mundo, tem uma festa do Divino”, diz o dito popular, mostrando que é no arquipélago que a festa se consolidou e preservou. A tradição está mesmo espalhada por todo lugar onde houve colonização ou emigração portuguesa.

Desde países da América do Sul, como Venezuela e Uruguai, até países distantes da África ou Oriente. Em países como Canadá e Estados Unidos a festa chegou com a forte imigração açoriana que aconteceu a partir da década de 50.

A festa do Divino surgiu em 1293 em Portugal, instituída pela rainha Isabel, como forma de ajudar pessoas necessitadas. Na sua versão original, durante a festa, uma pessoa do povo era coroada e tinha então o poder de administrar sua comunidade durante um ou dois dias. Com isso a rainha acreditava que as pessoas mais necessitadas seriam atendidas.

Atualmente, no Brasil, o ritual da coroação é apenas simbólica, apesar de que em alguns lugares ainda se distribua os pães do Divino”.

Em outros locais, como nos Açores, por exemplo, ainda se distribuem os “bodos”(como chamam as doações) de carne, vinho e pão, que as pessoas mais simples levam para casa.

A data exata para a realização da festa do Divino é na pentecostes, ou seja, 50 dias após a Páscoa.

Nos diversos locais onde acontece, entretanto, as datas foram variando, tanto que o encerramento do Congresso, no próximo dia 23, coincide com

quatro festas: no Ribeirão da Ilha, Santo Amaro da Imperatriz, Igreja Nossa Senhora de Fátima e a da Irmandade do Divino Espírito Santo, que é celebrada na Praça Getúlio Vargas.

Jornal O ESTADO, 19.3.99
FLORIANÓPOLIS - SC

O PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE SANTA CATARINA, DEPUTADO GILMAR KNAESEL,

Tem a honra de convidar para a Sessão Solene em homenagem aos 170 anos de imigração alemã de São Pedro de Alcântara, a realizar-se no dia 16 de março, às 18h30min, no Plenário Osni Régis do Palácio Barriga-Verde.

JOINVILLE - SC

ESCOLA DO TEATRO BOLSHOI NO BRASIL



Formando os melhores! bailarinos

Joinville, no norte de Santa Catarina, é a primeira cidade do mundo a ter uma filial da Escola de Ballet do Teatro Bolshoi de Moscou. Outras duas representações da Escola do Teatro Bolshoi serão instaladas no

Japão e nos Estados Unidos. O Teatro Bolshoi irá transferir métodos de ensino, será responsável pela seleção dos candidatos e pela formação de cada aluno. A Escola do Teatro Bolshoi, no Brasil, oferece Curso de Formação (CF) de ensino médio para crianças de 7 a 10 anos, com duração de oito anos e mais dois anos de aperfeiçoamento.

Curso de Desenvolvimento-Aperfeiçoamento (CA), com duração de dois anos. A Escola fará encaminhamento para estágios, em Moscou, dos alunos que se destacarem no CA.

Devido à qualidade e à tradição da Escola do Teatro Bolshoi, o aluno formado pela instituição terá oportunidade de colocação profissional em várias companhias de dança no mundo.

Dois séculos de excelência



A Escola do Ballet do Teatro Bolshoi começou em 1776, em Moscou - Rússia. Desde então, vem sendo referencial da dança em todo o mundo. Famosa pela perfeição técnica do ensino da dança, é responsável pela formação dos bailarinos do corpo de ballet aclamado internacionalmente. Dançar nessa Escola significa chegar ao topo, o máximo que um bailarino deseja alcançar. A rígida disciplina do Bolshoi é tão conhecida quanto a sua qualidade técnica.

FORTALEZA - CE, 1998

*Correspondência***Do Escritor e Jornalista Barros Alves! Recebemos**

Prezadíssimo mestre Doralécio

Rogo-lhe, por primeiro, mil perdões pela demora com que lhe escrevo. Sobretudo pelo pecado maior de haver sido mal-educado ao não acusar o recebimento dos belíssimos cartões-postais (fotos) cheios de beleza e poesia. Suas rosas são uma maravilha; seus “jardins suspensos”, para sua intimidade, certamente superam os da Babilônia, posto que estes só o apreciamos através da história. Os seus são palpáveis, cheiráveis (desculpe o neologismo.)

Ao ver e rever as fotos das suas companheiras - as orquídeas, buganvílias, azaléias - (tenho-as agora sobre minha mesa), lembrei-me dos inspirados versos de Cartola, que não me furto de parodiá-los: “As rosas não falam; simplesmente, as rosas exalam o perfume que roubam da tua sensibilidade de poeta”.

Mestre Doralécio, muito obrigado pelas flores. Elas são um bem para os nossos olhos nordestinados, agora mais que dantes lacrimosos ante a seca que vem devorando os nossos sertões adustos e as nossas esperanças. Entre nós, nem mais flores de cactus. Não mais sorrisos, não mais sonhos, não mais olhares que buscam o futuro. Somente o sol causticante, a terra seca, a dor, o lamento. Só o cenário de choro de “vidas secas”, como expressado por Graciliano ou por Rachel, n’ “O Quinze”. Agora talvez porque diante de tantas possibilidades de solução para o secular problema, eis que os longamente insanos homens do poder, continuam tergiversando. Mandam-nos esmolas. “Seu doutor uma esmola/A um homem que é são/Ou lhe mata de vergonha/Ou vicia o cidadão” (Humberto Teixeira/Luiz Gonzaga).

Um abraço e o apreço renovado deste seu admirador sempre à espera de suas notícias. Ass. Barros Alves.

*NOTA DO EDITOR:***Caro Barros**

A sua carta transforma-se em uma peça literária dizendo das razões verdadeiras, que marca ser publicada. Fala da beleza e do perfume das rosas do meu jardim suspenso, e das tristezas que envolvem os sertões do

nosso nordestino que “nem mais flores de cactus” produz. Nós do Sul, nos associamos às agruras que cobrem o sertão nordestino assolado pela inclemente seca, fazendo aí chegar o nosso auxílio na esperança de minorar o sofrimento dos nossos irmãos.

Nos resta ainda elevarmos o pensamento ao criador do universo e rogar-lhe clemência pelos nossos pecados.

Doralécio Soares

EU Barros Alves

“Más que biología, el hombre es biografía...
Yo soy yo mi circunstancia.”
(Ortega y Gasset)

Sou tempestade e sou também bonança,
Quero e desdenho da mulher amada,
Eu sou o beijo de amor e sou espada,
Eu sou a decisão e a esquivança.

Eu sou conservador e sou mudança,
Eu sou o sol e a noite enluarada,
Eu sou o tudo e também sou o nada,
Quando sou velho quero ser criança.

Sou andarilho e também sedentário,
Eu sou o ódio e sou a tolerância,
Eu sou a Bíblia, o Corão e o Rosário.

Sou guerrilheiro de muitas militâncias,
Porém não sou revolucionário.
Eu sou somente as minhas circunstâncias.

URUSSANGA - SC

GRUPO “CANTANDO SI VÁ” DE URUSSANGA - SANTA CATARINA - BRASIL



O Grupo “CANTANDO SI VÁ” foi fundado em maio de 1997. Participa de todos os eventos da comunidade e arredores. Gravou para o Globo Rural e, com Cissa Guimarães, “Santa Catarina por Inteiro”. Ensaia duas vezes por semana e estimula a formação de mais grupos deste gênero.

O Grupo é formado por elementos da comunidade de Urussanga:

- Edson Savi Mondo - Violeiro e Empresário
- Silvio Cancelier - Empresário aposentado
- Antônio Scarpato - Comerciante
- Arlete Zannin Silvestrini - Professora
- Irani Baldessar - Professora
- Teresinha Possenti - Comerciante
- Marlene Scarpato - Professora
- Souvenir Cechinel Demarch - Agricultora artesanal

Maria de Bona Sartor Cancelier - Artesã
Elisa de Lorenzi Cancelier Bocardo - Estudante
Denilce de Lorenzi Savi Mondo - Empresária
Gracia Fabro Benedet - Comerciante

A colonização italiana se fez cantando. Cantava-se na derrubada da mata, no plantio do milho, na vindima, nas festas de igreja, nos domingos à tarde, nos casamentos, nos sepultamentos, etc. Cantava-se nos vários dialetos veneto, nos dialetos milanez e friulano. Afinal, cantava-se para festejar e para esquecer, e sempre de uma maneira simples, gostosa, com amor e amizade. É para que esta tradição continue sempre viva entre nós que o Grupo “CANTANDO SI VÁ” se propõe a “cantare come na olta”.

O Grupo “CANTANDO SI VÁ” procura manter viva uma das riquezas fundamentais de nossa cultura folclórica italiana. É ela que ajuda a dar substância à nossa identidade, auxiliando-nos a encontrar sentimento nos nossos feitos, nossos atos e em nossa maneira de ser.

SÃO BENTO DO SUL - SC

GRUPO FOLCLÓRICO GERMÂNICO BÖHMERWALD

Fundado em 03 de dezembro de 1997, com o objetivo de cultivar o folclore alemão e homenagear os imigrantes colonizadores de nossa cidade, vindos na maioria da região do Böhmerwald.

É o pioneiro dos grupos folclóricos de São Bento do Sul que tornou-se conhecida como “Cidade da Música e Folclore”.

Esse grupo participou de inúmeras apresentações em Estados como Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás, onde anima a Semana Germânica na Pousada do Rio Quente.

Esteve na Europa onde, representando os Boêmios, apresentou-se na Alemanha, Áustria, Tchecoslováquia e Liechtenstein, com muito sucesso.



FLORIANÓPOLIS - SC

Helena Fretta

GALERIA DE ARTE

09 de novembro de 1999

ENCERRAMENTO

20 de novembro de 1999

LOCAL

Helena Fretta - Galeria de Arte

Rua: Presidente Coutinho, 532

Em continuidade ao projeto que visa proporcionar um maior intercâmbio entre os Artistas Plásticos Catarinenses e Paranaenses, Helena Fretta

Galeria de Arte convida para a Cerimônia de Abertura da Exposição Coletiva dos Renomados Artistas Willy Zumblick - pintor das Bandeiras do Divino (SC) Lélia Brown, Ney Machado e Lirdi Jorge (PR).



Willy Zumblick
Visita da Bandeira do Divino
50x60 cm

CRICIÚMA - SC

GRUPO FOLCLÓRICO ITALIANO - “VALSUGANA” - HISTÓRICO

HISTÓRICO DO GRUPO FOLCLÓRICO ITALIANO VALSUGANA

O Grupo Folclórico Italiano Valsugana, teve origem em 1987, no Colégio Estadual “Joaquim Ramos”, na cidade de Criciúma - SC.

Sua data de fundação ocorreu em 02 de junho de 1987, em virtude das comemorações alusivas à festa da Nacionalidade Italiana, ocorrida no referido Colégio. A iniciativa de fundar um grupo de dança italiana partiu do Professor Carlos Alberto de Araújo Ferreira, através de uma pesquisa realizada no Colégio Joaquim Ramos, sendo que pela mesma constatou-se que a maioria dos alunos tinham descendência italiana.

O nome VALSUGANA foi dado pelo Padre Vizenso Lunetta do Seminário Rogacionista Pio XII de Criciúma, em homenagem a um importante vale alpino do norte da Itália, localizado na Região do Trentino Alto-Ádige, na província do Trento.



O Grupo Folclórico Italiano Valsugana tem por finalidade desenvolver o amor à música, ao canto e danças folclóricas italianas despertando o gosto pelas atividades artísticas.

Tem o apoio das Associações Italianas de Criciúma (Veneta, Ítalo-Brasileira, Bergamasco, Trevisana Nel Mondo e Bellunense).

É formado por 26 dançarinos e 13 membros diretivos.

Tem como sócios beneméritos: Carlos Aberto de Araújo Ferreira, Maria do Carmo Mendes Benedet, Ilza Bez Batti Zanelato, Rosimeri Belloli, Carmem Luzia Galli De Bona.

CONVITE

FLORIANÓPOLIS - SC

O Governador do Estado, Esperidião Amin e o Presidente do Conselho Estadual de Cultura, Iaponan Soares de Araújo, convidam para a solenidade de entrega da

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL CRUZ E SOUSA

a personalidades catarinenses com destaque na área da cultura. O evento ocorrerá quarta-feira, dia 24 de novembro, às 11 horas, no Museu Histórico de Santa Catarina - Palácio Cruz e Sousa.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA

BOLETIM

Florianópolis, SC * setembro de 1999 * Ano II - Nº 18

IHGSC HOMENAGEIA ANITA GARIBALDI EM LAGUNA

Pela primeira vez, em 103 anos de sua história, o IHGSC realizou uma Sessão Solene fora de Florianópolis. Foi dia 25 de agosto, em Laguna, celebrando o sesquicentenário da morte de Anita Garibaldi. A solenidade

contou com a presença de autoridades, intelectuais, sociedade local e associados do Instituto, com mais de 300 pessoas que lotaram as dependências do tradicional Clube Congresso Lagunense.

Em nome do IHGSC, Leatrice Moellmann recitou o poema inédito, de sua autoria, intitulado **Anita Mulher: Uma trajetória de Amor**, romaneando a vida da heroína no Brasil, Uruguai e Itália.

Agradecendo em nome do município, o Secretário da Indústria, Comércio e Turismo, Leonel Domingos Patrício, ressaltou a importância do evento para a comunidade lagunense.

Na ocasião, o presidente do IHGSC, Carlos Humberto Corrêa, entregou ao Prefeito João Gualberto Pereira, uma coleção das publicações.



Na primeira fila, membros do IHGSC

Florianópolis, 25 de fevereiro de 1999.

Ilmo. Sr.

Doralécio Soares

R. Júlio de Moura, 28, 1º andar

88020-150 - Florianópolis - SC

Prezado Senhor,

A Câmara Catarinense do Livro e a Sul 21 - Eventos de Qualidade têm a satisfação de dirigir-se a V.Sa. para comunicar a realização e, desde já, convidá-lo a participar do debate sobre o tema **Regionalização da Literatura Brasileira**, marcado para as 16 horas do dia 17 de setembro de 1999, no Beiramar Shopping, em Florianópolis. O evento faz parte da 1ª Bienal do Livro do Cone Sul.

A Bienal vem sendo divulgada e comercializada com sucesso e, mais que isso, granjeando o apoio de instituições respeitadas como a União Brasileira de Escritores/SC, Fundação Catarinense de Cultura, Academia Catarinense de Letras, Fundação Franklin Cascaes, Caixa Econômica Federal, Unisul, outras academias e entidades vinculadas ao livro, universidade e fundações educacionais. Além de dezenas de editoras de todos os portes, de vários estados brasileiros.

É intenção dos promotores trazer ao evento autores renomados do Brasil e do Exterior para realizarem lançamentos e participarem de sessões de autógrafos, além de tomarem parte de debates e outras programações paralelas. Contatos vêm sendo realizados com editoras, para que patrocinem a vinda dos autores de seu catálogo, bem como com embaixadas e consulados dos países do Mercosul, Portugal e Espanha, visando assegurar a presença de escritores estrangeiros durante os oito dias do evento.

Também consta da programação a realização do Espaço da Tecnologia em Educação, que discutirá os avanços técnicos e pedagógicas na área do ensino no Brasil. Haverá na Feira, igualmente, pavilhões para a literatura infantil, para o cordel, à produção gráfica e outros segmentos diretamente interessados na disseminação do livro no Brasil e no Mercosul. Um elevado

investimento em mídia garantirá a divulgação do evento nos principais veículos de comunicação da região de abrangência das feiras e da Bial, e centenas de escolas da Grande Florianópolis deverão ser convidadas a passar pelo local durante esses oito dias de máxima propagação do livro.

É por isso que a CCL e a Sul 21 se dirigem a V.Sa., certas de que sua presença em muito engrandecerá a 1ª Bial do Livro do Cone Sul. Além do tema acima proposto, outros estarão em debate no período de 13 a 19 de setembro, mesclando a difusão e comercialização do livro com a discussão de assuntos que, assim como aos escritores, inquietam todos aqueles que de alguma forma desejam ver o livro no centro das atenções de um número cada vez maior de pessoas no Brasil.

Atenciosamente,

Vilson Mendes

Presidente da Câmara Catarinense de Livro

Sabrina R. Alves

Diretoria Operacional

Sul 21 - Eventos de Qualidade

NOTA: No evento será lançada a obra “Valentes e Valentões” - Fatos da história popular do Recife antigo, de autoria do Escritor Doralécio Soares.

FLORIANÓPOLIS - SC

ANEXO RECEBE HOJE MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL

Nilson Bastian



Doralécio Soares recebe a medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa - Teatro Álvaro de Carvalho

O jornal A Notícia recebe hoje a Medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa pelos serviços prestados, através do caderno *Anexo*, ao desenvolvimento da cultura catarinense e à defesa do patrimônio histórico do Estado. Esta é a primeira vez que um órgão de imprensa recebe tal prêmio, instituído pelo governo do Estado em 1994 para condecorar pessoas ou entidades que tenham se destacado na área artística de modo geral.

Outras nove medalhas serão entregues na solenidade programada para as 10 horas no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis. Vão ser condecorados Danilo Cunha, Gilberto Gerlach, Darcy Brasileiro, Aldo Nunes, Doralécio Soares, Elke Hering (in memoriam), Eglê Malheiros, Lindolf Bell e Grupo Atormenta.

Criador do prêmio durante sua gestão na Fundação Catarinense de Cultura, o escritor Iaponan Soares disse que a escolha do *Anexo* cumpre

uma justa homenagem: “A Notícia é dos poucos jornais do País, e único do Estado, que mantém um caderno cultural. Hoje, a tendência dominante é o estilo variedades, que não se aprofunda em nada”. Para Iaponan, o *Anexo* “espelha a atividade cultural do Estado, refletindo esse mosaico de inquietações”. O escritor vai além: “Mesmo os povos mais desenvolvidos, para se legitimarem, investem no substrato cultural, que é só o que permanece.

O atual presidente da FCC, Paulo Arenhart, justifica a premiação com um argumento parecido: “O jornal apresenta um diferencial em relação aos demais. Além de publicar o noticiário do dia-a-dia, ele dá um passo à frente e abre espaço para a manifestação artística propriamente dita. O *Anexo* apresenta o produto cultural, abre-se para a crítica, e isso é fundamental para o Estado”. Arenhart diz que o caderno consegue mostrar a principal característica da cultura catarinense, que é a diversidade. “Leitores, empresários e governo precisam atentar para a importância de termos um veículo com essa qualidade, que estimula a circulação das idéias, forma novas gerações e fixa nossa identidade como povo”, concluiu.

FLORIANÓPOLIS - SC

O Presidente Gilmar Knaesel tem a honra de convidar para a cerimônia que a Assembléia realizará no dia 5 de outubro de 1999, quando o Parlamento Catarinense homenageará os Deputados que o integraram e a ele ofereceram seu trabalho, competência e dedicação, contribuindo para o desenvolvimento de Santa Catarina, o bem-estar de sua gente e a consolidação da democracia.

FLORIANÓPOLIS - SC

A Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, a Editora Insular e a Editora da UFSC convidam para o lançamento do livro

“Tão, fortes quanto, a vontade”

História da Imigração Italiana no Brasil: Os Vênetsos em Santa Catarina de autoria da Professora Nelma Baldin

04 de novembro de 1999, quinta-feira, hall da Assembléia Legislativa

FLORIANÓPOLIS - SC

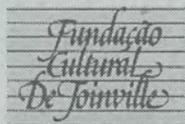
A Diretoria do BADESC - Agência Catarinense de Fomento S.A., tem a honra de convidar Vossa Senhoria e família para a abertura da exposição de esculturas em cristal de

Elke Hering

(1940-1994)

a realizar-se no dia 10 de agosto de 1999, às 19 horas, no Espaço Cultural Fernando A. M. Beck. Avenida Mauro Ramos, 1.277 - FLORIANÓPOLIS - SC

JOINVILLE - SC



JOINVILLE, JUNHO DE 1999.

Senhor Conselheiro Doralécio Soares

Com os cumprimentos da Fundação Cultural de Joinville, passamos as vossas mãos convites para o espetáculo de abertura do 17º Festival de Dança de Joinville.

A presença desse conselheiro engrandecerá ainda mais o evento que, hoje, é considerado um dos mais importantes, na área da dança, do mundo.

FLORIANÓPOLIS - SC

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, a Fundação Catarinense de Cultura e o Museu Histórico de Santa Catarina sentir-se-ão honrados com a presença de V.Sa. na reabertura do Museu e da Sessão Solene de entrega do título de SÓCIO HONORÁRIO DO IHGSC ao Exmo. Sr. CARLOS MANUEL MARTINS DO VALE CÉSAR, DD. Presidente do Governo Autônomo dos Açores, dia 18 de maio de 1999, às 19:30 horas. A ocasião contará com a apresentação do Quinteto da OSSCA, sob a direção do maestro José Nilo Valle e do Coral do Colégio Coração de Jesus.

FLORIANÓPOLIS - SC

Iza Vieira da Rosa Grisard e a Editora Terceiro Milênio têm o prazer de convidar Vossa Senhoria para o lançamento da obra

DUARTE SCHUTEL

Escritor, poeta, médico e político

História de uma vida...

No dia 30 de junho de 1999, no Palácio Cruz e Sousa

FLORIANÓPOLIS - SC

A Editora **Garapuvu** tem o prazer de convidar V.Sa. e Ilma. Família para o ato de lançamento do livro de contos O PARDIEIRO do escritor Francisco José Pereira.

Dia: 27 de maio de 1999

Local: Palácio Cruz e Sousa

FLORIANÓPOLIS - SC

A Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina e a Editora Letras Contemporâneas convidam para o lançamento do livro

HISTÓRIA DE SANTA CATARINA

ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS

escrito por Américo Augusto da Costa Souto, Ana Lize Brancher, Christina Scheibe Wolff, Claudia Mortari, Cynthia Machado Campos, Henrique Luiz Pereira Oliveira, Hermetes Reis de Araújo, João Batista Bitencourt, Karen Christine Réchia, Luiz Felipe Falcão, Paulino de Jesus Cardoso, Reinaldo Lindolfo Lohn, Rodrigo Lavina.

Dia 3 de maio,

Organizado por Ana Brancher

BLUMENAU - SC

**PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU
FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU/GALERIA
MUNICIPAL DE ARTES INSTITUTO BLUMENAU
150 ANOS**

Convidam V.Sa. e Exma. Família para a abertura do “TV SALÃO ELKE HERING - Mostra Nacional de Arte Contemporânea” e lançamento do livro de poemas CANTOS DO DESAMOR de Adalice Araújo, com ilustrações de Heliana Grudzien, a realizar-se no dia 4 de novembro de 1999, às 20 horas, no Salão Centenário da Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes, em Blumenau, Rua XV de Novembro, 1.181.

Paralelamente será inaugurada a individual de pinturas e esculturas do consagrado artista ALBERTO CEDRÓN.

FLORIANÓPOLIS - SC

de Sylvio Back

Cruz e Sousa
O Poeta do Desterro

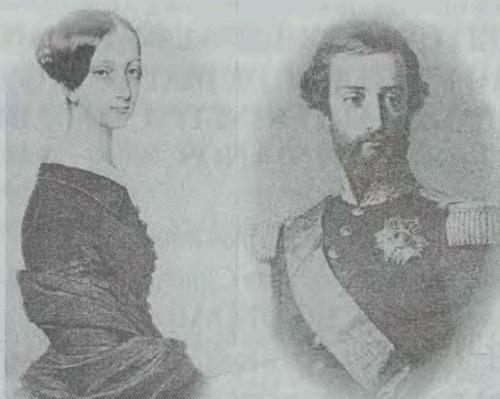
The Banished Poet El Poeta Proscrito Le Poète Banni

Kadu Carneiro Maria Ceixa

Danielle Ornelas Léa Garcia Guilherme Weber Jaqueline Valdívia

Luigi Cutolo Carol Xavier

JOINVILLE - SC



Em 1843, o Príncipe François Ferdinand Phillipe de Joinville, 3º filho do Rei da França, casou com a Princesa Francisca Carolina, filha de D. Pedro I com Dona Leopoldina da Áustria e irmã de D. Pedro II. Como dote nupcial receberam 25 léguas quadradas de terras situadas ao norte de Santa Catarina. Em 1849, o Príncipe doou parte delas para colonização. Em sua homenagem a Colônia recebeu o nome de Joinville, e é a razão histórica por também ser conhecida como a Cidade dos Príncipes.

FLORIANÓPOLIS - SC

*Camerata
Florianópolis*

Jeferson Della Roca

Uma noite de piano

Concerto para piano e orquestra de Bach, Mozart e Grieg

Solistas:

Guilherme Amaral, Marcelo Thys e Alberto Andrés Heller

Teatro Álvaro de Carvalho

7 de dezembro de 1999

FLORIANÓPOLIS - SC

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Gilmar Knaesel, convida Vossa Excelência para a solenidade de abertura e visitação à Exposição Anita Garibaldi, evento celebrativo ao sesquicentenário da morte da “Heróina dos Dois Mundos”.

Data: 5 de agosto de 1999

Horário: 20 horas

Local: hall da Assembléia Legislativa

FLORIANÓPOLIS - SC

Programa

Exposição do acervo do Prof. Wolfgang Ludwig Rau.

Mapas dos conflitos da Guerra dos Farrapos, espadas e armas datadas do Império, moedas, selos, relógio, réplica do Seival, documentos e quadros referentes ao conflito.

Exposição do artista plástico Willy Zumblick - “O Pintor de Anita”.

Exposição de quadros e peças pertencentes a Garibaldi, gentilmente cedidos pelo Museu Júlio de Castilhos, do Estado do Rio Grande do Sul.

Lançamento do livro Aninha do Bentão, de Walter Zumblick, reeditado pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

FLORIANÓPOLIS - SC

CONVITE

A Editora Insular convida para o lançamento do livro **Amor à Ilha**, de autoria de **Nara Sena**, no dia 5 de maio de 1999, quarta-feira, às 20 horas, na sede da Academia Catarinense de Letras, no Centro Integrado de Cultura - CIC, Florianópolis.

A obra é apresentada por Almiro Caldeira e Nereu do Vale Pereira, e a venda dos livros reverterá para a entidade beneficente Casa Betânia.

FLORIANÓPOLIS - SC

A EMBRATEL e a Editora Garapuvu convidam V.Sa. para o lançamento do livro *SETE ESTAÇÕES DA LOUCURA*, de autoria de Amilcar Neves, Herculano Farias, Hoyêdo G. Lins, Miguel Sanches Neto, Moacyr Scliar, Roberto Gomes e Sergio Faraco.

Em Florianópolis.

Dia 26 de novembro, quinta-feira,

no espaço Cultural Embratel,

Praça Pereira Oliveira, 92.

FLORIANÓPOLIS - SC

A Escola Técnica Federal de Santa Catarina junto à Comissão Organizadora da *ESTAÇÃO das ARTES* convida para a

Cerimônia de Abertura

Dia 06 de julho

19h - "O despertar de um sonho" tributo a Lindolf Bell - Grupo Teatral Boca de Siri.

Local: Auditório da ETFSC

20h - Abertura das Mostras

- Iconografia: Fragmentos da vida e obra de Lindolf Bell
- Corpoemaimagem de Lindolf Bell
- As Annamárias de Marlene Karin Werner - Interpretação plástica da obra poética
- " As Annamárias" de Lindolf Bell
- ... e CLIPs (Espaço de Criação para Leitura Iconográfica de Poemas) de Anderson Amaral, Ingobert de Souza, Tony Rodrigues
- Denúncia (Arte e movimento em defesa da vida) do grupo "Pandorgas Partidas" CED-UFSC
- Participação de Obras dos alunos da Oficina de Artes - ETFSC e escolas convidadas

Noite de lançamento para o livro *Os Póstumos de Lindolf Bell (1938-1998), in memoriam*. Interpretação do poema a Cruz e Sousa, pelo Grupo Teatral “Boca de Siri”.

Há que se considerar que a arte gera conhecimentos.

Há que se entender que é necessário desenvolver no aluno a criatividade, o pensamento crítico e a reflexão estética. Com o objetivo de divulgar trabalhos artísticos, a ETFSC promove a Estação das Artes.

Noêmia Brandt Brall

Agradecimentos: Soni de Carvalho, ex-diretora da ETFSC, Terezinha M. Tavares, ex-professora da ETFSC

Com as apresentações:

Banda e Coral da ETFSC, Academia de Dança Albertina Ganzo, Professor Sérgio Veríssimo ao violão, Guilherme e Vinícius ao violino e piano

Local: Ginásio Azul

BLUMENAU - SC

A Fundação Cultural de Blumenau convida para a abertura das mostras individuais de César Otacílio (abstracionismo em acrílico sobre tela) e “Pesca” ensaio fotográfico de Júlio Cesar Pollhein, na Galeria Municipal de Artes e Galeria do Papel.

Simultaneamente será lançada em noite de autógrafos a antologia poética “Ordem da Confraria dos Poetas” Da Editora “Shan” de Porto Alegre. De Blumenau participa a poeta Malú Mello.

Ainda na noite de abertura haverá performance musical com Mariane Quinto (voz) e Daniel Mello (violão) cantando MPB e internacionais com direção de Alexandre Venera dos Santos.

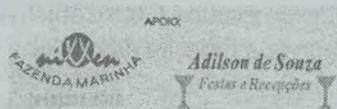
Os convidados serão recepcionados pela BANDA MUNICIPAL DE BLUMENAU

Data

Sexta-feira, 13 de agosto - 1999

FLORIANÓPOLIS - SC

A Cobra Coralina Edições e Axxon Multimídia convidam para o lançamento da “Agenda da Ilha - Dias e Noites de 1999” e do vídeo “Desterrando” que acontecerá no próximo dia 26, quinta-feira, a partir das 19 horas, no Museu Cruz e Sousa.



FLORIANÓPOLIS - SC

**PREFEITURA MUNICIPAL DE
FLORIANÓPOLIS
BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
PROF. BARREIROS FILHO**

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA BIBLIOTECA PÚBLICA
MUNICIPAL PROF. BARREIROS FILHO - AABM

Fundada em 29 de novembro de 1986 - Símbolo: Lírio

CONVITE

2º RECITAL DE POESIA E CANTO

Associação de Amigos/Secretaria Regional do Continente/Biblioteca Pública Municipal Prof. Barreiros Filho convidam para o 2º RECITAL DE POESIA E CANTO com a participação do Grupo de Poetas Livres, Fernando de Carli, Patota do Cosme, Quarteto Ébano de Clarinete e outros. Coordenação Geral do Orivaldo dos Santos.

DIA: 10 DE NOVEMBRO DE 1999 (QUARTA-FEIRA)

FLORIANÓPOLIS - SC

O presidente do

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE

SANTA CATARINA tem a honra de

convidá-lo e Exma. família para a

Sessão Solene

de concessão da

COMENDA MANOEL JOAQUIM DE ALMEIDA COELHO,

a Silvio Coelho dos Santos,

e entrega dos prêmios ALMIRANTE LUCAS ALEXANDRE BOITEUX, DE HISTÓRIA, concedido ao livro **Terra Prometida - Emigração italiana: Mito e Realidade**, de Roselys Isabel Corrêa dos Santos, e GENERAL JOSÉ VIEIRA DA ROSA, DE GEOGRAFIA, à **Revista Geosul**, editada pelo Departamento de Geociências da UFSC.

A Sessão realizar-se-á dia 17 de novembro de 1999, no Auditório do Palácio Cruz e Sousa, à Praça XV de Novembro, Florianópolis.

OLÍMPIA - SP

35º FESTIVAL DO FOLCLORE

Jubileu de Rubi

agosto de 1999

AO DESABAR A MONTANHA

Olímpia, a Capital do Folclore, ex-menina-moça de longínquas eras, esperava ansiosa a chegada do mês de agosto, o ponto máximo da vida cultural, social e educacional da cidade. Amigos vinham de todas as partes do Brasil para vê-la em festa, para, graças ao insano esforço do Prof. José Sant' Anna, brilhar em mais um Festival, do Folclore. Porém, neste ano, 1999, as coisas correram contra as expectativas. O grande mestre, o criador e coordenador dos Festivais, foi convocado pelo Senhor para fazer parte das hostes celestes. Obediente partiu. Deixou-nos desamparados, estarecidos diante da súbita partida. Foi-se embora o folclorólogo, o amigo, o batalhador

invicto, ficou o vazio da sua ausência. Seus sonhos ainda não realizados ruíram por terra. Olímpia sofre com sua partida. Mas não se entrega. Vai à luta, tenta, fragilmente, dar continuidade ao trabalho do saudoso professor. Esperamos que todos que admiravam a obra do Sant' Anna aqui estejam no 35º FEFOL, saudosos sim, porém honrando a sua memória e continuando o que ele tão bem principiou.

Venham todos, ele conosco estará, seu espírito imortal adejará sobre todos os companheiros, o Festival não há de fenecer. Ele espera a todos, com certeza. É do seu feito.

(Homenagem ao Prof. José Sant' Anna)

UFSC - FLORIANÓPOLIS - SC

O Departamento Artístico Cultural – PRCE/UFSC, o Centro de Comunicação e Expressão e a Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina têm a satisfação de convidar V. Sa. e Ilma. família para a seguinte programação:

Lançamento do livro *CINZA DE FÊNIX & TRÊS ELEGIAS*, de Alcides Buss, publicado pela Editora Insular;

Relançamento dos livros *ENTARDECER*, de Valdemir Klamt, *NESTOR CONSELHEIRO*, de Aldy Maingué, *O SIM DA POESIA*, de Regina Carvalho e *RETRATO E PERCURSO*, de Alckmar Luiz dos Santos;

“Performance” do Curso de Pós-Graduação em Literatura, com direção de Alai Garcia Diniz;

Apresentação dos corais do Colégio de Aplicação, com regência de Kátia Maria Bianchini Dallanhol e Stela Maris Besen Guerini, e da Universidade Federal de Santa Catarina, com regência de Maria Severina Borges Mendes.

Dia 23 de setembro de 1999, quinta-feira, às 19h30min, no hall da Reitoria, Campus Universitário da UFSC

FLORIANÓPOLIS - SC

CONVITE

As entidades promotoras do **I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo** têm a honra de convidar Vossa Senhoria e Ilustríssima Família para abertura do Congresso, como também assistir às demais conferências.

Data: 19 de maio de 1999

Local: Auditório da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina

Conferência de Abertura:

“As Tradições do Culto ao Divino Espírito Santo no Contexto da Açorianidade Preservadas nas Comunidades”

Dr. Carlos Manoel Martins do Vale Cesar

Presidente do Autônomo dos Açores

Promoção

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GOVERNO DA REGIÃO AUTÔNOMA DOS AÇORES
GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA
PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA
CONSULADO DE PORTUGAL EM FLORIANÓPOLIS
FUNDAÇÃO AÇORIANISTA
ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS

FLORIANÓPOLIS - SC

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA BIBLIOTECA PÚBLICA
MUNICIPAL PROF. BARREIROS FILHO - AABM

Fundada em 29 de novembro de 1986 - Símbolo: Lírio

CONVITE - PROJETO DALIRA

A AABM convida Vossa Senhoria e Família para um RECITAL DE PIANO com os artistas FRANCISCO WILDI, ALESSANDRA VASCONCELOS

e ALEXANDRE DIETRICH, participantes do Projeto DALIRA, do Centro de Artes da UDESC. Os artistas apresentarão repertório clássico.

DIA: 7 de maio de 1999

HORA: 20:30 horas (vinte e trinta)

LOCAL: Auditório Abelardo Sousa

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL Prof. Barreiros Filho

Rua João Evangelista da Costa, 1.160 - Bairro de Fátima

FLORIANÓPOLIS - SC

O Governo do Estado de Santa Catarina, através da Fundação Catarinense de Cultura, tem o prazer de convidar V. Sa. e Exma. Família para o lançamento do livro 100 Anos do Colégio Coração de Jesus, de Maria da Graça Coelho.

Data: 29 de julho de 1999

Horário: 17 horas

Local: Museu Histórico - Palácio Cruz e Sousa

FLORIANÓPOLIS - SC



FUNDAÇÃO CULTURAL SENHOR JESUS DOS PASSOS

CRIADA EM 25/10/1995

FLORIANÓPOLIS - SC

CONVITE

A FUNDAÇÃO CULTURAL SENHOR JESUS DOS PASSOS tem o prazer de convidar V. Sa. para a posse da nova DIRETORIA EXECUTIVA, CONSELHO FISCAL e CONSELHO CONSULTIVO (1999-2001).

14.06.99, segunda-feira às 19:30 horas.

Saguão do Hospital de Caridade, junto à Provedoria

A DIRETORIA

FLORIANÓPOLIS - SC

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
SECRETARIA REGIONAL DO CONTINENTE
ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA BIBLIOTECA PÚBLICA PROF.
BARREIROS FILHO

CONVITE

A Prefeita de Florianópolis, Ângela Regina Heinzen Amin Helou, a Secretária do Continente e a Associação de Amigos da Biblioteca Pública convidam V. S^a. para a inauguração do Espaço Cultural da Biblioteca Pública Municipal Prof. Barreiros Filho, num evento que integra a Programação do Aniversário da Cidade de Florianópolis.

DIA 25 DE MARÇO

INAUGURAÇÃO DAS FOTOS DOS PATRONOS DA
BIBLIOTECA: DORALÉCIO SOARES E ABELARDO SOUSA
INAUGURAÇÃO DO AUDITÓRIO ABELARDO SOUSA
APRESENTAÇÃO MUSICAL COM MEMBROS DA FAMÍLIA
ABELARDO SOUSA, INTERPRETANDO MÚSICAS DE SUA
AUTORIA, EM CONJUNTO COM MEMBROS DA ESCOLA DE
VIOLINOS E DA ESCOLA COMPASSO ABERTO.
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DA SOPRANO RUTE GEBLER E DA
PIANISTA MARIA BERNADETE CASTELAN PÓVOAS.

DIA 26 DE MARÇO

APRESENTAÇÃO TEATRAL “HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DA
ILHA DE SANTA CATARINA,” DO AUTOR CATARINENSE
MARLIO SILVEIRA, COM O GRUPO ARMAÇÃO E OS ATORES
MARCELO PERNA E JULI NESI.

**LOCAL: BIBLIOTECA PROFESSOR BARREIROS FILHO
RUA JOÃO EVANGELISTA DA COSTA, 1.160
BAIRRO DE FÁTIMA - FLORIANÓPOLIS - FONE/FAX (048) 248-5013**

FLORIANÓPOLIS - SC

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA

tem a honra de convidá-lo para a Sessão Solene em homenagem ao centenário de nascimento do sócio ENEDINO BAPTISTA RIBEIRO, a realizar-se dia 26 de maio de 1999, no Auditório do Palácio Cruz e Sousa, à Praça XV de Novembro s/n.

Na ocasião falará em nome do IHGSC o desembargador Carlos Alberto Silveira Lenzi.

FLORIANÓPOLIS - SC

O Governo do Estado de Santa Catarina e a Fundação Catarinense de Cultura, através da Biblioteca Pública do Estado, têm o prazer de convidar Vossa Senhoria e família para o encerramento das festividades de 145 anos da criação da Biblioteca e lançamento do livro *Os Iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado*, do historiador Nilson Thomé, com o selo da Editora Insular.

Local: hall da Biblioteca Pública do Estado

Data: 31/05/99- segunda-feira- Horário: 20 horas

Rua Tenente Silveira, 343 - Florianópolis

FLORIANÓPOLIS - SC

Diário Catarinense, Café Cancun e Editora Mercado Aberto têm o prazer de convidar V. Sa. para o ato de lançamento do livro **"O Plano Surreal"** do jornalista Sérgio da Costa Ramos, a realizar-se no dia 30 de novembro, terça-feira, nos salões do Café Cancun, à Avenida Rubens de Arruda Ramos.



“A leitura de Sérgio da Costa Ramos deve vir sempre acompanhada deste assombro a mais: tudo foi escrito de um dia para o outro. As crônicas foram salvas do destino natural da sua espécie – estão em livro porque merecem esta eternidade.”

Luiz Fernando Veríssimo

“Sérgio da Costa Ramos, melhor revelação de cronista brasileiro na última década, é capaz de conciliar refinamento florentino na forma de tratar a língua portuguesa com humor e uma alta simplificação dos temas de que se ocupa. Esta só pode ser feita ao rés-do-chão, para que gregos e goianos possam acompanhar o cronista.”

Deonísio da Silva

FLORIANÓPOLIS - SC

A Fundação Catarinense de Cultura, através do Museu Histórico de Santa Catarina, em parceria com o Colégio Catarinense, tem o prazer de convidar V. Sa. e Exma. Família para abertura da Exposição Pe. Antônio Vieira, como parte da série Comemoração dos Descobrimentos Portugueses

Local: Palácio Cruz e Sousa

Dia: 22 de abril de 1999

BLUMENAU - SC

ANITA GARIBALDI UMA HEROÍNA BRASILEIRA

Uma Heroína Brasileira

A Editora SENAC, São Paulo, a Prefeitura Municipal de Blumenau e a Fundação Cultural de Blumenau convidam para o lançamento do livro

**ANITA GARIBALDI
UMA HEROÍNA BRASILEIRA
DE PAULO MARKUN**

Dia 31 de agosto de 1999, no Mausoléu Dr. Blumenau

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Blumenau - SC



RECIFE - 1999

Parintins

*Os pernambucanos Lula Gonzaga,
Ubiracy Ferreira e Sandra Sales participaram da
comissão julgadora do famoso
Festival do Boi-Bumbá de Parintins,
no Amazonas.*

FLORIAÓPOLIS-SC

A Fundação Catarinense de Cultura, através do Museu Histórico de Santa Catarina em parceria com o Colégio Catarinense, tem o prazer de convidar V. Sa. e Exma. Família para abertura da Exposição Pe. Antônio Vieira como parte da Série Comemoração dos Descobrimento Portugueses Local: Palácio Cruz e Souza Dia 22 de abril de 1999.

FESTA DE NOSSA SENHORA DA LAPA

190 Anos de Tradição

11/07/1809 - 11/07/1999

Religiosidade Fé Amor

22/23/24/25/26/27/28/29/

de agosto de 1999

RIBEIRÃO DA ILHA

Histórico

A região, que hoje denomina-se Ribeirão da Ilha, foi habitada, secular e primitivamente, pelos índios "Carijó".

Em 1514 passaram a habitá-la os primeiros europeus, 19 marinheiros espanhóis, que com a chegada, em 1526, de Sebastião Cabotto (foi quem deu nome à Ilha), organizaram o primeiro povoado da Ilha de Santa Catarina,



que passou a ser chamado de “Simplício” e junto à desembocadura de um riacho, denominado de Ribeirão ou Canto do Ribeirão (Riberaco em espanhol).

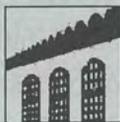
No programa da colonização açoriana, entre 1748 e 1756, o povoado de Simplício, com cerca de duas dezenas de moradores, foi ampliado com a chegada de 60 casais, aproximadamente 280 pessoas.

Os açorianos passaram a denominar a nova localidade de “Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha” e, para a Padroeira, cuja imagem fora trazida por Manoel Vargas Rodrigues em 1760, foi construída uma capelinha inaugurada em 1763, no Barro Vermelho.

Expandiu-se a comunidade mais adiante onde foi organizada a vila com a Matriz, benta em 1806, construídas as casas e implantada a Praça, como hoje se apresenta. Complementa-se o povoado com montagem de diversas propriedades rurais em “meia légua em quadra”, como determinará o Rei de Portugal.

Missas na Matriz
Domingos às 8:30h
Terças-feiras às 19:30h
Missa de Santo Antônio
Visitas turísticas à Matriz
Inverno - Terças aos Domingos
11:30 às 17:30 horas
Verão - 9:30 às 12 horas
14 às 17 horas

Colaboradores



Restaurante e Pousada
do Museu

Restaurante e Pousada do Museu
O tempero da História
Ecomuseu do Ribeirão da Ilha
Um passeio na História
Rod. Baldicero Filomeno, 10.106
Costeira do Ribeirão

FLORIANÓPOLIS - SC

A Editora Papa-Livro e a escritora Leatrice Moellmann convidam V. S.^a para o lançamento do livro “Amor nos Anos 90” durante a 14^a Feira do Livro de Florianópolis e 1^a Bienal do Livro do Cone Sul

Dia 13.09.99

No Stand da Editora Papa-Livro, Av. Anita Garibaldi, Beiramar Shopping - 3º Piso de Garagem

FLORIANÓPOLIS - SC

Os presidentes do
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA e da

ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS

têm a honra de convidá-lo e Exma. Família para a

Sessão Solene Conjunta

em homenagem a

HEITOR PINTO DA LUZ E SILVA

pelo cinquentenário de seu falecimento, a realizar-se no dia 29 de setembro de 1999, no auditório do Palácio Cruz e Sousa, à Praça XV de Novembro, Florianópolis.

Será orador o associado e acadêmico

CELESTINO SACHET.

**ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
PROF. BARREIROS FILHO - AABM**

Fundada em 29 de novembro de 1986 - Símbolo: Lírio

FLORIANÓPOLIS - SC

CONVITE

A BIBLIOTECA E SEUS PATRONOS

A Editora Papa-Livro/Associação de Amigos/Secretaria Regional do Continente/Biblioteca Pública Municipal Prof. Barreiros Filho convidam para o lançamento da obra A Biblioteca e seus patronos - Francisco Barreiros Filho/Abelardo Sousa/Doralécio Soares. A referida obra teve o apoio da Fundação Franklin Cascaes. O lançamento contará com a presença do jornalista e escritor Doralécio Soares.

DIA: 15 DE SETEMBRO DE 1999

HORA: 19 HORAS

LOCAL: 1ª BIENAL DO LIVRO DO CONESUL - BEIRAMAR SHOPPING
- Stand da Editora Papa-Livro

FLORIANÓPOLIS - SC

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e a Editora Insular têm a satisfação de convidar V. S^a. e Ilma. Família para o lançamento do livro

Tão fortes quanto à vontade

história da imigração italiana no Brasil: os vênetsos em Santa Catarina de Nelma Baldin

Dia 04 de novembro de 1999, no hall da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina - Florianópolis, SC.

Apresentação da Associação Coral Ítalo-Florianopolitana

SÃO PAULO - SP

Correspondência

Estimados(as) Senhores(as):

O “**IOV - Organização Internacional de Artes Populares**”, de relações oficiais UNESCO e representada em mais de 177 países, vêm com grande satisfação comunicar que a Secção Nacional do IOV - Brasil escolheu e estará realizando a **II CONFERÊNCIA SULAMERICANA DE ESTUDIOSOS EM ARTES POPULARES**, na Estância Balneária de Praia Grande.

Com tema central “**FOLCLORE, CULTURA E EVENTO TURÍSTICO**” de 18 a 22 de agosto de 1999, ilustres Conferencistas, Membros do IOV da América do Sul e Caribe, bem como experts, professores, universitários e interessados, estarão debatendo e trocando experiências que sem dúvida serão enriquecedoras.

Na certeza do interesse desta Comissão e seus Membros em participar da CONFERÊNCIA, solicitamos sua divulgação entre os mesmos, bem como encaminhamos em anexo Ficha de Inscrição.

Sem mais, subscrevemo-nos com
Saudações folclóricas

Helena Lourenço
Representante do IOV - Brasil

FLORIANÓPOLIS - SC

CONVITE

A Associação Cultural Orquestra Sinfônica de Santa Catarina e a Fundação Catarinense de Cultura sentem-se honrados em convidar V. S^a. para prestigiar a performance “Prelúdio aos 500 anos de Brasil”, a qual abre oficialmente a Temporada de Concertos 1999 da Orquestra Sinfônica de Santa Catarina. Do programa constam exclusivamente obras populares e eruditas de compositores nacionais.

Data: 21 de julho de 1999

Local: Teatro Ademar Rosa - C9C

Av. Irineu Bornhausen, 5.600 - Florianópolis - SC

RIO DE JANEIRO - RJ

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
SUBSECRETARIA DE CULTURA
COORDENAÇÃO DE ARTES E TRADIÇÕES POPULARES

XVII FEIRA DE ARTES E TRADIÇÕES POPULARES

**Folclore Nacional e Internacional,
Comidas Típicas, Artesanato, Shows**

“Tudo é loucura ou sonho no começo, nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira - mas já tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum”.

(O Mundo da Lua - 1923)

Monteiro Lobato

IMBITUBA - SC

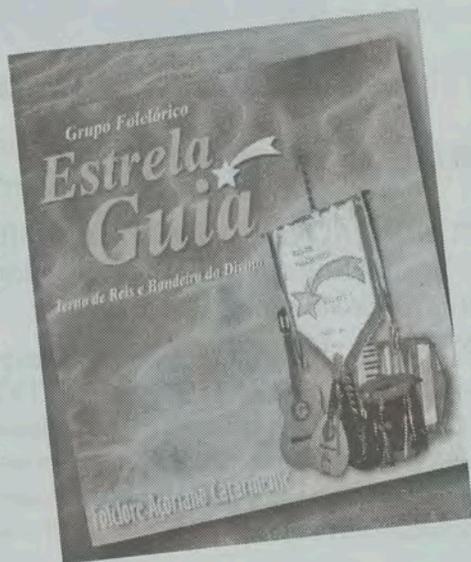
Convite

A Associação Folclórica Grupo Estrela Guia tem a honra de convidar Vossa Senhoria e Excelentíssima Família para o Coquetel de Lançamento do seu 1º CD **Folclore Açoriano Catarinense**, com as seguintes atrações: participação de Grupos Folclóricos de Santo Amaro da Imperatriz, Garopaba, Penha e Banda da Polícia Militar de Tubarão.

Data: 04 de dezembro de 1999

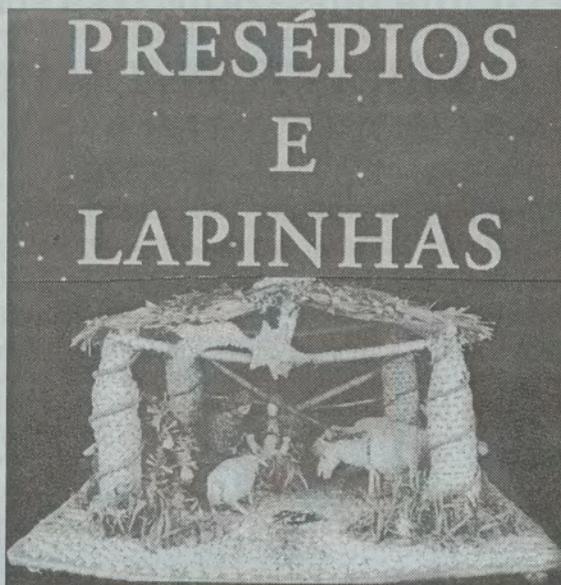
Horário: a partir das 20:30 horas

Local: Imbituba Atlético Clube



SÃO PAULO - SP

O SESC - Serviço Social do Comércio de São Paulo, convida para a Exposição de Presépios e Lapinhas no Museu Rossini Tavares de Lima.



BLUMENAU - SC

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

2º Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau

Rua XV de Novembro, 161

89010-001 - Blumenau - SC

FLORIANÓPOLIS - SC

**A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS e a
CEPEC editora** têm o prazer de convidá-lo(a) para a Sessão de autógrafos do livro **“Ciclo dos Olhos”** do escritor e acadêmico Pinheiro Neto, a realizar-se em:
15 de setembro de 1999
3º piso do Beiramar Shopping
I Bienal do Livro do Mercosul
(stand da Academia Catarinense de Letras)

FLORIANÓPOLIS - SC

A Topbooks Ed. Rio de Janeiro, a Fundação Catarinense de Cultura, o Departamento Artístico Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina e o Grupo Arcos-Biguaçu têm a honra de convidar Vossa Senhoria e ilustríssima Família para os Lançamentos do 18º livro de Salim Miguel.

NUR - na escuridão (romance)

Retrato do Brasil das décadas de 20 a 50, visto através de uma família de imigrantes libaneses.

- Dia 30 de novembro de 1999, Museu Cruz e Sousa, Praça XV de Novembro, Florianópolis.
- Dia 03 de dezembro de 1999, Câmara de Vereadores de Biguaçu, Prédio da Prefeitura Municipal, Praça Nereu Ramos s/n.

JARAGUÁ DO SUL - SC

Prezados coordenadores,

Estamos encaminhando correspondência para convidá-los a participar do VII Acampamento Folclórico e IV Olimpíada Folclórica Alemã, neste sentido para que já possam ir se organizando para os períodos de 20 a 23/04/2000. Estamos confirmando com isso nossa intenção da realização de 2º evento interétnico. Durante os próximos meses encaminharemos outras informações a respeito do evento. Nós, do Museu Parque Malwee - Wolfgang Weeg e grupos organizadores do evento, subscrevemo-nos.

FLORIANÓPOLIS - SC

LIVRARIA EDITORA INSULAR

CONVIDA

DIA 13 DE SETEMBRO, SEGUNDA-FEIRA

Abertura da 1ª Bienal do Livro do Cone Sul

4ª Feira do Livro de Santa Catarina

14ª Feira do Livro de Florianópolis

Lançamento do Livro O Embaixador de Ariel - Breve notícia sobre a vida de Edmundo da Luz Pinto, de Licurgo Costa

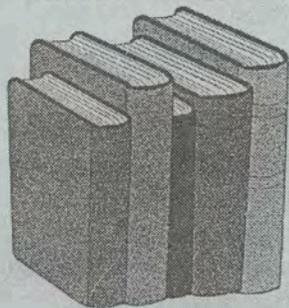
DIA 14 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA

Lançamento do Livro A Terceira Revolução - Mercosul de Jorge Castro - Secretário Nacional de Planejamento Estratégico da Argentina, com prefácio de Carlos Saul Menem

FLORIANÓPOLIS - SC

SESSÃO DE AUTÓGRAFOS

A Biblioteca Pública Municipal Prof. Barreiros Filho/A Associação de Amigos da Biblioteca e o Grupo de Poetas Livres, CONVIDAM para a SESSÃO DE AUTÓGRAFOS, dia 14 de outubro de 1999 (quinta-feira), às 20 horas, tendo por local o Auditório Prof. Abelardo Sousa. Rua João Evangelista da Costa, 1.160 - Canto (Esquina Colégio N. Sra. de Fátima). Além da Música, com Thaysa Souza Sepetiba, e da Poesia, um coquetel ofertado pela BIG PAN 24 HORAS - Padaria e Merceria.



FLORIANÓPOLIS - SC

O BADESC - Agência Catarinense de Fomento S.A. tem o prazer de convidar para abertura da exposição

A Natividade - Botticelli

(uma releitura contemporânea)

artistas convidados

Beta Monfroomi

Guido Hewer

Hassis

Lena Peixer

Neri Andrade

Pita Camargo

Semy Braga

Suely Beduschi

Vera Sabino

Abertura

Dia 14 de dezembro, no Espaço Cultural Fernando A.M. Beck, Av. Mauro Ramos, 1.277 Florianópolis - SC

Visitação:

De 14 de dezembro a 28 de janeiro de 2000.

FLORIANÓPOLIS - SC

Madame Hezmet

e outros contos fantásticos Guy de Maupassant

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Gilmar Knaesel, e a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina têm a satisfação de convidar para o lançamento do livro, edição

bilingüe francês/português “Madame Hermete e outros contos fantásticos”, de Guy de Maupassant, traduzido e organizado pelas professoras: Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach e Maria José Weerner Salles, a realizar-se no dia 08 de dezembro de 1999, às 20 horas, no hall da Assembléia Legislativa.

FLORIANÓPOLIS - SC

FEIRA DOS MUNICÍPIOS ATRAI 35 MIL

Sucesso do evento garante repetição no ano que vem

Cerca de 35 mil pessoas visitaram a primeira edição da Feira de Integração dos Municípios Catarinenses (FIMC), que reuniu expositores de mais de 100 municípios que apresentaram suas potencialidades turísticas e econômicas e suas peculiaridades na cultura e gastronomia, de 3 a 7 deste mês, no Centro de Convenções de Florianópolis. Segundo o coordenador do evento, Roberto Costa, a Feira atingiu seu objetivo - fortalecer a imagem institucional dos municípios que vieram apresentar suas potencialidades. “A presença de público e o índice de satisfação dos expositores superaram as expectativas”, declarou Costa.

A próxima edição, possivelmente no primeiro semestre do ano 2000, já conta com 50% dos espaços reservados, revelou o organizador. O presidente da Federação Catarinense dos Municípios (Fecam), o prefeito de Guaramirim, Antonio Carlos Zimmermann, ressaltou a “iniciativa inédita e a oportunidade impar” dos municípios poderem buscar novas oportunidades de desenvolvimento.

Promovida em conjunto pela Fecam e Assembléia Legislativa, a Feira serviu para os municípios, além de oferecerem ao público produtos típicos, nos estandes, também apresentarem todas as noites shows folclóricos e artísticos, de modo a divulgar a diversidade das tradições culturais que podem ser encontradas em Santa Catarina. Simultaneamente, administradores municipais participaram de palestras técnicas sobre marketing, linhas de

financiamento específicas para modernização da administração pública e novidades em informática específicas para prefeituras.

Na hora do balanço final da Feira, representantes dos municípios festejaram os resultados na área gastronômica: o doces caseiros, de Brusque, venderam 550 strudels (doce de origem alemã, de massa folhada com recheio de maçãs, passas e amêndoas) em apenas 45 minutos, enquanto a barraca de Luís Alves venderam 1.080 litros de sua tradicional cachaça. Já o estande de Pomerode quase não deu conta da demanda, vendendo mais de 700kg de lingüiça e quase 200kg de bolachas artesanais. Foram, ainda, vendidos 1.500kg de mel na representação de Içara, conhecida como Capital Nacional do Mel, muito frescal e queijo da Região Serrana e frutos do mar da Capital. O público ainda consumiu in loco 4.500 empadas do Chiquinho, de Florianópolis, e igual quantidade da Jerke, de Joinville.

Transcrito do Jornal A Notícia Capital

FLORIANÓPOLIS

O BADESC - Agência Catarinense de Fomento S.A., convida para abertura da exposição de pinturas de

Môa

(Moacir Moreira)

Abertura

Dia 28 de outubro, às 19 horas - Espaço Cultural Fernando A.M. Beck - Av. Mauro Ramos, 1.277 - Florianópolis - SC

Na plasticidade do movimento, os pássaros, entremeio a luzes e cores, à repetição e à seriação, marcante gesto da Arte Contemporânea, instalam-se na obra de Môa, numa constante elegia ao tempo.

Nadja de Carvalho Lamas
crítica de arte

Visitação

De 28 de outubro a 02 de dezembro de 1999
segunda a sexta-feira, das 7 às 19 horas

FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA NO SÉCULO XX

Sívio Coelho dos Santos

ORGANIZADOR

Alcides Abreu

Carlos Humberto Corrêa

Hoyêdo Nunes Lins

Paulo Fernando Lago

O Governador do Estado de Santa Catarina,

Doutor Esperidião Amin Helou Filho,

O Presidente da Assembléia Legislativa,

Deputado Gilmar Knaesel,

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina,

Professor Rodolfo Joaquim Pinto da Luz,

O Reitor da Universidade do Vale do Itajaí,

Professor Edison Villela,

Convidam V.S^a e Ilma. Família para o lançamento do livro

Santa Catarina no Século XX

Ensaios e Memória Fotográfica.

Local 1º de dezembro de 1999

FLORIANÓPOLIS

GRUPO SUL

O século que está completando sua caminhada foi marcado, na literatura catarinense, pela presença da **Academia Catarinense de Letras** e pelo movimento de vanguarda do **Grupo Sul**.

Em reconhecimento ao valor da contribuição da juventude literária das décadas de 1940 e 1950 à cultura catarinense, a **Academia Catarinense de Letras** sente-se honrada em homenagear o **Grupo Sul** no encerramento do ano acadêmico de 1999, promovendo sessão de autógrafos dos livros:

Terra e Outros Poemas, de Anibal Nunes Pires, por sua viúva, senhora Eugênia de Oliveira Nunes Pires e seu filho José Henrique (Zeca) Nunes Pires;

As Confissões Prematuras, pelo autor Salim Miguel; e

A Poesia Modernista Catarinense das Décadas de 40 e 50, pela autora Valdézia Pereira.

Data: 2 de dezembro de 1999

Horário: das 17 às 18 horas

Sede da Academia Catarinense de Letras

A **Academia Catarinense de Letras**, na oportunidade, efetuará a entrega dos seguintes prêmios literários de 1999:

PRÊMIO OTHON D'ÊÇA - Escritor do Ano - ao escritor **Francisco José Pereira**, autor de *O Pardieiro*;

PRÊMIO DESTAQUE à Editora Grifos, da Universidade do Oeste de Santa Catarina, entidade que se notabilizou pelo apoio à cultura catarinense;

PRÊMIO REVELAÇÃO LITERÁRIA, ao escritor **Wilson Santos**, autor de *Andanças - Crônicas de Uma Época*;

HOMENAGEM ESPECIAL, aos escritores **Paulo Markun** e **Celso Martins**, pela importante contribuição aos estudos sobre o sesquicentenário da morte de Anita Garibaldi.

Comissão: acadêmico Salomão Ribas Jr. (Presidente), acadêmico Napoleão Xavier do Amarante, acadêmico João Alfredo Medeiros Vieira, acadêmico Édson Ubaldo e acadêmico Walter Piazza.

BELÉM - PARÁ



Doutora Maria Brígido, Presidente da Comissão Paraense de Folclore, recebe a medalha do Mérito Helena Waldez, no dia 8 de março de 1999, Dia Internacional da Mulher, conferida pela Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Pará.

BLUMENAU - SC

Que a luz da estrela que anunciou o Menino Jesus ilumine nossos caminhos irradiando paz e solidariedade. Que ao nascer do novo ano não fiquemos apenas na platéia, a fim de rir ou chorar, mas sejamos protagonistas deste belo espetáculo que é a VIDA.

São os votos da Fundação de Blumenau
Blumenau. Natal de 1999

OLÍMPIA - SP

“Neste final de milênio, a Associação Olímpiense de Defesa do Folclore Brasileiro vem expressar-lhe seus votos de pleno êxito e crescente sucesso em todos os seus projetos e empreendimentos.”

Um fraternal abraço



FLORIANÓPOLIS

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina,
Deputado Gilmar Knaesel, tem a satisfação
de convidar para a exposição sobre
“A Guerra do Contestado”,
a realizar-se no dia 1º de setembro de 1999, na Galeria de Arte do
Palácio Barriga-Verde.

PROGRAMAÇÃO

Mostra Inconográfica

Lançamento Literário

“Da cidade Santa à Corte Celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado”

Autor: Prof. Delmir José Valentini

Sessão de Autógrafos

“Os Iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado”

Autor: Nilson Thomé

“Glória até o fim: espionagem militar na Guerra do Contestado”

Autor: Telmo Fortes

“O Dragão Vermelho do Contestado”

Autor: Sanford de Vasconcellos

“O Contestado - Sangue no Verde do Sertão”

Autora: Ângela Bastos

Música, Teatro e Coreografia

Banda Mozart e Coral Municipal de São Joaquim

CTG Barbicacho Colorado - Lages

Pré-lançamento do folclore de qualidade do Contestado

SÃO MIGUEL DO OESTE - SC

FOLHA DO OESTE

O Jornal Semanário Folha do Oeste, que se edita no município de São Miguel do Oeste, é um jornal com seus vários colaboradores, cumpre uma missão cultural de real valor, cobrindo toda região oestina. Tem como editor-chefe o jornalista Miguel Ângelo Gabbi, sendo de propriedade da Editora Jornalística Folha do Oeste Catarinense Ltda.

Destaca-se entre as suas páginas a “Folha Variedades,” a página CHAQUE NATIVO, comandada pelo folclorista ALEXANDRE TIEZERINI, com pseudônimo de TIO AMADEUS, que divulga o folclore gaúcho e catarinense nos seus vários aspectos. Alexandre Tiezerini é membro da Comissão Catarinense de Folclore, representando esta Comissão com destaque naquela região.

FLORIANÓPOLIS

O Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis - Sinergia tem o prazer de convidar você, sua família e amigos para o lançamento do livro Conto e Poesia, que reúne os trabalhos selecionados no 3º Concurso Literário promovido pelo Sindicato.

AUTORES

Adriano Pauli	Evandro José de Alvararenga
Aldo Guido Votto	Irirêu Voiglaender
Alexsandre Adir de Souza	Iris Guimarães Borges
Alexsandro de Souza	Jaime Ambrósio
André Pinheiro	Jaane de Lima e Silva
Augusto Alberto Neto	Jeane Heiland
Célia Biscaia Veiga	José Vítor Centeno
Daniela Bunn	Lisangela Albino
Dunia Anjos de Freitas	Luiz Alberto Corrêa
Emanuel Medeiros Vieira	Mara Lúcia Bauer Moritz

1º de outubro de 1999, sexta-feira, 19h

Palácio Cruz e Sousa (em frente à Praça XV)

Haverá apresentação musical, declamação de poemas e muito mais.

Márcia Schwabe Ferreira	Rubens da Cunha
Marcio Augusto Furtado	Sandra Meyer Silvestre
Mauro Faccioni Filho	Sigval Jidson Schaitel
Milton Mills	Silvério Ribeiro da Costa
Patrícia Helena de Oliveira	Suzana da Silva Mafra
Paulo Sá Brito	Tchello d'Barros
Raquel Wandelli	Viegas Fernandes da Costa
Regina Carvalho	Vinícius Delgado
Roberto Costa	Walmor Alves Pereira
Rosa Claudia Onzi	Walmor Santos
Rosane de Souza	Yedda de Castro Bräscher Goulart

FLORIANÓPOLIS

A Editora Papa-Livro e a escritora Kátia Rebello convidam V.S.^a para o lançamento do livro "Coincidência!" Durante a 14ª Feira do Livro de Florianópolis e 1ª Bienal do Livro do Cone Sul

Dia 17.09.99

no Stand da Editora Para-Livro, Av. Anita Garibaldi, Beiramar Shopping - 3º Piso de Garagem

FLORIANÓPOLIS

Os presidentes do

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA

e da

ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS

têm a honra de convidá-lo e Exma. família para a

Sessão Solene Conjunta

em homenagem a

HEITOR PINTO DA LUZ E SILVA

pelo cinquentenário de seu falecimento, a realizar-se dia 29 de setembro de 1999, no auditório do Palácio Cruz e Sousa, à Praça XV de Novembro, Florianópolis.

Será orador o associado e acadêmico

CELESTINO SACHET

FLORIANÓPOLIS

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Gilmar Knaesel, tem a satisfação de convidar para a Inauguração do Centro de Informações deste Poder a realizar-se no dia 1º de setembro de 1999, às 19 horas e 30 minutos no hall do Palácio Barriga-Verde.

CHILE - ARGENTINA

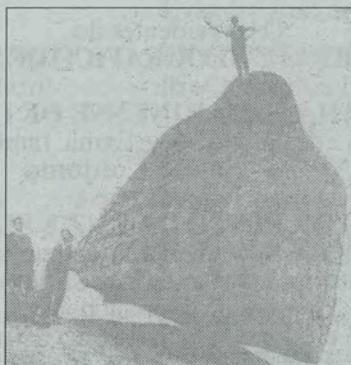
**IV CONGRESSO BINACIONAL DE
FOLKLORE CHILENO, ARGENTINO
Y PARA LOS PAISES DEL MERCOSUR**

**LOS SABERES POPULARES EN EL
FIN DEL MILENIO**

**IDENTIDAD CULTURAL, PLURALISMO,
TRANSFORMACION**

26, 27 y 28 de agosto de 1999

TANDIL
ARGENTINA



PRESIDENCIA HONORARIA

FELIX COLUCCIO
MARGOT LOYOLA PALACIOS
MANUEL DANEMANN

ORGANIZAN
ACADEMIA BINACIONAL DEL FOLKLORE
CHILENO Y ARGENTINO. CHILE

DEPARTAMENTO DE EDUCACIÓN
NÚCLEO DE ESTUDIOS EDUCACIONALES Y SOCIALES
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANAS
UNIVERSIDAD NACIONAL DEL CENTRO
DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES ARGENTINA

PROGRAMA TENTATIVO

9 a 11 Recepción, Confirmación de Inscripciones. Entrega de Carpetas
y credenciales. Sede Cámara Empresaria de Tandil. Mitre 856
11 a 13 Acto de Apertura. Conferencia Inaugural. Invitado Especial
13 a 16 Receso
16 a 19 Ponencias
19 a 20 Igual Rumbo. Mesa Redonda con Invitadas Especiales
20 a 21 Espectáculo

Viernes 27

9 a 21 Ponencias
12 a 13 Conferencia Invitado Especial
13 a 16 Receso
16 a 19 Ponencias
19 a 20 Entrega de Premios desde la Academia Binacional de Folklore
22 Sentires y Cantares. Peña del Encuentro.
Con presencia de las delegaciones de regiones y países participantes en el
Congreso.

Sábado 28

9 a 11 Talleres a cargo de Especialistas Invitados Especiales

11 a 13 Espectáculo

13 a 16 Receso

16 a 18 Ponencias

19 a 20 Mesa de Cierre

Entrega de Certificados. Despedida

REGLAMENTO PARA LA PARTICIPACIÓN Y PRESENTACIÓN DE TRABAJOS.

* La participación en el Congreso tiene como requisito estar Inscrito en calidad de: Miembro Titular (Profesionales o personas interesadas) o Miembro Activo (Estudiantes Universitarios, Terciarios y otros).

Presentación de resúmenes y Ponencias

* Se podrá presentar un trabajo por participante, inédito, y con no más de dos autores.

* Para la presentación de Ponencias, Espacios de Comunicación y Muestras deberán inscribirse y enviar para la presentación a la Secretaría del Congreso un Resumen no mayor a 40 líneas en Formato Word 6.0 - 7.0, fuente: times New Roman, tamaño 12, incluyendo síntesis curricular del autor a Tres copias y diskette 3.5.

La presentación de trabajos debe hacerse por escrito en dos copias y diskette 3.5, con indicaciones precisas en la etiqueta, en el mismo formato que los resúmenes

Fecha límite para la presentación de resúmenes 30 de junio.

Fecha límite para la presentación de trabajos completos 30 de julio.

Los Resúmenes pueden ser enviados a través de Correo electrónico ATACHEADO.

La COMISION ACADEMICA se reserva el derecho de admitir los trabajos presentados.

FLORIANÓPOLIS

O BADESC - Agência Catarinense de Fomento S.A. convida para
abertura da exposição de pinturas de

MARA SANTOS

Com apresentação do GHOLPE - Grupo Holos de Percussão
Experimental

Componentes: Guilherme Ledoux, Luiz Fernando Goulart, Luiz Roberto
Sampaio, Rodrigo Paiva, Vitor Bub

Abertura

Dia 07 de julho

Espaço Cultural Fernando A.M. Beck

Av. Mauro Ramos, 1.277

Florianópolis - SC

Terras

São pinturas com vários tipos de terras, sobre tela com inserções de fotografias de rostos pintados com motivos tribais, lembrando xilogravuras. Há também a exploração das expressões procurando transmitir ao espectador sensações, as quais nos defrontamos diariamente como: o espanto, a indignação, a tristeza, o prazer etc.

Do barro também é levado em conta os contrastes dos materiais, como a leveza da plasticidade e dureza do papel fotográfico.

Nas fotos temos a exploração das sutilezas do claro e escuro, ou melhor, luz e sombras que conforme trabalhada tanto ameniza como transforma o belo em monstro.

A materialidade da pintura nos transporta a uma explosão de forças antagônicas, típica desse fim de milênio, em que há um forte confronto entre o mundo tecnológico e o espiritual.

Mara Santos

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

COMISSÃO DA ANDARAÍENSE DE FOLCLORE

Carolina Soares - Presidente

Rua João Nogueira, 109 - Fátima - CEP 88020-150 - Florianópolis, SC

Marcelo Costa Jarugoda

Rua Admar Graff, 478 - CEP 88048-120 - Itaja, Florianópolis, SC

Vivian Tereza Plaza

Rua Frei Evandro, 100 - CEP 88025-410 - Jaraguá, SC

Osvaldo Ferreira de Melo

Rua Joaquim Torres, 11 - CEP 88025-400 - Florianópolis, SC

Cátia Alzate Angioletti Vieira

Rua Carolina Graff, 112 - CEP 88025-460 - Jaraguá, SC

Normando José Farias - Vice-Presidente

Rua Manoel de Lencastre, 1.195 - Edif. Central do Centro - Av. 709 - CEP 88040-001 - Florianópolis, SC

Geis José Coelho

Departamento de Antropologia da UFSC - Campus da UFSC - CEP 88040-901 - Florianópolis, SC

Leila Regina Nunes

Rua Frei Capistrano, 204 - Av. 1000-A - CEP 88025-000 - Itapoenha, SC

Alexandre Tazenni

Calva Preta, 248 - CEP 88040-001 - Jaraguá, Itajaí, SC

COMPOSTO E IMPRESSO



IOESC

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO
DE SANTA CATARINA

Fone: (0xx48) 239-6000

79050

COLABORADORES

Fábio José Cardoso (Florianópolis, SC)

Luiz Dela (Moiná, São Paulo, SP)

Saul Martins (São Helena, MG)

Mário Souto Maior (Gerais, PE)

Albino Leite Filho (Caruaru, PE)

Ana Maria Amaro (Cascaes, Portugal)

Maria do Rosário Tavares de Lima (São Paulo, SP)

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Doralécio Soares - Presidente

Rua Júlio Moura, 146, 1º andar - CEP 88020-150 - Florianópolis, SC

Theobaldo Costa Jamundá

Rua Arthur Grahl, 478 - CEP 89046-120 - Velha, Blumenau, SC

Valter Fernando Piazza

Rua Frei Evaristo, 109 - CEP 88025-410 - Florianópolis, SC

Osvaldo Ferreira de Melo

Rua Joaquim Costa, 11 - CEP 88025-400 - Florianópolis, SC

Carlos Alberto Angioletti Vieira

Rua Joaquim Costa, 112 - CEP 88025-400 - Florianópolis, SC

Nereu do Vale Pereira - Vice-Presidente

Av. Hercílio Luz, 1.199 - Edif. Costa do Marfim - Ap. 702 - CEP 88020-001 - Florianópolis, SC

Gelsí José Coelho

Museu de Antropologia da UFSC - Campus da UFSC - CEP 88040-900 - Florianópolis, SC

Lélia Pereira Nunes

Rua Frei Caneca, 564 - Ap. 1006-A - CEP 88025-000 - Florianópolis, SC

Alexandre Tiezerini

Caixa Postal 249 - CEP 89900-000 - São Miguel d'Oeste - SC

Paschoal Apóstolo Pítsica

Rua Artista Bitencourt, 89 - Ap. 901 - CEP 88021-060

Sônia Maria Copp da Costa

Rua D. Fernando do Trejo, 440 - CEP 89240-000 - São Francisco do Sul

Maura Soares

Rua Sílvio Possobon, 15 - Abraão - CEP 88085-190 - Florianópolis, SC

COLABORADORES

Flávio José Cardozo (Florianópolis, SC)

Laura Dela Monica (São Paulo, SP)

Saul Martins (Belo Horizonte, MG)

Mário Souto Maior (Olinda, PE)

Aleixo Leite Filho (Caruaru, PE)

Ana Maria Amaro (Cascais, Portugal)

Maria do Rosário Tavares de Lima (São Paulo, SP)



SANTA CATARINA